

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL**

PABLO MARTINS BERNARDI COELHO

**A PERMANÊNCIA DE TLAXCALA FRENTE AO PODERIO
MEXICA NOS SÉCULOS XV E XVI**

FRANCA

2010

PABLO MARTINS BERNARDI COELHO

**A PERMANÊNCIA DE TLAXCALA FRENTE AO PODERIO
MEXICA NOS SÉCULOS XV E XVI**

**Dissertação apresentada à Faculdade de História,
Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, como exigência parcial para
a obtenção de título Mestre em História. Área de
Concentração: História e Cultura.**

**Orientadora: Prof. Dra. Ana Raquel Marques da
Cunha Martins Portugal**

FRANCA

2010

Coelho, Pablo Martins Bernardi

A permanência de Tlaxcala frente ao poderio mexica nos séculos XV e XVI / Pablo Martins Bernardi Coelho. –Franca: UNESP, 2010.

Dissertação – Mestrado – História – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP

1. México – História – Guerra mesoamericana. 2. Crônicas mexicanas. 3. Tlaxcala – História.

CDD – 972.05

PABLO MARTINS BERNARDI COELHO

**A PERMANÊNCIA DE TLAXCALA FRENTE AO PODERIO
MEXICA NOS SÉCULOS XV E XVI**

Dissertação apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: História e Cultura.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____
Profa. Dra. Ana Raquel Marques da Cunha Martins Portugal

1º Examinador: _____

2º Examinador: _____

Franca, ____ de _____ de 2010.

AGRADECIMENTOS

Eis que chegou o momento de expressar sinceros agradecimentos a muitos e tantos adorados familiares e amigos – tanto aos ‘velhos’ e queridos quanto aos que se revelaram ao longo desse tempo.

Bem sei que corro o risco de não dar conta desse “muitíssimo obrigado” como é merecido, porque será difícil exprimir a beleza que foi esse movimento de energias e impulsos que foram chegando. Por tudo isso destaca-se também, para além da mera formalidade, um sentido: o da formação de uma verdadeira rede de solidariedade e de muito, muito afeto.

Para maior percepção desse sentido devo contar que esta não foi uma caminhada breve, mas uma travessia que parecia sem fim, principalmente pelas intercorrências pessoais de toda ordem, que me atropelaram. Esses percalços, longe de obscurecerem o trajeto, aumentaram-lhe o brilho. E, ao invés de me deterem, impulsionaram-me com mais força.

Se o desafio era enorme, as motivações eram grandiosas, somadas às espontâneas generosidades que fizeram possível a transformação de instantâneos momentos de angústia e sofrimento em uma estrada larga, margeada de flores, frutos e frondosas árvores! Uma estrada toda verde – repleta de cheiros, cores, e sons – cujo nome é esperança e cuja base é a busca de saberes Talvez esta dissertação seja o resultado mais visível desse processo de construção em meio a uma conjuração de afetos e amizades.

Finalizada uma etapa particularmente importante da minha vida, não poderia deixar de expressar o mais profundo agradecimento a todos aqueles que me apoiaram nesta longa caminhada e contribuíram para a realização deste trabalho.

- A meus pais, Paulo Ramadier e Sonia, os mais profundos agradecimentos por suas sábias lições de esperança; sempre repetindo palavras essenciais – como, por exemplo, amor, crença, compreensão, alegria – infundiram-me a confiança necessária para realizar os meus sonhos.
- A minha esposa Francielle que traz tanta luz e gosto para minha vida. Esta pessoa com muita sabedoria, discernimento, bom senso e dedicação esteve ao meu lado me encorajando nas horas difíceis e me aplaudindo nos momentos de glória.
- A minha querida orientadora Profa. Dra. Ana Raquel Marques da Cunha Martins Portugal agradeço pela confiança em mim depositada, pela orientação sempre segura e extremamente competente e que muito contribuiu com o seu otimismo, a sua experiência e conhecimento para o meu aprendizado. Em especial, agradeço pela

amizade, dedicação e paciência. Obrigado por tudo, profissional correta e competente, fonte de inspiração, apoio e ensino diário.

- Ao Prof. Dr. Lélío Luiz de Oliveira e ao Prof. Dr. Alberto Aggio pelas excelentes sugestões por ocasião do Exame de Qualificação. E, novamente, ao Prof. Dr. Lélío Luiz de Oliveira e ao Prof. Dr. Fernando Torres Londoño, por aceitarem integrar a Banca de Defesa.
- Ao Professor Doutor Salvador Velazco, meus agradecimentos pela disposição para discutir a presente pesquisa.
- A todos os professores do programa de Pós-Graduação de História, que com o seu trabalho e competência contribuíram para o sucesso deste trabalho.
- À secretária Maísa Helena de Araújo, do Programa de Pós-Graduação de História, por tornarem factível a realização deste trabalho sendo prestativa, dedicada e competente.
- A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que me concedeu uma bolsa durante a realização deste mestrado, fato este que muito contribuiu para viabilização desta dissertação.

Há muito mais a quem agradecer... A todos aqueles que, embora não nomeados, me brindaram com seus inestimáveis apoios, o meu reconhecido e carinhoso muito obrigado!!!

A história é êmula do tempo, repositório dos fatos, testemunha do passado, exemplo do presente, advertência do futuro.

Miguel de Cervantes

Primeiro todo homem precisa saber o que fizeram dele, para não serem ingênuos; pois todo homem é fruto de uma circunstância histórica. Depois todo homem precisa decidir o que fazer com o que fizeram dele.

Jean-Paul Sartre

COELHO, Pablo Martins Bernardi. **A permanência de Tlaxcala frente ao poderio Mexica nos séculos XV e XVI.** 2010. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2010.

RESUMO

O presente estudo está concentrado em analisar as causas fundamentais da manutenção da independência política da província de Tlaxcala frente ao domínio mexica no território mesoamericano a partir da construção da narrativa dos cronistas mestiços do século XVI Hernando Alvarado Tezozomoc e Diego Muñoz Camargo. Dessa forma, através da análise de suas obras, procuraremos avaliar a construção da narrativa desses autores em relação ao conflito entre os tlaxcaltecas e mexicas, especialmente no século XV e início do XVI, e a contínua manutenção da autonomia dos primeiros até a chegada de Cortés na América.

Palavras-chave: Tlaxcaltecas. Mexicas. crônicas mestiças. guerra mesoamericana.

COELHO, Pablo Martins Bernardi. **The Tlaxcala's standing face Mexica's strength during the XV and XVI centuries.** 2010. 148 f. Dissertation (Master in History) – Faculty of History, Law and Social Work, São Paulo State University “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2010.

ABSTRACT

This work is based on the analyses of the main causes of the political independence maintenance of the Tlaxcala Province face the Mexica's dominion on the Mesoamerican territory through the narratives of two mestizo writers of the XVI century, Hernando Alvarado Tezozomoc and Diego Muñoz Camargo. By analyzing their work, we try to evaluate the narrative construction related to the conflict between the tlaxcaltecas and the mexicas, specially during the XV and beginning of the XVI century, and the continuous maintenance of autonomy of the former until Cortés arrival to America.

Keywords: Tlaxcaltecas. Mexicas. mestizo chronicles. mesoamerican war.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 A GUERRA NA MESOAMÉRICA.....	20
1.1 As formas de disputa armada.....	30
1.2 Entre a declaração de guerra e os limiaries do combate.....	36
1.3 O exército em número, campanhas, táticas e composição militar.....	41
1.4 Armamentos, cargos e insígnias militares.....	49
1.5 A educação para a guerra.....	51
1.6 Guerra naval mesoamericana.....	54
CAPÍTULO 2 CRÔNICAS MESTIÇAS: HISTORIA DE TLAXCALA E CRÔNICA MEXICANA.....	61
2.1 Diego Muñoz Camargo: Historia de Tlaxcala.....	65
2.2 Hernando Alvarado Tezozomoc: Crónica Mexicana.....	82
CAPÍTULO 3 A AUTONOMIA DE TLAXCALA FRENTE À CONFEDERAÇÃO MEXICA.....	101
3.1 A província de Tlaxcala.....	101
3.1.1 Os limites geográficos de Tlaxcala.....	101
3.1.2 A fundação de Tlaxcala.....	105
3.1.3 As formas de governo de Tlaxcala.....	107
3.2 As relações dos mexicas com os tlaxcaltecas: da guerra de Azcapotzalco até Moteczuma II.....	109
3.2.1 A versão tenochca (Alvarado Tezozomoc e Diego Durán).....	114
3.2.2 A versão de Diego Muñoz Camargo.....	116
3.3 A autonomia de Tlaxcala frente aos mexicas: Hernando Alvarado Tezozomoc e Diego Muñoz Camargo.....	119
3.3.1 A construção da narrativa de Hernando Alvarado Tezozomoc.....	119
3.3.2 A construção da narrativa de Diego Muñoz Camargo.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125

REFERÊNCIAS.....	131
-------------------------	------------

ANEXOS

ANEXO A - Mapa do Vale Puebla-Tlaxcala (mapa1) / Anotações.....	141
ANEXO B – Tabela 1.....	145
ANEXO C – Mapa 2 – O Noroeste.....	146
ANEXO D - Mapa 3 – As quatro cabeças (povoados) de Tlaxcala.....	147
ANEXO E - Mapa 4 – Tlaxcala.....	148

INTRODUÇÃO

O presente estudo concentra-se em analisar as causas fundamentais da manutenção da independência política da província de Tlaxcala frente ao domínio mexica, no território mesoamericano, a partir da construção da narrativa dos cronistas mestiços do século XVI Hernando Alvarado Tezozomoc e Diego Muñoz Camargo. Desta forma, através da análise de suas obras, procuraremos avaliar a construção da narrativa desses autores em relação ao conflito entre os tlaxcaltecas e mexicas, especialmente no século XV e início do XVI, e a contínua manutenção da autonomia dos primeiros até a chegada de Cortés, na América. Trata-se de um fato *sui generis*, visto que, Tlaxcala ficava inserida no território dominado pelos mexicas, e mesmo assim continuou independente, fator extremamente incomum se levarmos em consideração todo o território dominado por aquela população.

Praticamente, inexistia região autônoma inserida no território mexica, pois todas elas eram subjugadas e submetidas a uma pesada tributação. Se fizermos uma analogia aos grandes impérios do Velho mundo percebemos, por exemplo, que o Império Romano não acostumava deixar regiões independentes “bolsões” dentro de seu território; o mesmo se pode dizer em relação aos incas aqui, na América. Muito menos desejaram os espanhóis, ter territórios não conquistados dentro de seu Império, com exceção das áreas remotas e inacessíveis, que não valia a pena conquistar.

Quando falamos em senhorios independentes, queremos nos referir àqueles situados, geograficamente, dentro do “império” mexica. É preciso considerar a análise de Claude Nigel Davies (1968) sobre os senhorios independentes do planalto central mexicano, o qual define como situados dentro do “império” mexica os territórios que estavam rodeados, por pelo menos por três lados, de senhorios que pagavam tributos para os mexicas. Essa definição abarca as seguintes regiões: Tototepec del Norte e Metztitlan, os senhorios do Vale Puebla-Tlaxcala (Tlaxcala), Yopitzinco e Teotitlan.

Para considerarmos um território independente, partimos do pressuposto tributário, ou seja, todos os povos que pagavam tributo ou prestavam serviços aos mexicas formavam parte do “império” e os que não tinham essas atribuições ficavam fora deste. Parece evidente que todos os territórios dominados pelos mexicas pagavam tributos ou prestavam algum tipo de serviço para eles. Como expressa Jaime Litvak (1971, p. 194): “[...] *preferían los aztecas las incursiones para cobrar botín, que un dominio asentado.*” Vale ressaltar que é muito difícil dividir os territórios mesoamericanos em duas simples categorias, os independentes e os não

independentes. Porém, o critério de tributação parece ser o mais conveniente, já que diversos especialistas (LITVAK, 1971; DAVIES, 1968) que estudam o tema adotam tal critério. Levando em consideração essa premissa aceitamos Tlaxcala como um território independente dentro do “império” mexica.

A melhor compreensão do presente trabalho, virá da elucidação do estudo sobre os limites territoriais da região de Tlaxcala. Como fundamento teremos como referência Robert Barlow (1949) e Claude Nigel Byam Davies (1968) que, utilizando mapas, listas da Conquista, relações geográficas e outras fontes, desenvolveram um excelente estudo dos limites territoriais, desta região. É praticamente impossível discutir as questões relacionadas à autonomia de Tlaxcala, sem pelo menos tratar de definir seus limites e assim saber onde ficavam.

Além disso, para subsidiar nosso objetivo central, exploraremos, ainda que em linhas gerais, o processo de migração, fundação e desenvolvimento político de Tlaxcala, como também suas relações conflituosas com os mexicas.

Dessa forma, partindo dessas considerações iniciais, pretendemos analisar as possíveis causas da autonomia dos tlaxcaltecas frente aos mexicas a partir da construção das narrativas dos cronistas Hernando Alvarado Tezozomoc e Diego Muñoz Camargo.

Porém, antes de procedermos tal análise, examinaremos o papel da guerra nas sociedades mesoamericanas, como também a crônica de Hernando Alvarado Tezozomoc **Crônica Mexicana** e a de Diego Muñoz Camargo **Historia de Tlaxcala**.

Nesse sentido, no primeiro capítulo, esboçaremos a papel da guerra nas sociedades mesoamericanas, colocando as questões militares em um contexto social e histórico para mostrar sua importância na criação e manutenção da Mesoamérica como uma área de cultura. Nesse sentido, discutiremos alguns aspectos da guerra e das sociedades guerreiras no território mesoamericano estabelecendo como exemplo principal a população mexica.

Deste modo, estamos falando de sociedades em que as questões militares estavam muito presentes e que cada vez cobrava mais importância. Os governos mesoamericanos, conscientes disso, empreenderam reformas que afetaram a educação, pilar fundamental para obter soldados, que não questionavam em dar suas vidas nos campos de batalha, pois eram doutrinados desde crianças, nas escolas que o Estado impunha como obrigatória.

Remodelaram o exército de tal forma que ampliaram suas bases, construindo na sociedade uma ideologia em que a fama e o prestígio social tornaram-se imprescindíveis para ser respeitado e para ascender a cargos políticos dentro do complexo da administração.

A religião tinha um caráter oficial muito dependente do poder político, pois aceitava um panteão de novos deuses guerreiros. O “evangelho” que era pregado a seus fiéis fazia-os acreditar que eles eram um povo escolhido, a cumprir com a missão que os condenava a uma guerra permanente, a qual acabaria com a ira desses deuses, que se sacrificavam por eles, para criá-los e oferecer-lhes um mundo que proporcionava tudo de que necessitavam. Assim, o guerreiro mesoamericano teria como desafio tomar vivo o adversário, pois sua vida pertencia a seus deuses e era impróprio que o guerreiro a desperdiçasse no campo de batalha. Deste modo,

[...] quando se chegava corpo-a-corpo, a batalha tomava um aspecto complementemente diferente do que qualquer outra do nosso mundo antigo. É que não se tratava tanto de matar inimigos, como de capturá-los para sacrificar. Os combatentes eram seguidos por “especialistas” para amarrarem com cordas aqueles que eram derrubados, antes que pudessem voltar a si. (ELLIOT, 1988, v. 1, p. 268-269).

Contudo, a guerra também influenciou a economia mesoamericana, pois o comércio proporcionava riqueza ao regime político imperante frente aos outros governos. As campanhas eram dirigidas para a obtenção de alimentos, terras e principalmente para aquisição de tributos. Não havia dúvida de quanto era importante para a sobrevivência a manutenção do fluxo de tributos. Para isso, quanto mais guerras, mais povos subjugados e em conseqüência, mais tributos para sua sustentação. O comentário de José Luis de Rojas ilustra a assertiva acima:

El territorio Oaxaqueño tenía una clara posición estratégica, ya que por él circulaba una de las principales rutas comerciales existentes: la que se dirigía al Soconusco. Existen dudas acerca del territorio exacto que se llegó a conquistar con el objetivo de asegurar dicha ruta, debido a que los pueblos por los que pasaba no tributaban al Imperio, aunque parece lógico aceptar que em realidad tributaban de una manera distinta: protegiendo militarmente dicha ruta. (DE ROJAS, 1989, p. 93).

Nesse sentido, “*La práctica directa en el combate o la enseñanza formalizada de las artes marciales – previa la acción profesional – fueron el destino de prácticamente todo hombre en la sociedad mexicana*” (LAMEIRAS, 1985, p. 97). O significado da guerra e o ideal da participação masculina nela se expressam claramente na seguinte citação:

[...] *Mexicanos y hijos míos: este es vuestro oficio; no os crió el señor de lo criado del cielo y de la tierra y de la noche y el día para que os pongáis faldellines, como mujeres, ni camisas, sino para que con lan rodela y la espada y flecha y vara mostreís el valor de vuestro corazón. (DURAN, 1967, v. 1, p. 182).*

No capítulo 2, desenvolveremos uma análise sobre as crônicas mestiças, fontes consideradas pilares desta pesquisa. Por isso, é de suma importância entender a construção da narrativa deste seleto grupo de cronistas do século XVI. Também, examinaremos as características e o modo de pensar destes cronistas, trabalhando, essencialmente, as crônicas de Diego Muñoz Camargo **Historia de Tlaxcala** e de Hernando Alvarado Tezozomoc **Crónica Mexicana**.

Nesse ínterim, inserimo-nos nas discussões acerca das transformações ocorridas na América durante o século XVI, período este que se convencionou caracterizar pelo encontro de culturas¹. Este processo é visto aqui como resultado da expansão marítima comercial promovida pelos recém criados Estados Ibéricos. Por outro lado, o contato redundou em uma ação permanente que se estabeleceu de diferentes formas ao longo da América, criando especificidades em locais incomuns. Se em seu sentido inicial este processo foi movido por uma conjuntura mediada por relações religiosas e econômicas, em seu seio acabou por se desenvolver o encontro de diferentes sociedades.

Tal processo tem suas raízes históricas na reconquista católica dos territórios ibéricos, entretanto, seu desenrolar ocorreu em toda a extensão do que se chamou de conquista material e espiritual da América. Entendemos que, no bojo desta conjuntura, se desenvolveu outro processo que culminaria nas transformações histórico-sociais nas duas culturas em decorrência do encontro cultural.

Assim, o século XVI teria inaugurado o que podemos chamar de campo das relações interculturais (MONTERO, 2006; PRATT, 1999). Pode-se entendê-lo melhor como o conjunto de redes de relações que variavam de acordo com as intensidades e necessidades do encontro entre indígenas e conquistadores. Havia necessidade e vontade de comunicação, principalmente, para garantir a estruturação da prática colonial – todo o mecanismo burocrático da administração da coroa – e das relações econômicas estabelecidas, para garantir o pagamento de tributos ou a utilização da mão-de-obra indígena. A comunicação foi construída através de acordos lingüísticos e simbólicos elaborados à medida que as relações entre sujeitos e culturas aprofundavam-se. Em hipótese alguma devemos enxergar esses acordos sob o prisma hierárquico, pois eles foram fruto de constantes negociações, de traduções e de construções de sentidos originando o que, segundo Paula Monteiro, podemos chamar de códigos compartilhados.

Embora os missionários desenvolvam constantemente mecanismos de controle das interpretações possíveis e aceitáveis, eles não podem nomear sozinhos. Para que se torne convincente e verossímil, todo sentido depende

¹ Esse termo deve ser tomado apenas como espaço das relações que são permanentemente feitas e refeitas, Cf. Montero (2006).

de um acordo sobre o sentido dos signos, e, portanto ele é necessariamente intersubjetivo. A essa característica do acordo denominamos, inspirados em Clifford Geertz, de “códigos compartilhados”. (MONTERO, 2006, p. 25).

Dessa forma, podemos propor um olhar sobre função/autor, privilegiando um modelo de análise que tem como eixo a questão da negociação cultural (POMPA, 2002, p. 202). A proposta é a de se pensar o olhar dos nossos cronistas (Muñoz Camargo e Alvarado Tezozomoc) como um “olhar no meio do caminho” entendendo que ambos os autores escrevem suas obras em um momento privilegiado e particular em que ainda não se havia cristalizado uma hierarquia das duas tradições.

Essas obras nascem das expectativas e angústias oriundas da crise social vigente na segunda metade do século XVI, em que as elites de Tlaxcala e do México-Tenochtitlan estavam sofrendo uma constante perda de privilégios. É a nova ordem política que explica a construção de uma narrativa histórica que procura legitimar a posição e o papel desse grupo social dentro da esfera do poder colonial. São documentos que se apresentam como discursos transculturais (PRATT, 1999) na medida em que neles confluíam elementos tanto da cultura e visão de mundo espanhol, quanto das tradições indígenas. A existência de narrativas com este formato somente passa a ser possível quando surge no processo de colonização um novo espaço: “[...] as zonas de contato, espaços sociais onde culturas díspares encontram-se, chocam-se, entrelaçam-se uma com a outra, freqüentemente em relações, extremamente, assimétricas de dominação e subordinação”(PRATT, 1999, p. 5-6).

Porém, para analisar tais questões devemos fazer algumas ressalvas: a primeira é esclarecer sobre o que vem a ser uma crônica e qual é a sua função. Como documento muito difundido, na Europa, no século XVI, as crônicas eram acima de tudo uma *monumenta* que não apenas reunia os fatos importantes e as pessoas ilustres do reino, como também apresentavam às gerações futuras as formas de comportamento sancionadas preservando, assim, as tradições antigas e as relações estabelecidas (FUKUNAGA, 2008, p. 43). Para Susani França, esta função da crônica era um *ethos* operante muito difundido na península ibérica, e tal forma de registro teria ganhado força em função das necessidades impostas pela construção de um estado centralizado na figura do suserano e das relações da nobreza. Daí a necessidade de preservar e legitimar as importantes colaborações estabelecidas na relação entre o rei e os nobres:

Surgem, de um lado, com o poder de certificar os acontecimentos, de outro – à semelhança dos livros de linhagem -, com a função de revelar os nomes e os merecimentos dos servidores da causa do reino permitindo que esses fossem devidamente recompensados pelos feitos (FRANÇA, 2006, p. 100).

Esta idéia, por exemplo, também está preservada na **Crônica Mexicana**, que recupera a memória de seu cronista para relatar fatos do passado mexicana, no intento de preservar o *status quo* que esse personagem mexicana tinha dentro desse universo em construção. Se levarmos em conta essa definição de crônica, o documento, em pauta, ganha um outro sentido, pois ele é em si a construção de uma memória que justifica a relação entre a elite mexicana e o governante, e destaca o importante papel da primeira na manutenção e funcionamento da estrutura do “império” mexicana. É na demonstração da importância da elite indígena para o funcionamento do império que se revela a intenção do autor de demonstrar também que as alianças e a supremacia de Tenochtitlán garantiriam o funcionamento da própria administração colonial (FUKUNAGA, 2008, p. 44-45).

A segunda ressalva relaciona-se às indagações acerca da utilização do conceito de mestiço nas crônicas indígenas do século XVI. A definição geral e que goza de certo consenso entre os estudiosos é ver os autores dessas obras como criadores de uma crônica mestiça (LIENHARD, 1983).

Apesar disso, vários especialistas (PRATT, 1999; VELAZCO, 2003; MONTERO, 2006) discordam da utilização deste conceito. Marie Louise Pratt (1999) demonstra que ao utilizar modelos de análises culturais, tendo por base o termo mestiçagem, incorremos no erro de manter um olhar etnocêntrico ocidentalizante, perdendo a transculturalidade do processo de encontro das duas culturas no século XVI.

Diego Muñoz Camargo e Hernando Alvarado Tezozomoc, geralmente, estão inseridos como autores de uma crônica mestiça já que seus trabalhos históricos configuram-se, em termos gerais, como uma mescla de expressões emanadas da tradição européia como também da mesoamericana. A idéia de utilizar o termo crônica mestiça ou de historiadores mestiços tem sua origem com Angel María Garibay Kintana (1971, v.2, p. 291), que estabeleceu:

Con el nombre de historiadores mestizos intento designar a los que escribieron tratados de carácter histórico sobre la antigüedad prehispánica, fundados en documentos primitivamente recogidos en la lengua náhuatl. No importa que sean de procedencia racial española, como es el caso de Fr. Diego Duran, o que lleven mezcla efectiva de las dos sangres, como sucede con Ixtlilxóchitl. El mestizaje de que aquí hablo nada tiene qué ver con la raza. Es más bien literário y, si se quiere, documental. Podría acaso usarse el término, feo por cierto, de interculturación.

A segunda formulação que temos, quase trinta anos depois, é de Martin Lienhard (1983, p. 105, grifo do autor):

Atribuimos carácter mestizo a aquellas crónicas que, casi independientemente del origen étnico de sus autores (indígenas, mestizos, españoles), reelaboran materiales discursivos o reales de la historia americana a través de unos procedimientos narrativos (verbales y/o pictográficos) de tradición heterogénea: indígena y europea. La crónica mestiza, escrita en español o, en algunos casos, en náhuatl, se distingue a la vez de la crónica europea sobre asuntos americanos y de la crónica indígena. La crónica europea se caracteriza por su perspectiva ajena al pensamiento indígena (Cortés, P. Pizarro), mientras que la crónica indígena, cuando llega a existir, es la transcripción de relatos orales indígenas sin o con escasa intervención del recopilador (Popol Vuh, Guatemala; Dioses y hombres de Huarochiri, Perú costeño).

Martin Lienhard segue, mais ou menos, a idéia formulada por Garibay Kintana. A origem do autor não é condição indispensável para que uma obra seja considerada ou não como mestiça. Lienhard (1983, p. 105) estabelece um critério para diferenciar a crônica mestiça do discurso indígena e do europeu; o primeiro consiste em uma mera transcrição da tradição oral ameríndia para a escrita; o segundo o discurso europeu, apresenta uma perspectiva alheia ao pensamento indígena.

Para Salvador Velazco, afirmar que são mestiços pelo modo de produção de seus discursos historiográficos escamoteia o sentido político e ideológico das obras históricas destes autores. O autor negou caracterizar como mestiças as crônicas de Alvarado Tezozomoc e Muñoz Camargo. Em seu estudo propôs o conceito de transculturação, que para ele, é mais extenso e neutro do que mestiço. Ao utilizar o conceito de transculturação, explica o autor que,

[...] se evita la connotación más inmediata que tiene la de “mestizaje” que remite inmediatamente a una mezcla racial, biológica, mientras que transculturación se refiere más bien a interacciones culturales entre miembros pertenecientes a culturas diferentes. (VELAZCO, 2003, p. 22).

Assim, a noção de “ [...] mestizaje para explicar la realidad multicultural de América privilegia una posición etnocentrista porque se disimula con esta engañosa noción el desplazamiento más radical de las formas culturales indígenas en aras de la occidentalización” (KLOR DE ALVA, 1982, p. 1995).

O termo transculturação ganhou impulso com a publicação de Fernando Ortiz², **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar (1963)**, querendo significar algo diferente da

² Nas palavras de Fernando Ortiz (1963, p. 103): “Entendemos que el vocablo transculturación expresa mejor las diferentes fases del proceso transitivo de una cultura a otra, porque este no consiste solamente en adquirir una distinta cultura, que es lo en rigor indica la voz angloamericana aculturación, sino que el proceso implica también necesariamente la pérdida o desarraigo de una cultura precedente, lo que pudiera decirse una parcial desculturación, y además, significa la conseguinte creación de nuevos fenómenos culturales que pudieran denominarse de neoculturales.”

noção de mestiçagem. Para Salvador Velazco (2003, p. 23), enquanto este conceito implica em uma harmoniosa identidade formada por sangues e culturas, aquele trata de descrever como os sujeitos coloniais ou grupos marginais selecionam ou se apropriam dos modos de representação que a cultura dominante põe a sua disposição.

Em outras palavras, um discurso transcultural é aquele que se constrói para engajar um diálogo com o colonizador e seus modelos discursivos, não para resistir à dominação ou ratificá-la, mas sim para engajar-se em um processo de negociação cultural (PRATT, 1999, p. 6-7).

Desta forma, esse termo remete a um processo dinâmico, segundo o qual o sujeito encontra-se, justamente, no “meio das duas culturas”, oscilando entre uma e outra. Assim, o século XVI teria inaugurado o que podemos chamar de campo das relações interculturais, entendendo-o como o conjunto de redes de relações que variavam de acordo com as intensidades e necessidades do encontro entre indígenas e conquistadores.

É no contexto desse processo transcultural que Alvarado Tezozomoc e Muñoz Camargo produzem suas crônicas. Escreveram suas obras num momento privilegiado e particular em que ainda não havia se cristalizado uma hierarquização das duas tradições.

Ao particularizar este momento, Salvador Velazco (2003, p. 18) propõe um novo termo, o vocábulo indígena *neplanta*, para definir “*o estar a caballo entre dos culturas*”. O citado autor afirma que Alvarado Tezozomoc e Muñoz Camargo encontravam-se em *neplanta*, para reposicionarem-se entre os dois mundos em que viviam. As crônicas dos dois autores nascem das expectativas e angústias oriundas da crise social vigente na segunda metade do século XVI, quando as elites indígenas, estavam sofrendo uma constante perda de privilégios. É a nova ordem política que explica a construção de uma narrativa histórica que procura legitimar a posição e o papel desse grupo dentro da esfera do poder colonial. Na busca de uma construção identitária para essa elite mexicana que produz-se uma narrativa histórica que constrói uma memória que exalta e demonstra o papel e a importância dessas elites na relação entre o poder colonial e a grande maioria da sociedade indígena.

Nesse caso, o fator origem ou etnia não é alheio para a configuração desse discurso transcultural como é para a definição de crônica mestiça de Angel María Garibay e de Martin Lienhard. A etnia e o grupo social julgam um papel decisivo na conformação desse discurso; enquanto Hernando Alvarado Tezozomoc, por exemplo, assume como nobres indígenas, Diego Muñoz Camargo não aceita sua identidade indígena e se considera como um espanhol de *pura cepa*.

Deste modo, são autores descendentes (Muñoz Camargo) ou pertencentes à nobreza indígena (Alvarado Tezozomoc) que, através de suas obras, constroem um espaço de

enunciação para a defesa da nobreza indígena em um contexto de perda de hegemonia de que gozavam estes antes da invasão européia.

Esse discurso transcultural não é de total resistência e nem de uma total adesão aos valores do conquistador: é um discurso que revela, fundamentalmente, que o sujeito que o articula busca negociar entre as duas culturas.

Contudo, a produção dessa identidade heterogênea obedece a uma situação colonial em que o europeu impõe a cultura ocidental sobre a mesoamericana. Muñoz Camargo e Alvarado Tezozomoc escrevem em um contexto onde os valores culturais do colonizador se auto-proclamaram como claramente superiores a dos indígenas. No caso de Muñoz Camargo, negar o valor de sua herança indígena é produto não só de uma mentalidade colonizada, mas também de viver em uma sociedade hostil à alteridade. Já Alvarado Tezozomoc, tem que se apoderar do discurso do poder para reconstruir a história “[...] *de sus estados étnicos, sus genealogias, la afirmación de la grandeza del pasado, la nostalgia de un mundo perdido*”. (VELAZCO, 2003, p. 26).

Os dois autores reconstroem o passado de seus povos para vinculá-los com o presente cristão. Escrever dessa perspectiva era, em grande medida, precisar guardar um lugar na nova sociedade em que se estava construindo sem entrar em uma aberta confrontação com os valores da nova cultura. Por isso, buscaram criar possíveis vínculos entre a história de seus antepassados com a do conquistador.

Assim, nossos cronistas imaginaram e reconstruíram a história de seus antepassados glorificando certos aspectos e suprimindo outros, revelando o desejo das diferentes elites de obter os privilégios concedidos pela administração colonial. Como a diferenciação social, na sociedade espanhola, tinha por base as linhagens, os próprios indígenas passaram, em suas historiografias, a reforçar claramente a questão da ascendência, como também passaram a adornar suas vestimentas com alguns dos símbolos característicos da diferenciação social espanhola. Sobreviver social e politicamente foi uma das constantes lutas dessa nobreza indígena. Os privilégios das elites indígenas começaram cada vez mais a sofrer ataques em função da estruturação da administração colonial. Para advogar em favor de seus privilégios, as elites indígenas precisavam afirmar um direito adquirido por herança, ou seja, precisava legitimar suas tradições. É nesse sentido que podemos ler a crônica do século XVI como uma tentativa da nobreza indígena legitimar seus privilégios e obter reconhecimento por parte da coroa ibérica (GALVÁN, 2003).

Neste sentido, podemos pensar que, diante das profundas crises que se abateram sobre essa nobreza indígena, resultando em constantes perdas de privilégios, se elaboraram estes tipos de histórias (FUKUNAGA, 2008).

Desta forma, os autores tratam de ressaltar a aderência aos valores da nova cultura dominante como uma estratégia de reposicionamento na nova ordem colonial. Contudo, não só estamos em presença de uma estratégia de sobrevivência, mas também ante a formação gradual de uma nova identidade. Em outras palavras, esses cronistas têm que romper as barreiras de uma identidade fixa e adotar uma emergente que oscila entre as duas culturas que modelam seu mundo. Salvador Velazco assim expressa:

No es el factor biológico, la sangre, la raza lo determinante (indígena, mestizo, criollo, español); lo que tenemos son identidades nuevas que incluyen diferentes afiliaciones o identificaciones de individuos con grupos étnicos y/o categorías culturales tales como clases sociales, religión, género, nación, lenguaje, tradiciones. Más que una identidad fija, esencialista e inamovible, los sujetos historiográficos aquí analizados son productores de una etnicidad emergente, heterogénea, que permite operar, reposicionarse, colonizar, en el nuevo mundo que se construye en el México colonial. (VELAZCO, 2003, p. 30).

CAPÍTULO 1 A GUERRA NA MESOAMÉRICA

O papel da guerra foi essencial para a configuração da Mesoamérica³ como uma área cultural. O padrão de difusão e integração cultural desta região está claramente relacionado com a história de suas expansões militares. Como um fenômeno social humano, a guerra envolveu múltiplas causas, por isso, não podemos considerar somente como se fosse um ato de força para impor ao adversário a sua vontade. Seus objetivos vão além, desde os de índole histórico-cultural e social, até os de caráter econômico e político.

De acordo com as fontes utilizadas, nesta pesquisa, sabemos que no início do século VII, quando entrou em decadência a cidade de Teotihuacán e os bandos de caçadores-guerreiros regularizaram seu domínio sobre populações de agricultores-artesãos, iniciaram-se mudanças significativas na estrutura sócio-política dos povos mesoamericanos. Este contexto, marcou o início de uma época em que a guerra era de vital importância por se tornar padrão de domínio através da violência e ser considerada como fator básico de uma estrutura social e de uma organização estatal inovadora. Anteriormente, o Estado e a sociedade eram regidos por uma teocracia. Neste período (período clássico), relativamente tranqüilo:

Las tribus nómades seguramente efectuaban ciertas correrías en las zonas limítrofes; pero éstas no serían de gran importancia y una incipiente militar era suficiente para mantenerlas a raya. Esa milicia no debe haber tenido ninguna influencia en el sistema político teotihuacano, éste se basaba en una férrea teocracia que no podía permitir que un nuevo poder se elevase frente al suyo. (CANSECO, 1966, p.127).

Porém, não devemos descartar que desde aquele período a guerra, ainda que irregularmente exercida para a defesa, expansão territorial, pacificação ou obtenção de vítimas e

³ Alguns estudiosos alemães, particularmente Eduard Seler (1849-1922), introduziram há alguns anos a expressão Mittel America para designar a região onde floresceu uma alta cultura indígena no México Central e meridional e no território contíguo dos países do norte da América Central. Muitos anos depois, em 1943, Paul Kirchhoff, em seu “Mesoamérica: Sus Limites Geográfico, Composición Étnica y Caracteres Culturales”, *Acta Anthropologica*, 1: 92-107 (Escuela Nacional de Antropología, México, 1943), focalizou sua atenção nos limites geográficos do que ele chamou Mesoamérica. Para ele, Mesoamérica é mais que um termo geográfico: designa também a região em que altas culturas e civilização nativas desenvolveram-se e disseminaram sob várias formas e em épocas diferentes. De acordo com sua análise, no momento da invasão européia, em 1519, suas fronteiras ao norte eram o rio Sinaloa a noroeste e o Panuco a nordeste, enquanto que no centro-norte ela não se estendeu além da bacia do rio Lerma. Seus limites ao sul eram o rio Motagua, que desemboca no golfo de Honduras no mar dos Caraíbas, as praias meridionais do lago Nicarágua e a península de Nicoya na Costa Rica.

escravos, exercia gradual importância⁴. Isabel Bueno afirma que a idéia do suposto pacifismo no período clássico da Mesoamérica, está completamente descartada, considerando que nunca houve grandes períodos pacíficos naquele território (BUENO, 2006, p. 253). Ela corrobora seu argumento ao expressar que todas as cidades mesoamericanas importantes estavam muito próximas uma da outra, tendo o mesmo acesso aos lugares onde se concentravam os recursos naturais, e que o desejo de controlar esses bens e assim obter hegemonia política e econômica estava latente em todas as épocas (BUENO, 2006, p. 254).

O fenômeno da guerra institucionalizada (desde a queda de Teotihuacán) estabeleceu novas pautas para a promoção e a diferenciação social, implicou na superposição de uma elite de guerreiros, na inclusão de comando, numa inteligência militar e na criação simultânea de normas de exclusividade – linhagens de guerreiros -, paralelas a fórmulas da participação popular no exército, sancionadas e premiadas por aqueles que mantinham o controle do poder e a exclusividade do manejo da força. A “*nahuatlización*” dos chichimecas e sua fusão numa nova ordem social formaram paralelas à emergência de um governo cuja atividade tendeu, desde então, à execução da tarefa de organizar a ação guerreira para proteger a comunidade de inimigos exteriores, procurar recursos por meio da agressão armada e manter a ordem interna de uma sociedade multi-ética.

Em uma sociedade imersa na ação bélica, o exército converteu-se em um dos setores mais privilegiados da sociedade. Não obstante, “*esta sociedad – el ejército – dentro de su contexto amplio, debe ser analizada como segmento dependiente de un todo o del conjunto, como un cuerpo que idealmente actúa coordinado por acuerdos relativos*” (LAMEIRAS, 1985, p. 156). Sobre esta abordagem, procede o conhecimento da participação social e militar diferenciada (sexual, étnica, por grupos de idade, técnica), a distinção dos corpos do exército (segundo o extrato social, experiências, etc.), a organização de sua ação no combate e as diferenciações que, socialmente, se realizavam depois da guerra. O problema social da guerra, contudo, vai mais além: quanto ao surgimento de uma sociedade militarista devemos indagar como foi integrada a guerra, quais eram os objetivos sociais do conflito armado e como se procedeu, em termos sociais, a organização dos mecanismos e os corpos de ataque e de defesa, sua constituição e relação com outros setores sociais.

⁴ Vich Angel Palerm solicitou a necessidade de revisar as premissas e conclusões daqueles que haviam considerado ausente a prática guerreira no período arcaico e clássico da mesoamérica. Afirma que, “El emplazamiento estratégico de Monte Albán y Montenegro, centros clásicos de primer orden, contradice el que las ciudades pretoltecas generalmente se asentaban en lugares abiertos”. Igualmente mencionou as interpretações de Caso (1927), Rands (1952) e Marquina (1951) sobre representações bélicas entre os zapotecas, mayas e teotihuacanos. Para isso se apoiou em fontes escritas como a de Cortés, Torquemada e Durán com a intenção de “sugerir una nueva línea de ataque al problema de la guerra y de sus evidencias factuales [arqueológicas] (PALERM, 1956, p. 123-124).

Porém, é, talvez, em seu aspecto político, onde a guerra alcança seu maior significado, no momento em que o conflito armado regularizado, sistematizado dirigido e ideologizado pelos quadros do comando militar relaciona-se com o contexto que inclui, igualmente, o manejo da produção, a distribuição, o intercâmbio, a estratificação, a hierarquização social e vários outros aspectos sociais de importância.

As difíceis condições da produção alimentícia em muitas regiões da mesoamérica (por exemplo: escassez de materiais para a construção e mão-de-obra para ampliação de obras de irrigação) levaram as populações a depender dos setores sociais implicados na solução, destes problemas,

[...] por tanto esa producción habría de iniciarse con la guerra para obtener alimentos, materiales y mano de obra, con la planeación y dirección de las obras basadas en el sostenimiento de un grupo de funcionarios pagados por la guerra y con el mantenimiento político de todo ello, no independiente de los bienes que le llegaban por vía de la conquista material o la dominación por la acción violenta de una ideología (LAMEIRAS, 1985, p. 157).

Neste caso, a organização que o Estado consegue, tem relação com a frequência da guerra, com sua capacidade de controlar o grupo armado, com o planejamento e direção de suas funções e com o convencimento político e ideológico necessário para se obter a subordinação. Assim, a subordinação pode incluir a existência de mecanismos paralelos do governo, através dos quais se permite regular a participação de outros setores sociais. Por isso, provavelmente, os mexicas conseguiram manter a exclusividade de sua elite militar e o controle do armamento e, ao mesmo tempo, ampliar e sistematizar a possibilidade de mobilidade social e premiação àqueles que adquiriam grandes feitos nas batalhas (esta medida mostrava-se indispensável para manter o espírito de guerra entre os combatentes).

Nota-se que, a guerra e o Estado na Mesoamérica (referimos ao tipo de Estado militarista que existia antes da chegada dos conquistadores) tiveram íntima relação. A conquista, a dominação da população, de seu território e a formação de uma estrutura complexa de funcionários, incluindo um exército regular, implicou, necessariamente, em uma maior ordem, em assistência recíproca e em integração social as quais contribuíram para configurar um novo Estado que, por sua vez, resultou na projeção e força de um exército profissional, porém controlado por aquele.

Em síntese,

[...] la guerra llevó al desarrollo de un Estado del que dieron cuenta los invasores iberos en el centro de Mesoamérica desde los inicios del siglo XVI. Este Estado difícilmente se puede explicar sin el uso de la violencia en su

exterior. A través de ella se logró controlar un territorio, una integración económica, una estructura social y una formación sui generis en la que la milicia, la ‘burocracia’ agroadministrativa e hidráulica, los comerciantes, los sacerdotes, el sistema educativo y la ideología ‘nacional’ se estructuraron e relacionaron bajo el control del Estado.(LAMEIRAS, 1985, p. 162).

Talvez o melhor exemplo para ilustrar tudo o que foi esboçado até agora, no âmbito mesoamericano, seja a sociedade mexicana. Ela “*supo crecer sobre la base una tradición heredada y como última representante de ese mundo fascinante, que se apagó luchando valientemente por defender su hegemonía, desarrolló toda esta herencia alcanzando unas dimensiones sin precedentes en Mesoamérica*” (BUENO, 2006, p. 257).

Herdeiros dos povos que os antecederam, no planalto de Anahuác, os mexicas representam uma síntese da produção sócio-cultural desenvolvida ao longo de vários séculos, naquele território. Na efetivação deste quadro, as guerras tiveram papel fundamental, visto que através delas os mexicas conseguiram desenvolver e consolidar seu poder sobre os demais povos da mesoamérica.

Sabemos que Tenochtitlán foi fundada em uma ilha do lago Texcoco, e que com a crescente população tornava-se impossível contar com terras suficientes para o seu abastecimento. A necessidade de conquistar mais terras era eminente. Dada a proximidade das cidades e, sobretudo, o domínio de grande parte daquele território por Azcapotzalco, pareceu pouco provável que os mexicas pudessem obtê-las pela via pacífica. Assim, a ausência de terras cultiváveis e o desejo de dominar rotas comerciais e seus monopólios foram motivos mais que justificados para que Tenochtitlán vivesse em um permanente estado de guerra.

Por volta de 1390, morreu Acamapichtli, primeiro governante (Huey tlatoni⁵) mexicana. Ele e seus sucessores imediatos, Huitzililuitl (1390-1415) e Chimalpopoca (1415-1426), ainda estavam sujeitos aos tepanecas de Azcapotzalco, um senhorio formado pela fusão dos povos de descendência teotihuacana, tolteca e chichimeca e que, nessa época, exerceram hegemonia no planalto central.

Em 1426, após a morte de Chimalpopoca, irrompeu a guerra entre os tepanecas e os mexicas. Com a ajuda de vários outros povos, também sujeitos a Azcapotzalco, os mexicas tomaram-se vitoriosos, significando a total independência do seu território e o ponto de partida de suas conquistas futuras. Como consequência, foi empreitada uma ampla reestruturação política, social e ideológica em sua sociedade.

⁵ “Aquele que fala”, “*aquel al que los españoles designaron con el nombre de emperador, y se dividía en dos grandes partes; una que poseía el poder político y militar y otra que tenía el poder religioso, ambas constituyendo jerarquías paralelas. Los primeros administraban, conquistaban y juzgaban; los segundos, hacían llover sobre el mundo las gracias de los dioses*”. (GALVÁN, 2003, p. 14).

Nesse sentido, Itzcoatl (1426-1440) auxiliado pelo seu conselheiro Tlacaelel⁶ empregou uma série de reformas ideológicas, nas quais as guerras assumiram um caráter fundamental dentro da sociedade mexica. Por volta de 1430, Itzcoatl ordenou a queima dos livros antigos, tanto os anais quanto os de conteúdo religioso. Em seu lugar foi desenvolvida e imposta uma nova tradição que transmitia uma imagem do passado, adequado às exigências e ideais do grupo cuja dominação estava em processo de rápida expansão.

Tlacaelel forjou o que hoje chamamos de “consciência histórica”, sendo formulada uma nova visão histórica e religiosa do passado mexica. Para isso, foram produzidos novos registros concebidos para mostrarem o fundamento e a raiz da nova grandeza dos mexicas, destacando a sua importância e alçando-os à condição de poderosos, tal como tinham sido os toltecas. Concomitantemente, o antigo deus patrono dos mexicas, Huitzilopochtli, foi projetado ao mesmo plano das divindades criadoras dos tempos toltecas (LEÓN-PORTILLA, 1992).

Na época de Itzcoatl, o Estado mexica preocupou-se em construir uma ideologia que controlasse os diferentes relatos sobre o passado dos povos do Vale do México, passando a proliferar e a ganhar força à versão mexica sobre esse passado. O culto a Huitzilopochtli passou a ser o culto oficial do Estado mexica e conseqüentemente, dos povos subordinados a estes. Esse fato permitiu que no período de esplendor fosse formulado um relato que apresentava os mexicas como um povo predestinado pelos deuses para a conquista, o que legitimava a posição dos mesmos dentro da Tríplice Aliança⁷.

Deste modo, legitimando o destino bélico dos mexicas com a exaltação do mito de nascimento de Huitzilopochtli, Tlacaelel promoveu uma campanha militar baseada em preceitos de narrativa mítica, modificando certos aspectos da tradição ancestral, de forma a justificar reformas nos campos político e ideológico (ARCURI, 2003). Este passou a legitimar as guerras introduzindo

[...] necesidad de mantener la vida del sol – Huitzilopochtli – con el agua preciosa de los sacrificios. Supo inculcar a los varios reyes mexicas, de quienes fue consejero, la idea de que su misión era extender los dominios de

⁶ Tlacaelel, conselheiro de Itzcoatl, modificou convenientemente a visão cosmológica dos povos nahuatl para que servisse de justificativa ideológica para o militarismo tenochca.

⁷ “La Triple Alianza – México-Tenochtitlan, Tetzaco y Tlacopan – puede definirse como una confederación de Estados, ya que la unión sólo funcionaba para determinados asuntos de política exterior (militares sobre todo), gozando sus miembros de total autonomía en lo referente a los problemas internos. Lógicamente, el pacto trataba de mantener un equilibrio entre los distintos Estados de la cuenca de México, evitando el nacimiento de potencias expansionistas. Sin embargo, la realidad histórica sería otra. Tras dos décadas de predominio acolhua – basado en un mayor desarrollo tecnológico, económico y cultural -, los señores tenochca iniciaron un rápido proceso imperialista, que culminó en tiempos de Montecuhzoma II con la destitución del legítimo gobernante de Tetzaco y su sustitución por un tatoani títere”. (IXTLILXOCHITL, 1985, p. 122-123)

Huitzilopochtli para obtener víctimas, con cuya sangre pudiera preservarse la vida del sol. (LAMEIRAS, 2002, v. 1, p. 395).

Por isso, os mexicas entendiam que os seres humanos do Quinto Sol⁸ deveriam dedicar toda sua energia e vida a seus criadores. “Uma vez que foi um sacrifício primevo dos deuses que criou e colocou o sol em movimento, somente mediante o sacrifício físico dos homens é que a era atual poderia ser preservada” (ELLIOT, 1988, v. 1, p. 57). Desta forma, a “guerra para prear vítimas para os ritos sacrificiais eram suas atividades centrais, o próprio núcleo de sua vida pessoal, social, militar e política” (ELLIOT, 1988, v. 1, p. 57).

Assim, a política ideológica mexica introduzida no reinado de Itzcoatl passou a promover a idéia de que os mexicas tinham a missão de defender o Quinto Sol da morte, de forma a evitar o fim daquela era. Para isso era preciso oferecer corações sacrificados ao Sol, o que implicava na necessidade constante de manter cativos de guerra para que pudessem ser sacrificados, o que legitimava em última instância, a política expansionista mexica. O povo mexica constituía-se no povo, eleito pelo Sol, dotado de uma missão cósmica: evitar o cataclisma que daria fim a idade do Sol (LEÓN-PORTILLA, 1992). Nesse sentido,

[...] los dioses fuesen servidos con sacrificios de hombres con la frecuencia necesaria[...] Y que la que más a esta movía era la honra y ensalzamiento de su dios Huitzilopochtli, al cual pues tenían ya templo, era justo hubiese víctimas que ofrecerle (DURAN, 1967, v. 2, p. 235).

Os sacrifícios eram promovidos em homenagem a Huitzilopochtli em agradecimento à proteção e às vitórias destes sobre os outros povos:

[...] ensalzasen y aventajasen la altura de la casa y templo de Huitzilopochtli, y que alli ni mas ni menos se comenzase el sacrificio de Huitzilopochtli, con matar alli a los huastecos presos, y que estos tales despues de haber hecho el gran Cú muy alto, le hicieron gradas, y en médio se puso el tajon, adonde habian de ser muertos los tales esclavos habidos en guerra, y para recordacion de el rey Chimalpopoca que lo habia comenzado a hacer que seria cosa justa. Respondio Cihuacoatl Tlacaeleltzin que estaba muy bien acordado, y que el tajon no fuese de madera, si no de piedra redonda, en médio agujerada para echar los corazones de los cuerpos que alli muriesen, después de haber gastado la sangre de ellos caliente Huitzilopochtli; y que esta piedra no la labrasen los huastecas, sino los de Atzcaputzalco y Cuyuacan excelentes albañiles, labrando en dicha piedra la guerra de sus pueblos cuando por vosotros fueron vencidos y muertos y sugetados a este nuestro imperio mexicano (TEZOSOMOC, 1975, p. 318-319).

⁸ Na cosmogonia mexica, o mundo não começara a existir de um momento para o outro, mas em vários períodos consecutivos. A “primeira fundação da terra” havia ocorrido há milhares de anos atrás. Haviam existido quatro sóis, nos quais a humanidade pretendeu seu desenvolvimento e em cada uma delas fracassou, sendo sempre iniciado um novo ciclo. O quinto sol é a era em que estavam vivendo.

Por isso, o guerreiro mexica teria como desafio tomar vivo o adversário, pois sua vida pertencia a seus deuses e era impróprio que o guerreiro a desperdiçasse no campo de batalha. Logo,

[...] quando se chegava corpo-a-corpo, a batalha tomava um aspecto completamente diferente do que qualquer outra do nosso mundo antigo. É que não se tratava tanto de matar inimigos, como de capturá-los para sacrificar. Os combatentes eram seguidos por “especialistas” para amarrarem com cordas aqueles que eram derrubados, antes que pudessem voltar a si (ELLIOT, 1988, v. 1, p. 268-269).

Assim, Huitzilopochtli representava tudo o que os mexicas deveriam ser, se sua vinda e ofício era fazer a guerra e este era o meio para obter riqueza, os mexicas seriam o instrumento dessa vinda e gozariam dessas riquezas e poder:

Ea, mexicanos, que aquí ha de ser vuestra cargo y oficio, aquí habéis de aguardar y esperar, y de cuatro partes cuadrantes del mundo habéis de conquistar, ganar y avasallar para vosotros, tened cuerpo, pecho, cabeza, brazos y fortaleza, pues os ha de costar así mismo sudor, trabajo y pura sangre, para que vosotros alcancéis y gocéis das finas esmeraldas, piedras de gran valor, oro, plata, fina plumería, preciadas colores de pluma, fino cação de lejos venido, lanas de diversos tintes, y otras muchas cosas de mucho placer y contento, pues habéis plantado y edificado vuestra propia cabeza, cuerpo, gobierno, pueblo de mucha fortaleza en este lugar de Coatepec (TEZOZOMOC, 1975, p. 318-319)

Portanto, partindo desta visão cosmogônica, os mexicas acharam-se obrigados, dando continuidade às imolações a que se tinham submetido os deuses, a sacrificar seres humanos, cujo sangue, contendo uma substância mágica denominada *chalchivatl*, determinava a manutenção existencial do sol e, por conseguinte, do universo. Caso estas práticas imoladoras cessassem, acreditavam os mexicas que o mundo se extinguiria.

Assim, a necessidade de se sacrificar seres humanos para satisfazer a sede de sangue dos deuses só seria possível com a ocorrência de guerras regulares, cujo intuito devia ser a de capturar guerreiros adversários ou subjugar o povo oponente para obrigá-los a ceder pessoas para imolá-las em função de seus deuses. Este costume correlacionava-se com a expansão da nação mexica que impunha aos povos dominados sua autoridade. José Lameiras expressa que,

La ritualización de las guerras tenía como objetivo la preservación de la riqueza y la imagen política de la elite que las manejaba, como se puede comprender por la guerra pactada ritualmente entre los acolhuas y mexicas en tiempos de Huehue Moctezuma. Las guerras floridas aseguraban de modo muy efectivo el orden jerárquico. Fundadas em el mito, protegían contra cualquier cambio social, tanto al mecanismo selectivo, como la jerarquía que ésta confirmada; demostraban a la sociedad que no podría prescindir de los

guerreros, y en tanto se creía en el mito, la posición de los guerreros permanecía inexpugnable (LAMEIRAS, 2002, v. 1, p. 397).

Assim, manter a vida do sol, também compreendia que, através de suas guerras para a conquista de vítimas sacrificiais, ampliavam igualmente seu domínio e satisfaziam suas crescentes necessidades econômicas.

Percebe-se que, para os mexicas, as guerras tiveram papel fundamental, visto que através delas conseguiram desenvolver e consolidar seu poder sobre os demais povos da Mesoamérica. Guerreavam perante a necessidade de expansão e busca de recursos (terras, água, bosques, etc.), perante o crescimento demográfico, perante as necessidades de se praticar a guerra de caráter religioso-político, enfim, tornou-se o mecanismo tradicional para solucionar qualquer tipo de problema ou conflito existente naquelas nações. Como sublinha Frei Toribio de Benavente Motolinía:

Todos estavam sempre envolvidos em guerras, uns contra os outros, até a chegada dos espanhóis. Era costume geral em todos os povos e províncias deixar nas fronteiras uma grande porção de campo ermo para as guerras. E se por acaso alguma vez fosse semeado, o que era muito raro, os que o semeavam nunca gozavam da colheita, porque os inimigos o arrasavam e destruíam (MOTOLINIA *apud* IRABIRU, 2005; tradução Permanência).

Desse modo, a guerra além de ser uma razão de Estado, foi o meio pelo qual a civilização mexica conseguia articular seu propósito social, sendo que para seu povo, o destino do guerreiro representava a oportunidade de transcender sua existência e dar sentido a sua própria vida. O sacrifício dos deuses pelos seres humanos e o sacrifício dos seres humanos para manter o sol em movimento, estruturava-se como uma interminável cadeia de acontecimentos a qual unia o humano com o divino, o céu com a terra.

Nesse sentido,

*[...] una nueva imagen lograda tras el triunfo les dio un acrecentado poder al exterior; entanto, en el interior les permitió la recreación de una vigorosa ideología sobre la legitimidad del gobierno militar y sus recursos para el uso de la violencia. **El Estado militar se perfeccionaba en Mesoamérica en una forma no antes vista y esa perfección llevaría incluso al control sobre la tradición histórica: tras de la victoria sobre Azcapotzalco, que lo fue también la de los mexica-tenochca sobre otros grupos de su propio origen, las viejas historias fueron desechadas en favor de la versión de la facción triunfante.** Las tradiciones que recogían cualquier relación de la dominación de Azcapotzalco, debieron por ello de ser destruidas y eso justamente hicieron los militares tenochca triunfantes* (BOEHM, 1981, p.781-782, grifo meu).

Se a atuação de Itzcoatl constituiu a base material para a formação de um Estado, a de Moctezuma Ilhuicamina havia de reconhecer a ereção formal de um complicado comando que incluiu territórios, anteriormente, não incorporados pela força ou política, e a integração efetiva deles por via da administração e da “burocracia” (LAMEIRAS, 1985). Para enfrentar a nova situação, sua organização política foi ampliada a fim de tornar-se mais eficiente. Uma das medidas adotadas foi a elevação do poder do *Huey tlatoani* (poder supremo e absoluto). Detinha esse papel supremo, não por sucessão hereditária, mas por eleição. A eleição do *Huey tlatoani* era dever e privilégio de um número limitado de *pipiltin*⁹. As qualidades pessoais eram, cuidadosamente, examinadas pelos eleitores. Na verdade, não votavam, pois seu propósito era chegar a uma decisão unânime.

O cargo de governante supremo era complementado por um assistente e conselheiro, o *cihuacoatl*. Os deveres mais importantes desse conselheiro, anota Alfredo Lopes Austin:

[...] era la suplencia del tlatoani em casos de ausencia o muerte, durante el tiempo que transcurría hasta una nueva elevación. Representaba al monarca en el campo de batalla cuando éste no iba al frente del ejército en las grandes campañas. Jugaba un importante papel en materia hacendaria, judicial y cultural (LOPEZ-AUSTIN, 1985, p. 120).

Todas as cidades, quer as dos mexicas e de seus aliados (Texcoco e Tlacopan), quer aquelas que foram conquistadas por eles, eram governadas por indivíduos nomeados pelo governante supremo. Esses governadores eram os *tlatoque* (plural de *tlatoani*). Em algumas circunstâncias, o governante supremo enviava um dos *pipiltin* da metrópole mexica para governar um domínio subjugado. Em outros casos, era permitido que os membros do antigo grupo governante das cidades conquistadas permanecessem no cargo após um novo juramento de obediência (ELLIOT, 1988, v. 1, p. 45).

Em termos da organização de grandes contingentes, o exército e a guerra ocuparam um lugar destacado no governo de Moctezuma: os corpos militares cresceram, a instrução e a educação na arte da guerra formalizaram-se no *Telpochcalli* e no *Calmecac*¹⁰. Com a expansão das fronteiras, a criação e a manutenção de uma larga cadeia de guarnições militares resolveu os problemas de segurança e da sustentação das rotas de comércio e transporte de tributos. A frequência das guerras devastadoras e a crescente distância dos territórios conquistados levaram a

⁹ Filhos dos grandes senhores da hierarquia mexica.

¹⁰ “El cameca, nombre que significa ‘en la hilera de las casas’, y con el que se designaba a cada uno de los centros de educación superior que existían en el Altiplano mexicano, formaba junto con el telpocchcalli la casa de los jóvenes, el sistema de educación formal cuya finalidad era la integración de los individuos a La realidad social” (GALVÁN, 2003, p. 25).

uma sobressalente organização de grupos de colonização, de governos militares e de uma estrutura de arrecadação e administração dos tributos.

Assim, essas mudanças proporcionaram uma contínua expansão política e econômica dos mexicas, nas quais, aliadas com o amplo desenvolvimento do comércio foram responsáveis pela crescente prosperidade do “império”¹¹.

Contudo, em relação ao desenvolvimento e reestruturação do Estado mexica, devemos fazer algumas ressalvas. A sólida estrutura econômica da organização política dos mexicas, que já estava, basicamente, formada ao fim do governo de Moctezuma Ilhuicamina (por volta de 1469), foi objeto de muitas interpretações divergentes. A maioria dos cronistas espanhóis (e historiadores do século XIX, como William H. Prescott, José Fernando Ramírez e Manuel Orozco y Berra) haviam reconhecido que a sociedade mexica era, em muitos aspectos, semelhantes à dos reinos feudais da Europa. Assim, para descrevê-la, não hesitaram em empregar termos semelhantes aos de reis e príncipes; corte real, fidalgos e cortesãos; magistrados, senadores, cônsules, sacerdotes e pontífices; membros da aristocracia, nobres de alta e baixa posição, proprietários rurais, plebeus, servos e escravos. O revisionismo crítico foi iniciado por Lewis H. Morgan em sua obra **Ancient Society** (1877). Ele escreveu:

A organização asteca colocava-se claramente diante dos espanhóis como uma confederação de tribos indígenas. Nenhuma outra coisa, a não ser a mais grosseira distorção de fatos óbvios, poderia ter autorizado os escritores espanhóis a fabricar a monarquia asteca a partir de uma organização democrática (traduzido).

[...]

Eles [os cronistas espanhóis] temerariamente inventaram para os astecas uma monarquia com características acentuadamente feudais [...] Essa concepção incorreta já se manteve por mais tempo do que merece devido à indolência dos americanos (traduzido).

As idéias de Morgan, aceitas e divulgadas por Adolph F. Bandelier (1878-1880), exerceram uma profunda influência. A maioria dos pesquisadores aceitaram a tese de que os mexicas e os outros povos que habitavam o sul do México e a América Central não tinham classes sociais diferenciadas e não haviam desenvolvido formas de organização política, como reinos ou outros tipos de Estado. Reconheciam que os povos mesoamericanos eram apenas grupos vinculados por sangue (vários tipos de “tribos” ou “clãs”), algumas vezes associados em confederações.

¹¹ Aqui devemos recordar que o conceito de nação, Estado ou império não existiram no México antigo. Por isso, ainda que usemos a palavra império (seguindo Hernando Alvarado Tezozomoc) não devemos associá-la ao conceito europeu. O conceito em nahuátl para designar essa noção seria o de “*huei tlahtocáyotl*”, vocábulo que se deriva de “*tlatoani*”.

Meio século mais tarde, um estudo mais apurado de fontes indígenas conduziu a um novo revisionismo. Manuel M. Moreno (1931), Arturo Monzón (1949), Paul Kirchhoff (1943), Alfonso Caso (1927), Friedrich Katz (1966) e outros chegaram a conclusões que coincidiam nos seguintes pontos: os *macehualli*¹², agrupados em *calpulli*¹³; constituíram entidades sociais relacionadas por parentesco; sua posição sócio-econômica diferia tão radicalmente da dos *pipiltin* que foram forçados a aceitar a existência de classes sociais; entre as muitas distinções que prevaleciam entre os *macehualli* e os *pipiltin* havia aquela relacionada com as formas de posse da terra; somente os *pipiltin* podiam possuir a propriedade privada da terra.

Em recente pesquisa de Pedro Carrasco (1976), desenvolvida dentro de um arcabouço teórico marxista e usando como dispositivo analítico essencial o conceito de modo de produção asiático, contestou muitas conclusões aceitas de modo geral. Em suma, essa pesquisa defende a tese de que essas sociedades tinham como base aldeias comunais primitivas que possuíam e trabalhavam, coletivamente, a terra. Periodicamente, essas entidades organizavam-se sob o governo de um grupo dominante e despótico que se apropriava da mais-valia e, arbitrariamente, distribuía o usufruto da terra entre seus próprios membros, de acordo com a função. (Uma vez que não possuíam a terra em caráter privado, há certa hesitação em usar o conceito de classe: preferem-se os termos estratos, estados ou setores).

1.1 As formas de disputa armada

Normalmente, utiliza-se duas tipologias sobre a forma de guerra praticada na Mesoamérica: a “guerra total” e a “guerra ritual” ou “guerra florida”. Contudo, ao seguir a análise da disputa armada em seu “papel instrumental”, como propõe Hans Speir, podemos destacar outras funções da guerra mesoamericana. Para Speir a guerra total ou absoluta

[...] puede caracterizarse, negativamente, por la ausencia de cualquier restricción y regulación impuesta sobre la violencia, la traición y el terror. En la guerra total, el enemigo no constituye un obstáculo para la obtención de los valores que controla. La guerra total no se sopesa de

¹² Segmento indígena que não fazia parte da elite mexicana.

¹³ Calpulli é o termo nahuátl que designava um grupo social unido por parentesco num mesmo espaço geográfico. Possuíam a mesma profissão e cultuavam o mesmo deus patrono, além disso, respondiam ao mesmo dirigente interno e pagavam tributos ao Estado na forma de trabalhos comunais e com participação na guerra (LOPEZ AUSTIN, 1985, p. 25)

*acuerdo al lograr un cambio en el modo de vida del enemigo; ni se equilibra de modo de llegar a pactar la paz con él [...] El enemigo absoluto no es sujeto de intereses predatorios, sino más bien un símbolo de extrañamiento, de demonismo y de peligro para la comunidad en su conjunto. La guerra ritual es el extremo opuesto de la antes enunciada, la que se realiza bajo condiciones estudiadas de igualdad y bajo la estricta observancia de ciertas reglas; sus resultados contrastan con otro tipo de guerras en cuanto a las ganancias populares. **La ‘guerra instrumental’, en cambio, está orientada a lograr el acceso a los bienes controlados por el enemigo** (SPEIR, 1969, p.223-227, grifo meu).*

De acordo com Friederich Katz, a base econômica da Tríplice Aliança estava constituída quase em sua totalidade pelos tributos entregues pelos povos subjugados (1966, p. 151). Na maioria dos casos a sujeição tributária implicava em uma ação violenta e o posterior controle político direto do território. Dessa ação derivavam-se com frequência novas causas da guerra (Speir denominou de guerras instrumentais) devido aos câmbios efetuados pelos dominadores na organização ou por uma possível rebelião dos dominados por não aceitarem a entrega do tributo.

Durante o século XIV, na Mesoamérica, a guerra total, teve caráter esporádico. Contudo, no século posterior, esse tipo de guerra foi ganhando importância e frequência. Ela era empreendida pela falta de terras, excedente populacional, necessidade de alimentos, matéria-prima ou meios de produção. O imperativo do poder, a solução das carências, a ascensão individual e a mobilidade social auxiliavam na sua realização.

Vários conflitos realizados pelos mexicas e seus aliados revelam-nos características de guerras totais. Exemplo disso, foi o extermínio da população de Oaxaca em tempos de Moctezuma Ilhuicamina, como também o conflito empreendido contra Teloloapan, Oztoman e Alahuiztlan em que Ahuizotl e seu exército arrasaram essas populações e sacrificaram os seus sobreviventes. Nesse sentido,

A reserva de volver a las fuentes que consultó e interpretó desde los simples combates, no siempre se trataba de ganar cautivos para entregarlos vivos y luego sacrificados, ya que cada parte trataba de deliberar a la otra con pérdidas parciales a través de rudas estrategias, hasta que el enemigo, reducido en número, se rendía tras la muerte o la captura de sus guerreiros principales (BANDELIER, 1877, p. 37-138).

Por isso mesmo podemos questionar ou pelo menos considerar, relativamente correto, afirmar que todos os combates tinham, simplesmente, o interesse de capturar o adversário vivo, ou seja, que a guerra sempre teria um caráter sagrado ainda que não se tratasse, especificamente, de uma “guerra florida” (CANSECO, 1966, p. 99).

De qualquer forma, a eliminação total do inimigo parece haver sido, cuidadosamente, calculada. Por exemplo, na segunda conquista de Cotaxtla empreendida, pelo velho Moctezuma, a proposta de arrasar a população rebelde foi questionada pelo conselheiro militar Tlacaelel antecipando a seus soldados que:

[...] si los venciesen y desbaratasen, que les doblasen el tributo y que con esto quedarían castigados, porque el destruirlos a todos era imposible y gran inconveniente el destruir pueblos de tanta riqueza y que para poblarlos no había gente, ya que los quisieren tomar a poblar (DURAN, 1967, v. 2, p. 202).

Diante desse relato, está claro que os militares mexicas sabiam as finalidades e as possibilidades da guerra pois, dobrando os tributos, retirava dos vencidos a possibilidade de empregar os excedentes para sustentar algum grupo rebelde. Em contrapartida, a simples eliminação da população era sentida pelos mexicas, seus dominadores.

Não obstante do extermínio total como objetivo da guerra entre os povos mesoamericanos, devemos formular outras perguntas relativas a sua relação com o controle demográfico, a divisão de recursos, o controle político e ideológico dos inimigos. A respeito do controle demográfico e a divisão de recursos, Sheburne F. Cook discute esses problemas em um trabalho sobre os sacrifícios humanos e a guerra como fatores de equilíbrio demográfico na América pré-hispânica. Antecipando que duas das mais notáveis manifestações externas da cultura mexica foram os excessivos sacrifícios humanos e a guerra ininterrupta, Cook relaciona a intensificação dos primeiros com a frequência da guerra e com sua mudança de objetivos para satisfazer as necessidades crescentes das vítimas que fazem oferendas às divindades bélicas (COOK, 1946, p. 82). Nesse sentido, afirma que:

*No mucho antes de la segunda mitad del siglo XV, periodo caracterizado por hambrunas constantes y porque en esos tiempos la densidad de población en el México central fue alcanzando su máximo y [...] **el margen de subsistencia llegó a ser de alguna manera precario, fue cuando los sacrificios humanos comenzaron a ser masivos y cuando la guerra entró en estrecha relación con la reducción de la población, la necesidad de equilibrar el reparto – o la apropiación - de los alimentos disponibles y con el absoluto poder del estado militarista** (COOK, 1946, p. 83; grifo meu).¹⁴*

¹⁴ Com a exposição do problema sobre a política de controle demográfico articulado com a guerra e os sacrifícios humanos, Cook iniciou a discussão se essas ações tiveram um caráter consciente e explícito por parte dos estados do Altiplano central mexicano. Desde então (1946), o problema tem sido discutido e ainda que não se tenha chegado a nenhuma conclusão satisfatória, há poucas dúvidas sobre o porquê o estado mexica e seus aliados praticavam uma política deliberada tendente ao controle do crescimento populacional e que o infanticídio, os sacrifícios humanos e a guerra foram seus instrumentos preferenciais. A argumentação quantitativa levantada por Cook parece convincente: “*asumiendo que la población total fue de 2.000.000[...] la tasa promedio de muertes de no sacrificados pudo haber sido de 100.000 por año. Por lo tanto, un promedio anual de sacrificados de 15.000 pudo haber aumentado la tasa de*

A concepção dos objetivos da guerra para a obtenção de vítimas para os sacrifícios, mediante um “convênio” entre os beligerantes (guerra ritual ou florida), sem que os exércitos combatentes pretendessem ganhar terras, nem senhores, parece, em muitos casos, não corresponder, estritamente, com a realidade histórica e nem com o caráter violento da sociedade pré-hispânica dos séculos anteriores à chegada dos dominadores europeus (CANSECO, 1966, p. 102). Por isso, devemos esclarecer os mecanismos que envolviam tal conflito, o tipo social de guerra que, de acordo com Speir, realizava-se

[...] en condiciones de estudiada igualdad y bajo la estricta observancia de reglas. Mesurada en términos de destrucción, tal pelea es altamente ineficiente y ridículamente ceremoniosa [...] no está orientada hacia la destrucción del enemigo, aunque su muerte, seguramente puede suceder. No está dirigida hacia la adquisición de riqueza u otros fines útiles. Se pela por un premio, es decir, por un valor simbólico atribuido a la victoria. (SPEIR, 1969, p. 227).

Ao analisar a guerra ritual, Friederich Katz menciona que ela surgiu através de um acordo que, supostamente, existiu entre os membros da Tríplice Aliança e os dirigentes tlaxcaltecas e de Huexotzinco: “*Conforme al cual los ejércitos de ambas partes se reunían en cierto día, luchaban entre sí e se llevaban prisioneros recíprocos, y al terminar el día se retiraban sin intentar sojuzgar la población del otro*”(KATZ, 1966, p. 153)¹⁵. Provavelmente, ele fundamentou tal afirmação levando em consideração os escritos de Fernando Alva Ixtlilxóchitl. Segundo ele,

[...] ocurrió que tras varias catástrofes naturales que ocasionaron hambre entre los pueblos de los valles centrales de Mesoamérica, se juntaron los tres señores que encabezaban la triple alianza de Tenochtitlan, Tlacopan y Texcoco con la señoría de Tlaxcalan, a tratar el remedio mas conveniente para este efecto (IXTLILXÓCHITL, 1985, p. 112).

Nessa reunião que, aparentemente, somente participaram Nezahualcoyotl, senhor de Texcoco, e Xicotécatl, um dos senhores de Tlaxcala concordaram que

“desde aquel tiempo en adelante se estableciese que hubiesen guerras contra la señoría de Tlaxcalan y la de Tetzcuco con sus acompañados y que se señalase un campo donde de ordinario se hiciensen estas batallas, y que los que fuesen

muerdes aproximadamente a un 15%, una cantidad que sobre una o dos generaciones, pudo haber sido de significación material[...]” (COOK, 1946, p. 93).

¹⁵ Canseco Vincourt, um dos estudiosos desse tipo de enfrentamento ritualizado, atribui ao período de Moctezuma Ilhuicamina (1438-1478) o estabelecimento da *Xochiyaotl* ou guerras floridas. É provável, contudo, que essa instituição vem da época tolteca. Uma mudança nas condições dessas contendas pode haver relegado seu caráter cerimonial, tendente à obtenção de vítimas para o sacrifício, para convertê-las em combates abertos com o objetivo de provocar diretamente baixas ao exército inimigo (CANSECO, 1966).

presos y cautivos en ellas se sacrificasen a sus deuses” (IXTLILXÓCHITL, 1985, p. 112).

Nessa crônica, o caráter da guerra com um sentido religioso está plenamente definido, descartando-se o de conquista. Segundo Ixtlilxóchitl, essas guerras não pretendiam ganhar as terras e os senhorios e ademais se estabelecia que, “[...]había de ser con calidade que cuando tuviesen algún trabajo o calamidad en la una y otra parte habían de cesar las dichas guerras y favorecerse unos a otros, como de antes estaba capitulado con la señoría de Tlaxcalan” (IXTLILXÓCHITL, 1985, p. 112).

Contrapondo essa tese, Hernando Alvarado Tezozomoc e Diego Durán afirmavam que a “guerra florida” foi instaurada por determinação da nobreza mexica:

[...] poniendo en plática el rey Motecuhzoma [...] sobre que se ordenase cómo los dioses fuesen servidos con sacrificios de hombres con la frecuencia necesaria [...] mandó juntar sus grandes señores. Los cuales juntos, les dijo como su voluntad era ordenar una feria militar, donde como quien va al mercado, de tantos días se acudiese a comprar honra y gloria humana con su sangre (DURAN, 1967, v. 2, p. 235).

Para essas fontes de tradição mexica, a decisão de Moctezuma Ilhuicamina em implantar a “guerra florida” foi unilateral, e não houve sequer um aviso às províncias inimigas sobre tal determinação.

Apesar de seu caráter religioso, através das “guerras floridas” podia-se derivar uma guerra “instrumental” ou mesmo uma guerra total, visto que, em muitos casos, seus objetivos eram desde a preservação do controle comercial, a apropriação de produtos até a eliminação dos inimigos (LAMEIRAS, 1985, p. 84). Vejamos o exemplo a seguir:

También en este año [1415] Xochiyaotl o guerra florida quedó arruinada, pues se convirtió en guerra mortal y general, pues ahora los nobles a prestados ya no eram puestos en libertad sino sacrificados. La guerra de cortesías había durado, según unos, 40 años; según otros, 35 años (CHIMALPAIN apud LAMEIRAS, 1985, p. 84).

Dentre outros objetivos, podemos citar o papel que cumpria em relação à mobilidade social, a implementação das necessidades de obras públicas, e a manutenção de um sistema para tratar de compreender o porquê da relatividade do pacto que manteve, politicamente, o exercício ritual da guerra, com inimigos capazes de desenvolver uma potencialidade militar similar. Nesse caso, “las guerras floridas perderían su carácter convencional y ritual al ser tomados por la masa como mecanismos reivindicativos” (LAMEIRAS, 1985, p.85). Nesse sentido, Durán expressa:

La causa por la que se movían así tantos a la guerra, aunque lo principal era su propio interés y ganancia de honra y bienes, lo segundo era no tener su vida en nada y tener por bien aventurados a los que en ella morían y así llamaban a la guerra Xuchiyaotl, que quería decir guerra florida, y por el consiguiente llamaban a la muerte del que moría en guerra Xuchimiqiztli, que quiere decir muerte rosada, dichosa y bien aventurada[...] (DURAN, 1967, v. 1, p. 434).

Essa imagem dada por Diego Durán relaciona-se com a concepção culturalista que Werner Stenzel formula da guerra florida:

[...] el sacrificio de víctimas apresadas en la guerra, la premiación de guerreros distinguidos, los trofeos, las asociaciones masculinas exclusivas y el acicate que, en general, supusieron esas instituciones para el desarrollo social, cultural e ideológico de varios pueblos de las planicies norteamericanas, el norte de México y Mesoamérica (Stenzel, “Military and religious orders in Ancient Mexico – transcrito sem data, proporcionado por Vich Angel Palerm - 1956).

Dessa forma, sem negar que o espírito bélico dos povos mesoamericanos estava permeado pela religião, a poderosa ideologia postulante da necessidade de obter através das guerras vítimas para apaziguar com o sangue a sede do deus maior Huitzilopochtli, deve ser referida, contudo, “*a la estructura política que la creó, en buena medida bajo la presión de las guerras de carácter instrumental*” (LAMEIRAS, 1985, p. 85).

Assim, a mitificação e a ritualização dessas guerras perseguiram, além disso, a preservação da riqueza e a imagem política da elite que as manejava, como expressa a guerra pactuada, ritualmente, entre os acolhuas e mexicas em tempos de Moctezuma I quando os tenochca, detentores do poder, expressam a Nezahualcoyotl tendo como porta voz Tlacaelel:

Poderoso señor, todos aceptamos la paz y concordia y somos contentos de que se hagan las treguas, pero sean con una condición, de que no perdamos de nuestra autoridad y derecho: no piensen las naciones de esta tierra, que nosotros acobardados o temerosos hemos procurado treguas y quieran todas las ciudades cercanas y lejanas cumplir con nosotros con hacer treguas y que nos quedemos sin provecho ni autoridad: a mí me parece que para que entiendan que somos poderosos a vencer a todo el mundo y a las demás provincias oigan que hemos vencido a la de Tezcoco, tan grande y larga [...] (DURÁN, 1967, vol. 1, p. 128).

A consideração final de Tlacaelel é notável por causa de sua carga política, já que manifesta o poder que os mexicas haviam logrado com o exercício da violência:

[...]Luego cesaremos y quedará nuestra fama y honra sin mácula ninguna, y ellos (los tezcocanos) sin lesión ni enojo y los macehuales a nos servir cuando los hubiésemos menester, y las demás provincias y ciudades, temerosas y asombradas con la fama de haber destruido a Tezcoco y su provincia [...](DURAN, 1967, v. 1, p. 128).

A partir desta análise, decorre a necessidade de considerarmos com certa relatividade o caráter, unicamente, ritual das “guerras floridas” e, sobretudo, analisar levando em consideração os fins políticos de tais conflitos a respeito da sujeição da população e a manutenção de uma imagem de autoridade e poder.

Sublinhando a função da guerra no ideário mexica, Mario Erdheim observa que esta

es el factor causal que produce la situación social en la que la ideología aparece como verdad absoluta e que la clase gobernante necesitaba la guerra florida y las guerras contra los demás pueblos en gran parte para comprobar su fidedignidad (sic): así recibía su ideología la calidad legitimadora (ERDHEIM, 1978, p. 206-207).

Assim podemos considerar, entre outras coisas, que o objetivo da guerra também era ideológico e que a guerra – ou o estado de guerra – e a ideologia alimentavam-se, mutuamente, confirmando, neste caso, o *ethos* militarista dos povos guerreiros da bacia do México.

1.2 Entre a declaração de guerra e os limiares do combate

As guerras podem durar anos, meses, ser efêmera ou não chegar a ser realizada ante o temor do agredido em relação a seu agressor, porém sua preparação pode supor um longo tempo. Durante este lapso, sucedem muitas coisas que devem ser estabelecidas para termos uma melhor compreensão sobre a guerra, por mais que seu projeto final seja a violência armada.

Na Mesoamérica, normalmente, a decisão de empreender uma campanha era tomada pela cúspide do governo, geralmente como resposta a uma insurreição ou a uma agressão. O próximo passo era enviar embaixadores dirigidos a exigir a submissão do inimigo, como também explicar ao povo os motivos da decisão de fazer a guerra. Cada um dos membros da Tríplice Aliança tinha seus próprios embaixadores que eram enviados, sucessivamente, com intervalos de 20 dias, começando com os *Quaqueuhnochtizin*, de Tenochtitlan; seguindo os *Achcautzin* texcocanos e concluindo com os enviados de *Tlacopan* (CANSECO, 1966, p. 92).

No caso da Tríplice Aliança – integrada por Tenochtitlan, Texcoco e Tlacopan – tudo era decidido em comum acordo, porém também cabia a possibilidade de aceitar a iniciativa independente de qualquer um dos membros. É provável que em determinadas ocasiões (empreender uma guerra ou planejar uma campanha) a proposta poderia vir de um ou vários conselheiros de cada *tlatoani*, e inclusive de algum comerciante ou pessoa importante, ligados à

elite no poder, incluindo ou não na administração do governo, porém que tivesse o suficiente poder de persuadir as lideranças para desencadear a máquina da guerra (LAMEIRAS, 1985, p.105). Desde o surgimento de Tlacaelel e o estabelecimento do posto de *Cihuacoatl* como cabeça militar, esse cargo parece haver sido incrementado ou ao menos instituído um poder ostensivo sobre o resto do governo e uma influência para a decisão de empreender a guerra.

Uma vez tomada a decisão, anunciava-a em praça pública, dando tempo para todos se prepararem. Os próprios soldados e os mensageiros comunicavam às zonas amigas o início do conflito. De qualquer forma, uma vez planejada a campanha, o aparato militar entrava em funcionamento de acordo com a estratégia sustentada pelo *tlatoani*, na qual estava incorporada seus próprios objetivos de acordo com as circunstâncias existentes desde o momento de sua instauração. Como exemplo, podemos citar a campanha contra Oaxaca. Decidido o conflito, Moctezuma Ilhuicamina e Tlacaelel comunicavam ao conselho supremo, cujos membros

[...] luego que supieron y entendieron esta orden avisaron a todos los capitanes y soldados valientes para la muerte y rompimiento a fuego y sangre de los Coixtlahuacan y Oaxaca, habiendo citado para esto los mexicanos a los soldado Quachic y Otomitl, diciéndoles las cosas que les mueven e la guerra e de la manera que se alcanzan los bienes y horan, y entrar en el palacio armados y vestidos, y tener parte de las rentas de Moctezuma, por las victorias ganadas con valor, esfuerzo y valentía [...] (TEZOZOMOC, 1975, p. 159).

Em geral, as campanhas eram empreendidas ante a uma declaração de guerra formal rodeada de um cerimonial, “*parte del cual implicaba la unción del señor enemigo con tizatl y ungüentos; lo primero para considerarlo simbólicamente muerto y lo otro para vigorizar su brazo y su cabeza y darle mayor aptitud para el combate*” (CANSECO, 1966, p. 90). Porém, é lógico supor que em muitas campanhas empreendidas contra grupos “estrangeiros”, não nahuas, pode ter sido iniciado sem prévio aviso e sem qualquer tipo de protocolo, precisamente, pelo seu eventual objetivo de destruição total.

Para a guerra obter êxito era fundamental atender, pelo menos, a dois aspectos: a logística e a estratégia. Se ambas são importantíssimas em qualquer confronto, na mesoamérica tem especial relevância pela quantidade de obstáculos que havia de serem ultrapassados. A boa organização da logística era fundamental para as campanhas, que cada vez mais implicavam em distâncias maiores. O abastecimento foi resolvido porque os mexicas exigiam das populações por onde transcorria o conflito que lhes proporcionassem comida, homens e armas de que necessitassem (DURAN, 1967).

Desta maneira, era enviado um mensageiro que se adiantava para anunciar a chegada das tropas. Geralmente, os exércitos partiam com um dia de diferença para gerar uma divisão entre as

tropas e deixar sua chegada um pouco mais amena para a população pelo menos enquanto havia alimentos, especialmente a água (BUENO, 2006). Por um lado, partiam os homens e por outro, as armas que saíam um dia antes daqueles. A maneira de transportar tanto provisões como armas era através dos *tlamemes*¹⁶, carregando cada um aproximadamente 23 kg/25 km dia. Quando o exército chegava ao acampamento, seus dependentes/vassalos já haviam preparado o lugar com mantas, louças e tendas. As razões estratégicas de viajarem em grupos separados respondiam pelo menos a três motivos: reduzir o tempo da marcha, atacar por diferentes rotas com o objetivo de destruir a defesa tática do inimigo e evitar que o mesmo superasse o tamanho real do exército.

Nas campanhas realizadas a média e longa distância requeria uma organização prévia do aprovisionamento de alimentos e armas e o traslado de corpos prestadores de serviços adicionais da guerra. Parte da tecnologia da guerra incluía, como se vê, desde a preparação de alimentos facilmente transportáveis, até o desenho e construção de acampamentos para o exército. O traslado das provisões e armas como também a construção dos acampamentos eram imprescindíveis sendo considerado um dos principais serviços requeridos pela guerra.

O governo mexicana, como qualquer Estado, possuía um ótimo canal de inteligência composto por embaixadores oficiais, mensageiros, mercadores e espiões, cujos serviços eram recompensados (BUENO, 2006). Com os dados colhidos eram preparadas as campanhas militares, pois permitiam fazer uma idéia muito aproximada de quanta gente vivia na região a ser conquistada, como era o seu arsenal, que obstáculos geográficos tinham que evitar, quantos dias durariam a marcha, etc.

Dependendo do tipo de campanha, a distância do território inimigo, o papel que julgava o combate dentro da estratégia geral ou mesmo por motivos táticos, o lugar do combate podia ser estabelecido, previamente. Porém, esta situação nem sempre seria a mesma e, geralmente, correspondia às campanhas realizadas em território fronteiro (LAMEIRAS, 1985, p. 107-108). Normalmente, o encontro era decidido através da tática de guerra e esta estava sempre apoiada por espiões, observadores e conhecedores do lugar.

Os serviços de espionagem, não necessariamente em mãos militares, tratavam de lograr informação básica para o planejamento dos combates e vantagens prévias ao enfrentamento. Esse serviço precedia a maioria dos combates e apoiava substancialmente, a estratégia e as táticas militares. A partir da espionagem se conheciam-se as características da população da região onde iria realizar a guerra, seus recursos, sua geografia, a relação entre os distintos grupos de vizinhos e, sobretudo, o potencial bélico e o armamento dos adversários.

¹⁶ *Tlamemes* era uma casta especializada em transportar objetos.

Em relação à prática de espionagem podemos destacar os *pochtecas* (comerciantes). Devido a suas constantes incursões comerciais, eram os que tinham uma visão mais completa e geral das regiões e sua respectiva produção. Em virtude dessas atribuições não era casual o ataque que esses mercadores sofriam, já que estavam, plenamente, associados com a espionagem militar, com os preparativos e o desenvolvimento da guerra.

Desde os tempos de Itzcoatl e seus sucessores, quatro senhores principais eram enviados em companhia de um grupo de *pochtecas* para propor acordos comerciais favoráveis à Tríplice Aliança, a buscar a aceitação do pagamento de certos tributos ou, em caso de negativa, de inteirar ao inimigo de que se empreenderia uma guerra contra eles. Esses eram os *quacuauhmoctin*, comerciantes a serviço do Estado que negociavam a liberdade do comércio em lugares não conquistados e o pagamento tributário de produtos luxuosos. Todos eles “[...] mensajeros que para este efecto estaban nombrados en la corte, que no servían de outra cosa sino de correos y postas y embajadores, los cuales tenían particular ración y salario [...]” (DURAN, 1967, v. 1, p. 230).

Havia os mercadores dos postos avançados, os *motlaitzitzioan-pochteca*, que eram muito importantes na elaboração da estratégia militar, isso porque, através dela, podia-se definir os interesses da conquista de um determinado território ou região. Muitas vezes disfarçados, esses mercadores conseguiam demonstrar todos os movimentos do inimigo.

Por outro lado, a sofisticação dos serviços de espionagem militar e sua relação constante com os comerciantes fizeram com que, naquelas regiões penetradas em tempos de paz pelos *pochtecas*, se convertessem em territórios, potencialmente de guerra e conquista. Nas mãos dos comerciantes espíões estavam as informações requerida pelos militares para estabelecer, mediante a violência, mercados, aprovisionamentos e rotas.

No entanto, não eram todos os comerciantes que estavam envolvidos na espionagem. Canseco afirma que

En general el término pochteca designaba a los que se encargaban de efectuar el comercio con los señoríos no sometidos y que éstos tenían varias categorías comenzando por la más alta, la de pochteca tlatoque; la de tealtinime o tecoanime, que eran comerciantes en esclavos; los tecunenenge, mercaderes al servicio de los señores; los náhuatl oztomeca y los simplemente llamados oztomeca, cuyo papel en el espionaje militar era efectivamente importante (CANSECO, 1966, p. 82).

A estrutura econômica do “império mexica”, como a de outros estados militaristas do território mesoamericano, repousava, em grande parte, em um sistema redistributivo-tributário (LAMEIRAS, 1985, p. 72). Por isso, como expressa Mario Erdheim, “guerra y comercio

entranaban en contradicción al mismo tiempo que se complementaban” (1978, p. 214). Para garantir o desenvolvimento e a permanência de um livre comércio em regiões afastadas a única solução era a utilização da violência da guerra e a permanência de exércitos de ocupação. Nesse sentido, *“en el caso purhépecha no parecer haber sido objetivada su expansión de otra manera. Tras las conquistas de los ejércitos michoaque hacia las tierras calientes, frías y templadas, lleharon a la sede lacustre de su poderío varios productos diversificados*” (HERREJON, 1978, p.16). Por isso havia uma constante contradição (oposição/associação) entre os comerciantes e os guerreiros e uma perseverante presença do estado intervencionista, propenso aos militares (HERREJON, 1978, p.16)

Apesar disso, constatamos que o uso da violência para controlar as rotas comerciais favorecia ao próprio intercâmbio. Por exemplo, a guerra contra Coixtlahuaca, empreendida por Moctezuma Ilhuicamina, devido à agressão e ao assassinato de 160 comerciantes do centro do México, permitiu apreciar a dependência entre o comércio e a guerra, como também a mobilização requerida para assegurar a proteção das caravanas de comerciantes e a provisão de Tenochtitlan a várias jornadas de distância. Descreve Durán que nesta ocasião:

[...]fué pregonada la guerra por todas las ciudades de Chalco, Tezcoco, Xochimilco, Coyoacan, Atzacotalco y toda su provincia, Tullan, de onde se juntaron tantas y tan innumerables gentes que cubrían el sol, y tanto el aparato de guerra que para esta entrada se juntó, cuando en ninguna de las demás se habían visto ni juntado (DURAN, 1967, v.1, p. 189).

Por esse tipo de intervenção, ao mesmo tempo em que a guerra convertia-se para alguns como um poderoso ativador do intercâmbio recíproco, do comércio e da tributação, significava para outros, um freio ao desenvolvimento produtivo (ERDHEIM, 1978, p. 211.).

Esta situação encontra-se bem documentada, em geral, para o período de hegemonia mexica e é uma amostra de que a guerra servia também para preservar a posição política do grupo militar frente aos comerciantes. Uma sociedade que se inclinava, ideologicamente, pelos méritos guerreiros como parâmetro para ascender socialmente, os comerciantes encontravam-se ante a um dilema, *“al tener que lograr riquezas para poder alternar con los guerreros prestigiados o hacer méritos de guerra para ser aceptados e incorporados al Estado*” (ERDHEIM, 1978, p. 211-214).

A atenção aos feridos constituía outro serviço para a guerra em mãos de especialistas não militares. Este havia de ser cumprido deslocando para o campo de batalha ervas, aparelhos e curandeiros e mantendo sua ação e provisão durante o tempo em que eram imprescindíveis na batalha. Durán descreve e comenta que nos combates:

[...] Tenían gente suelta para tomar luego los heridos y llevarlos a cuestras, y estaban aparejados los cirujanos con sus medicinas para curarlos a los cuales sanaban con más brevedad a los necesitados que nuestros médicos y cirujanos porque no sabían alargar la cura por más ni menos paga [...] (DURAN, 1967, v. 1, p. 192).

De acordo com Adolfo Bandelier (1877), podemos oferecer os nomes em *nahuátl* daqueles que se relacionavam com esse serviço: cirurgião de guerra, *Texoxotlaticitl*, o *texaxqui*, uma espécie de feiticeiro, o *ticitl*, médico e adivinho, e os *Tlamacalque*, os sacerdotes. Assinala que

[...] en nombre mexicano de cirujano de guerra (surgeon) es texoxotla tícitl, Texaxqui, significaba brujo y tícitl médico o adivino. Ambos concuerdan muy bien con la concepción de un curandero indígena. Aparte, hay evidencia de que los sacerdotes iban también a la guerra y sugiere que el tener cuidado de los heridos podría haber sido parte de sus obligaciones. Una cierta clase de sacerdotes eran llamados tlamaecazque, ciertamente derivado de tlama, médico o doctor (BANDELIER, 1877, p. 138).

1.3 O exército em número, campanhas, táticas e composição militar

Em relação à magnitude dos exércitos pré-hispânicos podemos verificar certa variação dependendo da importância da campanha, do tipo de guerra que se tratava ou mesmo do número de guerreiros relativo ao exército inimigo. Por exemplo, Katz observa que as “guerras floridas” ou rituais incluíam um número menor do exército; igualmente as campanhas em que as distâncias para percorrer eram enormes e não podia manter um contingente numeroso (KATZ, 1966, p.160). Na campanha que Moctezuma organizou contra Chalco a composição e o tamanho do exército tiveram razões táticas:

Salido el ejército de México, mandó Moctezuma recoger todos los mozos de 12 años para arriba y recogieron gran número de ellos y hízoles armar a todos [...] eligiéndoles capitanes que fuesen con ellos y luego los despachó tras el ejército para que viendo los chalcas llegar gente de nuevo, pensasen que era otro ejército y temiesen (DURAN, 1967, v. 1, p. 143).

Em se tratando de grandes corpos militares, era exigido uma estratégia que envolvia o manejo de uma tecnologia de provisão alimentícia especial, o desenvolvimento das técnicas de fabricação de armas, mobilização e o eventual controle e depreciação das populações assentadas no trajeto. Em uma campanha contra os purhépecha, os mexicas trasladaram para a guerra um contingente menor que de seus inimigos: (24.000 vs. 40.000 homens), pois ao alcançar a fronteira

[...] “*el señor de Matlatzinco vino ante el rey y [...] al cabo le ofreció mil cargas de flechas y de rodela y espadas y hondas y otros géneros de armas que ellos usaban, ofreciéndose gente de guerra si lo hubiera menester*” (DURAN, 1967, v. 1, p. 291). Isso permite supor que, em outras campanhas, se lograria o aprovisionamento de maneira similar, tanto de guerreiros como também de armamentos e suprimentos.

Os grandes exércitos integravam-se com corpos de médio tamanho que em certas ocasiões poderiam atuar em combate como unidades básicas do exército. Provinham dos *calpullis* da cidade de Tenochtitlan, “quienes aportaban obligatoriamente compañías de 8.000 guerreros, un ‘*Xiquipilli*’” (KATZ, 1966, p.160). Cada uma dessas unidades dividia-se em vinte esquadrões de 400 soldados à ordem de um capitão. Existia também os *auxilia* formado por jovens das populações subjugadas. Essas forças eram utilizadas em situações em que a ameaça era máxima. Em situações de menor intensidade, entravam em ação os exércitos das populações dependentes/vassallos.

Em geral, quando se deslocavam para uma campanha, o exército mexica seguia uma ordem e disciplina em seu avanço a terras inimigas. Vejamos:

1. Guias: Os guias estavam à frente dos combatentes e eram uma espécie de patrulha que tinham a incumbência de explorar o território por onde iria passar o exército. Os guias eram capazes de descobrir e dizer o tempo exato transcorrido de quando haviam passado homens e animais, pelo simples estado de impressão deixada.
2. Depois dos guias estavam os guerreiros mais valentes e parte dos comandantes. Todos eles, subsidiados pelos relatórios dos guias e levando em consideração o comportamento do inimigo, faziam uma análise do terreno, elaboravam as táticas e formações mais convenientes para o exército.
3. A uma distância de aproximadamente um dia seguiam os sacerdotes.
4. Aproximadamente a mesma distância dos últimos seguia o restante do exército:
 - a) tropa de Tenochtitlan; b) tropa de Texcoco; c) tropa de Tlacopan.

A organização nas campanhas¹⁷ era muito precisa, havia um capitão para cada unidade de duzentos homens, outro para uma unidade de quatrocentos e outro de maior graduação que coordenava as duas unidades. O capitão de cada esquadrão estava atento aos sinais convencionais para iniciar o combate. Os sinais poderiam ser acústicos – tambores, caçarolas -, gritos ou fumaças, funcionando como linguagens para transmitir as ordens, animação para soldados, como também uma forma de aterrorizar o inimigo (BUENO, 2006). Junto a esses tipos de sinais, cada pessoa estava perfeitamente identificada por seu distintivo; a identificação era muito importante, pois se o exército dispersasse o estandarte ajudaria na sua reorganização.

Não podemos esquecer, dentro das táticas militares, o uso da “guerra psicológica”. Os mexicas praticavam-na através de gritos e sons de instrumentos ininterruptos dia e noite, pintura do corpo, assim como os próprios sacrifícios com uma forma de intimidar o inimigo:

[...] los atambores y cornetas, y el atambor grande y otras bocinas dolorosas, que de continuo no dejaban de tocar; y desta manera, de noche y de día no dejábamos de tener gran ruido, y tal, que no nos oíamos los unos a los otros (DIAZ DEL CASTILLO, 1960, v. 2, p. 113).

[...]

[...] los mexicanos hacía cada día grandes sacrificios y fiestas en el cu mayor de Tatelulco, y tañían su maldito atambor y otras trompas y atabales y caracoles, y daban muchos gritos y alaridos, y tenían cada noche grandes luminarias de mucha leña encendida, y entonces sacrificaban de nuestros compañeros a sus malditos ídolos Huichilobos y Tezcatepuca. (DIAZ DEL CASTILLO, 1960, v. 2, p. 90).

Inclusive, podemos comentar a existência de uma “guerra química”, pois as fontes nos relatam que eles tinham o costume de fabricar “bombas” de pimenta que atuavam como autênticos gases lacrimogêneos, chegando a acarretar até mesmo a morte por asfixia. Porém, a vitória e os efeitos sobre a moral do inimigo também dependiam de outras atividades como ser capaz de imaginar e realizar ciladas, emboscadas e outras manobras dessa natureza: desde fingir uma retirada para criar condições de um contra-ataque surpresa, até a utilização de guerreiros camuflados e ataques noturnos que podiam decidir a sorte do encontro.

¹⁷ Em conformidade com Pedro Carrasco (1998) (as campanhas empreendidas pelos mexicas e seus aliados podem ser alinhadas em três modalidades: 1) As empreendidas por um novo senhor ao chegar ao poder para inaugurar seu senhorio, para demonstrar sua capacidade na guerra; 2) Campanhas bélicas periódicas contra os inimigos fronteiriços com o objetivo de debilitar sua população e manter o *status quo*, exercitando ao mesmo tempo os soldados na guerra. Nesse sentido, podemos considerar essas campanhas ligadas às festas e ao calendário cerimonial, nas quais depois se premiava os guerreiros distinguidos pelo seu valor e se elegia os novos senhores, capitães e funcionários; c) Campanhas extraordinárias, de caráter ofensivo e defensivo, empreendidas ante a necessidade de cobrir certas demandas do tipo econômico, social e político. Essas campanhas, mais do que as outras, havia um grande planejamento e a intromissão de um “Estado maior militar” que discutia as finalidades da empreitada, a melhor estratégia, enfim, os pormenores na campanha.

As atuações da força do exército estavam acompanhadas de ações diplomáticas contínuas que buscavam o equilíbrio entre deixar bem claro quem era o mais poderoso e as terríveis conseqüências do conflito, e oferecer vantagens suficientes para os oprimidos, de modo que não compensava empreender a revolta. Ainda sim, é indubitável que o emprego das armas foi muito importante para conseguir os objetivos políticos que Tenochtitlan almejava.

A disciplina dentro do exército era muito rígida, já que se castigava com a morte quem houvesse desobedecido alguma ordem na batalha, matado algum inimigo sem permissão, roubado algum prisioneiro, ou revelado planos para os inimigos, (BUENO, 2006) A observação de uma estrita disciplina, que devia acatar todos os corpos de guerreiros participantes da guerra, assegurava o êxito da condução da batalha. As penalidades extremas eram aplicadas igualmente àqueles que furtavam os prisioneiros de guerra, faziam uso indevido de insígnias ou de divisas militares, revelavam segredos da guerra ou desprestigiavam de alguma maneira com sua conduta o exército (LAMEIRAS, 1985, p. 129).

Uma das bases militares do governo mexicana eram as tropas auxiliares. Estas, formadas por homens que compunham a Tríplice Aliança e pelos povos subjugados, foram fundamentais para o erário mexicano na contribuição em armamentos e provisões. Ainda que não se denominasse como tal, esse aporte militar foi estabelecido como um tributo. Dessa forma, algumas províncias estavam obrigadas a dar homens para reforçar as fileiras do exército mexicana.

Além desse corpo militar, existiam os *quachic* e os *otomitl* que eram uma espécie de soldados “mercenários” com experiência e méritos bélicos. Esses guerreiros estavam incluídos, eventualmente, como instrutores dentro das instituições criadas para a formação da milícia, pelo Estado. Mais temíveis, talvez menos exigentes e mais conformados com uma retribuição menor que os soldados regulares, contavam em determinadas ocasiões com certa preferência. Porém, por mais que os méritos em combate permitissem a um *otomitl* ou a um *quachic* escalar hierarquias com certa rapidez, sempre existia uma posição que lhes estaria vedada por ser exclusiva dos membros da nobreza indígena (BANDELIER, 1877). Sobre esses soldados o frei Bernardino de Sahagún expressa:

[...] y todos aquellos que ellos llaman quachic era una orden [...] que no había de volver pie atrás o morir [...], a todos desbarata y en todos hacer risa, por lo cual ponen gran ánimo y osadía y confianza a los suyos hiriendo, matando y cautivando sin perdonar a nadie. Estos quachic, junto con los nominados otomitl conformaban contingentes cuya posición frecuente era la vanguardia y ahí se ocupaban de iniciar el ataque, cuya efectividad residía en parte en las cualidades de estos guerreros quienes fungían también como ‘exploradores’ y ‘escaramuceadores’ y encabezaban pequeños cuerpos, desde cuatro a veinte hombres y aun subdivisiones mayores de acuerdo a la orden de sus superiores (SAHAGUN, 1956, p. 256).

Pelo que descrevem as fontes que estamos utilizando, fica mais ou menos evidente que os exércitos mesoamericanos, em suas fronteiras, contavam com elementos do exército considerado como “profissionais”. Nesse sentido,

[...] directa o indirectamente se mencionan en las fuentes cuerpos integrados por guerreros no asociados a los calpullis, el calmecac y el telpochcalli – debiendo entenderse que eran grupos de guerreros dedicados a prestar servicios de guerra a quienes las hiciesen determinadas concesiones, bien se refieran al saqueo, a ciertos derechos sobre los enemigos vencidos o a la posibilidad de quedar incluidos entre los colonos apoyados en el usufructo de las tierras conquistadas (LAMEIRAS, 1985, p. 93).

Os estados mais poderosos, com recursos suficientes, seriam os mais capacitados para sustentar um contingente permanente de guerreiros, de organizá-los, treiná-los, mantê-los disciplinados, criando para isso uma série de regras, de práticas e ainda de ideologias. Contudo, vários senhorios, sendo, potencialmente, capazes de criar um exército, não podiam realizá-lo por circunstâncias de caráter social ou político. Estes constituiriam os “clientes” dispostos a contratar os serviços de especialistas (“profissionais”) – de servidores do ofício da guerra – capazes de tolerar o assentamento desses corpos militares em seu próprio território.

Em relação à estratégia de defesa, destacamos a Guarda territorial que, com sua vigilância constante através de patrulhas militares, espionagem e instalações (guarnições de guerreiros e as fortificações) integrava-se com propósitos comuns: informar ao centro de forma imediata sobre os ataques a comerciantes e os movimentos de tropas ou atividades qualificadas como suspeitas. Tudo isso, objetiva salvaguardar a integridade do território e manter a informação requerida pelos militares. Por outro lado, o resguardo do território implicava “*además de emplear barrancas, ríos y acequias reforzadas con muros, torreones y pretiles, los indígenas construían muralles y albarradas y excavaban trincheras para cerrar los valles, caminos y accesos a los cerros*” (PALERM, 1956, p.125) e também atendia à manutenção regular das guarnições militares.

Acerca das guarnições, encontramos distintas posições: Shirley Gorenstein (1966) e Claude Nigel Byam Davies (1968) colocam em dúvida a existências dessas estruturas. Ross Hassig (1992) rebate estes autores afirmando que, efetivamente, não há unanimidade nas fontes para assegurar a existência de guarnições nas províncias tributárias mais importantes, mas sim de indícios de estabelecimentos de colônias em lugares estratégicos, povoados com pessoas da Tríplice Aliança, onde um militar graduado governava e que a população da região em que estavam instaladas proporcionava suprimentos e serviço militar. Estudos mais recentes encontraram novos dados permitindo afirmar que o número de funcionários e de colônias era maior do que constava nas investigações anteriores.

Michael Smith (1996), afirmou que nas províncias mais remotas, que ele denomina de estratégicas, estabeleciam-se guarnições com a missão de proteger as províncias mais produtivas que abasteciam o centro do “império” de incursões hostis. A relação do Estado mexica com as “províncias estratégicas” era diferente daquela que mantinha com as “províncias tributárias”. Ainda que ambas pagassem impostos, a natureza das mesmas era distinta. As primeiras eram mais importantes por causa da colaboração militar. Além disso, essas províncias também eram encarregadas de conservar e abastecer as guarnições, ainda que nas fontes não qualifique essa contribuição como sendo tributo e sim como um presente (BUENO, 2006).

Para Pedro Carrasco, a política seguida nas regiões conquistadas era o estabelecimento de guarnições. Afirma que,

[...] en los casos mejor conocidos se dice que estar guarniciones se establecieron con nuevos pobladores llevados desde la Cuenca de México, Soconusco, en Chiapas, Atascan en Coatzacoalcos, Atlan hacia Pánuco y Oztoman contra Michoacán, eran las guarniciones en las fronteras extremas del imperio. Las otras tres se ubicaban en el interior: Zozollan y Huayxayacac en las regiones micteca y zapoteca, no totalmente dominadas, protegían, además, el istmo. Quecholtenango con Cuauhtochco e Iztayocan deben haber sido de importancia estratégica para cerrar a los tlaxcaltecas el acceso a la costa y asegurar el camino a Tochtepec. Probablemente fueron las guarniciones fronterizas más lejanas antes de la expansión hacia el istmo (CARRASCO apud OCHOA, 2002, v. 1, p. 397).

Desse modo, fazia parte da estratégia militar da Tríplice Aliança o estabelecimento de guarnições com o objetivo de proteger o “império” de revoltas nas regiões já conquistadas e de possíveis ataques exteriores. Também se tornou imprescindível porque era importante para não deixar interromper o fluxo de tributos e assegurar zonas de trânsito tranqüilas para os comerciantes, assim como aterrorizar com sua presença os desejos de criar algum motim.

O assentamento da população em lugares, dificilmente, atacados e as construções defensivas têm sido considerados como características da época militarista mesoamericana. Para sobreviver a um meio social agressivo, a adaptação indicada era a defesa e a mais indispensável e eficaz era a elevação de muralhas ao redor de assentamentos. Segundo Bandelier,

[...] tan frecuentemente como era posible, los aborígenes adendaban a los medios defensivos de su arquitectura el recurso de una posición natural fuerte y aquellas tribus probaron ser más poderosas y agresivas cuando su posición defensiva fue, o bien natural o artificial, o en ambos aspectos, la menos vulnerable (BANDELIER, 1877, p. 149).

Ainda podemos destacar algumas unidades militares e corpos de apoio logístico, sanitário e administrativo que faziam parte da guerra mesoamericana. Vejamos:

Unidade de saúde – esquadrão especial de pessoas especializadas em recolher os feridos e removê-los da zona de combate.

Unidade de intendência – era responsável por coordenar o transporte e a entrega de materiais necessários para a realização da campanha. Antes do conflito, o exército passava pelos *Calpixques* (funcionários administrativos responsável pelos armazéns) para receber a assistência de guerra: armas e suprimentos. Dessa forma, no início da campanha cada guerreiro recebia “*en la forma de bizcocho, maíz tostado, harina de maíz para elaborar tamales (puchas), frijol molido, sal, chile, pepitas de calabaza, ollas, platos, metates, petates y materiales para construir "el real" del ejercito*” (DURAN, 1967, v. 1, p. 157). Além disso, os povos conquistados eram obrigados a fornecer alimentos e armas durante a permanência dos militares na missão de guerra.

Unidade de Inteligência militar - era responsável pela realização da espionagem no campo inimigo e no território do “império”. Para realizar a espionagem eram utilizadas pessoas especializadas conhecidas como “*ratones*” que, inegavelmente, deveriam conhecer a língua e os costumes do lugar, como também deveriam vestir e pintar o rosto a caráter da província onde estavam operando. Reconheciam o terreno na sua totalidade; poderiam informar quantos rios, entradas para o território, pântanos ou brejos tinham na província, como também a força militar (armas e munições) do inimigo. Os comerciantes (*pochtecas*) também realizaram essa tarefa, especialmente, quando se deslocavam para terras distantes.

Unidade de zapadores – eram encarregados de abrir caminhos, construir pontes, estradas, valas, refúgios e outras proteções para salvaguardar o exército e o “império”.

Unidade de Comunicação - para levar a cabo qualquer ação ou tornar geral o conhecimento de um acontecimento era necessário dispor de um meio de comunicação adequado. O exército da Tríplice Aliança tinha vários meios para realizar essa tarefa. Para isso, fizeram o uso de sinais e mensageiros. Em relação aos primeiros, eles usavam fogos durante a noite e fumaça durante o dia. Dessa forma, todo o vale do México encontrava-se avisado, com apenas alguns minutos para qualquer evento ou arranjo feito pelo governo central ser conhecido em toda a região. Assim, qualquer vitória por parte do exército do “império” era conhecida muito antes que este voltava para Tenochtitlan. Outro meio que utilizavam para as comunicações eram os mensageiros. Entre essa especialidade havia diferentes graus: o mensageiro que era encarregado de levar alguma notícia escrita (dentro da mesma cidade, de um agente para outro ou de um senhorio para outro). “*Para este efecto había hombres de grandísima ligereza[...] que iban y venían y desde muchachos los criaban en el ejerció de correr[...] de suerte que pudieren subir*

una cuesta muy grande, corriendo, sin cansarse" (ACOSTA, 1962, p. 388). Também existiam os mensageiros ou embaixadores (*Titlantli*) e o embaixador ou mensageiro dos grandes senhores (*Tlatocantitlantli*).

Unidade de Arqueiros - O arco e flecha era uma das armas não só utilizadas para a caça, como também para a guerra. Torquemada em sua obra **Monarquía Indiana** faz referência a esta arma:

[...] fue el arma entre aquellas gentes la más común y usada desde sus principios...y es de creer, que la necesidad de la guerra, y de mantenerse de la caza, habrá sido el de descubrir ese arte, y bien podía los indios andar desnudos[...] pero no será posible que anden sin arco y flecha[...] (TORQUEMADA, 1969, v. 2, p. 539).

Sobre a eficácia da arma sobre a infantaria e a cavalaria, Bernal Díaz del Castillo expressa em sua crônica:

[...] y estando en ello (persiguiendo a unos espías tlaxcaltecas) viene muy presto y con gran furia un escuadrón de tlaxcaltecas, que estaban en celada, de más de tres mil de ellos, y comenzaron a flechar en todos los nuestros de a caballo, que estaban juntos todos, y dan una refriega de flechas y varias tostadas (lanzas con la punta endurecida al fuego), y con sus montantes hacían maravillas (DÍAZ DEL CASTILLO, 1960, p. 99-100).

Unidade Cuauhtl (Águias) e Ocelotl (Jaguar) - formada por guerreiros ilustres. Sempre saiam para combater com as suas insígnias. Acompanhavam e protegiam os guerreiros principiantes.

Unidade de Fortificações (Yaocalli) - Era a encarregada de dar resguardo e defender as cidades e fortificações construídas em todo o “império”, sobretudo àquelas que se encontravam em sua fronteira.

Em geral, o tipo de organização para a guerra, o recrutamento dos guerreiros eventuais, a configuração e o treinamento do exército regular não eram muito diferentes entre os povos da mesoamérica. Não obstante, as condições da população em termos de densidade, a dimensão da população e a sua constituição podiam ser significativas para obrigar a certas diferenças na integração e comando do exército. Por exemplo, em Cutzamala, como expressa Ulises Beltrán, entre os povos de Asuchitlán, Cuitzeo e Sirándaro mantinha-se um exército regular de 10.000 homens (BELTRAN, 1982, p. 83). Entre os purhépecha, o esquadrão de guerreiros como unidade militar correspondia a um *calpulli* (nesse caso 400 homens integravam o esquadrão e seis unidades dessa natureza um corpo de exército suficiente para realizar uma campanha de médio alcance). Entre os mexicas também existiam esquadrões de 400 homens dirigidos por um capitão. Ao que parece, cerca de 10.000 homens constituíam o exército regular tarasco, mas em certas

ocasiões sua armada incluía 7% da população masculina calculada em sua totalidade em aproximadamente 350.000 indivíduos, ou seja, 24.500 guerreiros (BELTRAN, 1982, p. 105).

Apesar de podermos considerar exagerada a magnitude dos exércitos mencionados, não obstante, há certa razão para crer que o exagero não foi tão grande como pode se supor. Considerando o número de soldados formado por Tenochtitlan, mais os guerreiros aliados e os formados pelos pequenos senhorios, perfazia-se um contingente de aproximadamente 100.000 guerreiros. As cifras mencionadas por diversas fontes para distintas guerras produzidas entre os anos de 1349 e 1515, que compara Sheburne Cook em seu trabalho, oscilam entre 20.000 e 400.000 guerreiros. Em campanhas como as realizadas contra Coixtlahuaca, Michoacán, Mixteca, Huexotzinco, seus exércitos oscilavam em número proporcional de 1 a 20, porém chegaram em média a 143.000 soldados (COOK, 1946, p. 95-96).

1.4 Armamentos, cargos e insígnias militares

Em geral, o combate combinava as armas de arremesso com o duelo corpo a corpo. Não só eram hábeis no manejo das armas, como também combinavam o ataque direto com emboscadas. Outras vezes usavam armadilhas, fazendo buracos onde colocavam estacas e depois cobriam, obstruindo os caminhos com obstáculos. Se os enfrentamentos davam-se nas cidades, combinavam os ataques terrestres, praticando a luta direta, e a destruição dos arsenais militares com fortes ataques aéreos de flecha e pedra.

O exército mexica dispunha de diversas armas ofensivas e defensivas. Em relação às primeiras Bernal Díaz del Castillo expressa que Moctezuma teria duas casas (*Tlacohtcalli*) cheias de armas, algumas delas feitas de ouro e pedras preciosas:

En ellas se encontraban rodela grandes y chicas, macanas, espadas a dos manos, engastadas con navajas de pedernal que cortaban mejor que nuestras espadas, y otras más largas que no las nuestras con una braza de cuchilla, engastadas en ellas muchas navajas, que aunque den con ellas en un broquel o rodela no saltan, y cortan en fin[...] y tenían muy buenos arcos y flechas y varas de a dos gajos y otras de una, con sus tiraderas[...] hondas y piedras rollizas hechas a mano[...] (Escudos altos, con los que un soldado se cubría todo el cuerpo) que son de arte que los pueden enrollar arriba cuando pelean, porque no les estorbe, y al tiempo del pelear, cuando son menester, los dejan caer y quedan cubiertos sus cuerpos de arriba a bajo (DÍAZ DEL CASTILLO, 1960, v. 1, p. 273).

Referente às armas defensivas, elas tinham a seguinte composição: Escudo (*Chimalli*), fabricado com couro fervido e bambu, esculpidas com penas de muitas cores diferentes; armadura (*Ichcahuipilli*), cobria o corpo do guerreiro; escudos dobradiços de forma elíptica que protegiam seu portador da cabeça aos pés; casco (*Quaxicalli*), existiam diversos cascos (capacete) elaborados de madeira, papel ou osso, todos produzidos com penas coloridas por fora; *caclis*, sandálias com sola de couro equipada com salto alto e amarrado com laços de couro que subia até o joelho. O material utilizado para o desenvolvimento da armas ofensivas e defensivas tinha origem animal, têxtil ou mineral, uma vez que este poderia ser o nervo de algum animal, madeira resistente, facas feitas de obsidiana, ou os ossos de um pescado.

Para se adquirir algum mérito ou insígnia, os guerreiros tinham que demonstrar valor e lograr capturar o maior número possível de inimigos. Nesse sentido, esses méritos tinham relação com o número de capturados, com a procedência deles, com a dificuldade do suposto combate, com a origem social do guerreiro e com a sua experiência bélica (LAMEIRAS, 1985, p. 133). Por exemplo, um jovem militar que em sua primeira participação em um combate lograva capturar de um a três soldados recebia o título de “mancebo guerrero cautivador” – *Telpochtli Yaoqui Tlamani* – e podia ser instrutor militar na Telpochcalli como os *tiachcaub*, outros guerreiros valentes; aquele que prendesse até cinco inimigos de Atlixco, Huexotzinco o Tliliuhquitepec, recebia o cargo de *Quauhyácatl*, “dirigente de águila”; (NUTALL, 1926, p. 36).

Mas a captura de prisioneiros não era a única ação para computar méritos aos guerreiros, nem muito menos a mais importante. A sujeição de territórios, a incorporação de terras e mercados, pilhagem de alimentos ou de artigos de luxo bem sucedida significavam títulos e privilégios de grande importância. Justamente depois da conquista de Azcapotzalco, a de maior significação histórica para a supremacia de Tenochtitlan, Itzcoatl instituiu aproximadamente 21 dignidades militares de categoria diversa e as repartiu entre os membros da linhagem “real”. Esse sistema de cargo e títulos militares elaborados por Izcoatl e seu conselheiro Tlacaelel determinou

una mayor exclusividad de la élite militar la cual, tras de esa situación, pudo ser constituida legalmente nombrando, como jefes militares a la gente, a todos los hijos de los reyes pasados, así hermanos como sobrinos del rey [...] y a los más principales deudos suyos (LAMEIRAS, 1985, p. 134).

O exercício militar e as condições sócio-culturais baseadas nos méritos de guerra com possibilidade de ascensão social e o fato de que os nobres indígenas alcançassem com essas mesmas condições os altos postos na administração, permitem explicar o domínio militar e a ênfase social nas atividades bélicas, na sociedade mexicana. Por isso,

Insospechadamente, la guerra creó un ambiente de democracia en el que cualquier individuo podía hacer méritos para lograr una posición social, fuera hijo de noble o de plebeyo. El Estado, patrocinador de esta circunstancia, establecía las condiciones respecto a los méritos realizados y a su relevancia (LAMEIRAS, 1978, p. 74).

Uma vez concluída a batalha eram enviados emissários para informar o *tlatoani* das baixas sofridas: quantos guerreiros considerados notáveis tinham sido abatidos; as façanhas individuais, para preparação das recompensas assim como o número de prisioneiros que haviam feito. Dessa forma, vencedores ou não, depois que chegavam as suas províncias, começavam as homenagens, premiações, exaltações ou lamentações por terem perdido a guerra. Um complexo ritual era efetuado em vários dias ou meses, no qual incluíam como participantes os guerreiros sobreviventes, as viúvas dos combatentes mortos em guerra, sacerdotes, deidades e, em algumas ocasiões, praticamente a sociedade em conjunto (LAMEIRAS, 1985, p.132).

1.5 A educação para a guerra

Considerando a importância bélica na vida mexicana, criou-se uma cultura entre os mexicas que perpassava por toda a vida, desde o nascimento até a morte. Tal mudança pode ser observada na educação dos jovens mexicas, que desde criança costumavam praticar o exercício da guerra. Moctezuma Ilhuicamina dispôs, segundo informa Diego Durán,

[...] que hubiese en todos los barrios escuelas y recogimientos de mancebos donde se ejercitase en religión y buena crianza de penitencia y aspereza, y en buenas costumbres y ejercicios de guerra y en trabajos corporales (...) que hubiese maestros hombres, ancianos que los reprendiesen y corrigiesen y mandasen y ocupasen en cosas de ordinarios ejercicios [...] (DURAN, 1967, p. 361).

Desse modo, as mudanças inseriram na sociedade mexicana a obrigatoriedade de escolas em todos os *calpulli*, a distribuição de terras para a nobreza, a alteração das práticas nos cultos religiosos e a organização do exército e dos comerciantes. (LEON-PORTILLA, 1968, p. 96).

Em Tenochtitlan a educação estava a cargo do Estado. Cada bairro dispunha de no mínimo uma escola para os nobres, os *calmecac* e de uma escola para o restante da população, os *telpochcalli*. Elas eram responsáveis pelo controle ideológico, garantiam a organização das atividades econômicas, militares, políticas e religiosas na sociedade mexicana (LOPEZ-

AUSTIN,1985, p.16-18). O processo educacional era distinto em ambas as instituições. Contudo, em todas elas era valorizado o treinamento militar, pois era difundida a idéia de que para ser um membro respeitado perante a sociedade deveria obter virtudes que só poderiam ser atingidas através do êxito militar.

As turmas dessas instituições eram controladas pelos homens mais tradicionais da sociedade, que não só ensinavam a utilização do armamento, mas também a doutrina social da guerra.

Os *calmecac* ou templos-escola eram o espaço destinado aos filhos dos nobres, tornando-se assim um local de convívio das elites. Além da formação religiosa, os mais altos cargos administrativos do Estado eram ocupados por aqueles que haviam estudado nos templos-escola. Os *calmecac* chegavam a ser considerados uma espécie de “centro escolar de nível superior” (LEON-PORTILLA, 1980, p. 190).

Dessa forma, é dos *calmecac* que se entendia “*que están en los oficios militares [y] que tiene poder para matar y derramar sangre [...]*”. Não obstante, a guerra não constituía o único ofício. O adestramento nas artes bélicas era somente parte do ensino que incluía religião, a astrologia, e a interpretação dos sonhos, como assinala frei Bernardino Sahagún (1956).

Já os *telpochcalli*, recebiam a maior parte da população, aqueles que não faziam parte da nobreza indígena. A educação recebida nessas instituições era, essencialmente, prática e rústica e o conteúdo ministrado ilustra a finalidade que perseguia esse estabelecimento: iniciar os jovens na arte bélica e nas práticas mágico-religiosas, o que não excluía o ensino de outros valores que davam solidez ao grupo. Para atender às exigências da guerra, rigorosos e violentos exercícios físico-militares capacitavam o corpo do candidato a tornar-se um adulto e provável futuro guerreiro. Portanto, os jovens aprendiam um ofício diretamente ligado ao seu *calpulli* de origem quanto à formação bélica. Nesse sentido:

[...] los miembros del Telpochcalli no se convertían de inmediato en guerreiro de tiempo completo: en tiempo de ocio militar, desde el Cuicacalli, en el Calmecac, salían los mandatos para hacerlos acudir a las obras públicas realizadas en los tiempos de paz. La disciplina imperante en el Telpochcalli impulsaba a los jóvenes a ocupar todo su tiempo, a expulsar se esa institución a los que decidían llevar una ‘vida de amancebamiento’ y a premiar a los que optaran por vivir bajo el rigor establecido (LAMEIRAS, 1985, p. 100).

Nos *calpulli* aprendiam técnicas, entre outras, para construções arquitetônicas e para o aprimoramento da agricultura, da metalurgia e da tecelagem. É necessário ressaltar que cada *calpulli* possuía a sua divindade patrona e esta, estava diretamente relacionada com os ofícios

desempenhados (LOPEZ-AUSTIN, 1985, p. 25) e, conseqüentemente, interferia nas atividades dos *telpochcalli*.

O mesmo ocorria nos *calmecac*, pois cada um era filiado a um templo diferente (BERDAN & ANAWALT, 1997, p.166) alcançando o número de treze em Tenochtitlan. Cada aluno recebia formação especializada e diferenciada conforme a divindade patrona de seu templo: por exemplo, o *calmecac* associado com o templo de Camaxtli (divindade caçadora) treinava jovens como habilidosos caçadores (BERDAN, 1982, p. 89).

Todas estas manobras político-ideológicas davam-se no âmbito das instituições que controlavam a produção artística e cultural, e também a produção dos registros históricos. Assim, percebemos que os *calmecac* tinham não apenas a função de preparar bem os dirigentes, mas de legitimar, culturalmente (historicamente), os avanços políticos, para que o aparato administrativo-militar continuasse funcionando a contento, mantendo os privilégios da nobreza, cada vez mais crescente e fortalecida pelas novas cidades conquistadas.

A partir das primeiras experiências bélicas, os jovens guerreiros iniciavam seus serviços e proezas militares para poderem adquirir cargos mais importantes na sociedade mexicana (*telpochtli yaoqui tlamani, tiachcaub, telpochtlato, tlacochtecuhtli, cuauhtlato*, etc.), já que em cada guerra e por méritos acumulativos, “*iban subiendo de grado; e eran muchos los que se criaban en las casas del telpochcalli porque cada parroquia (parcialidad y barrios) tenía quince o diez casas telpochcalli*” (SAHAGÚN, 1956, p. 186). Esta cultura valorizava os guerreiros, dando-lhes a oportunidade de ascender socialmente, cujo paroxismo representava o ingresso nas ordens de Cavaleiros do Jaguar ou de Cavaleiros da Águia. Mesmo o soberano tinha de demonstrar valores guerreiros para legitimar sua posição à frente de seu povo através de campanhas militares vitoriosas, cujo desfecho deveria ser de inúmeros guerreiros adversários capturados para saciar a sede de sangue de seus deuses bem como a obtenção de tributos forçados junto ao povo subjugado.

Em certas campanhas os jovens, que nunca haviam lutado em uma guerra, tanto os procedentes dos *Telpochcalli* como aqueles dos *Calmecac*, eram enviados à vanguarda do exército regular, “*con los cargos de leones, tigres y águilas*” com a finalidade de ganharem experiência e se fortalecerem, já que eram considerados reservas do exército profissional (KATZ, 1966, p. 166). Os alunos do *calmecac* e do *telpochcalli* eram adestrados para usar distintas armas: “*figas, arco y flecha, lanza y honda; el aprendizaje del manejo del macuáhuil (la espada) y la rodela probablemente se enseñó en ambas escuelas, aunque su uso en la práctica estaba destinado más bien a los guerreros noble*” (OCHOA, 2002, p.386). Diego Durán refere como em Tlatelolco os jovens nobres eram instruídos ao manejo das armas:

Haciendo algunas pruebas que a semejante ejercicio conviene, y la primera es que se haga una estatua de piedra y que en ella os enseñeis a tirar la honda [y] una estatua de palo [para] la prueba[...] con figas y flechas[...] al mismo tiempo, para que fuese agradable a los señores, enseñábanles a cantar y danzar, industriábanlos en ejercicios de guerra, como tirar una flecha, figa o vara tostada, a puntería, mandar bien una rodela y jugar la espada [macuáhuítl]. Haciéndoles dormir mal y comer peor, porque desde niños se hiciesen al trabajo y no fuese gente regalada. (DURAN, 1967, v. 2, p. 387).

Quando a preparação sacerdotal não os absorvia, os instruídos no *calmecac* realizavam suas primeiras ações de guerra aos vinte anos, com um treinamento para o uso das armas corpo a corpo e com melhores condições para o combate.

A prática da guerra levou a uma especialização e sofisticação das armas. Sobre as armas usadas nas empreitadas guerreiras, o padre Joseph de Acosta (1962) aponta que:

[...] eran unas navajas agudas, de pedernales, puestas de una parte y otra de un bastón, y era esta arma tan furiosa, que afirman que de un golpe echaban con ella la cabeza de un caballo[...] Igualmente agrega que usaban porras pesadas y recias, lanzas también a modo de picas y otras arrojadizas, en que eran muy diestro. (ACOSTA, 1962, p. 234).

Todas essas características acima citadas constituíam o programa de treinamento dos jovens militares mesoamericanos representados no *calmecac* e no *telpochcalli*.

1.6 Guerra naval mesoamericana

Sabemos, pelas fontes, que os mexicas eram, extremamente, hábeis no manuseio das canoas para fins militares. Em relação a sua estrutura, Bernal Díaz del Castillo afirma:

[...] y puesto que los escopeteros y ballesteros tiraban a los que andaban em canoas, traíanlas tan bien armadas de talabardones de madera, e detrás de los talabardones, guardábanse bien; y nuestros soldados, viendo que no aprovechaba cosa ninguna y no podían atinar [...] (1960, p. 65).

Utilizavam uma estratégia onde os arqueiros ficavam posicionados atrás da defesa para poderem arremessar com precisão flechas e pedras. Também utilizavam na água os mesmos artificios utilizados na guerra terrestre: colocavam armadilhas dentro da água, fingiam figas para atacar com mais força o inimigo, etc.

Se o cenário da batalha era uma das cidades situadas nos lagos, os combatentes terrestres uniam-se aos navais. Dessa ação combinada com a “infantaria” deduz-se que o exército

contemplava como parte de sua estratégia a guerra naval, inclusive Ross Hassig (1992) oferece o termo nahuatl *chimalacalli* para referir-se à armada naval.

A “revolução” que os mexicas apresentaram ao utilizar as canoas para o uso militar, ao que parece, objetivava aperfeiçoar a estratégia militar que envolvia o deslocamento de armas, pessoas e alimentos, já que a nível terrestre, os *tlamemes* e os próprios soldados eram os que ficavam encarregados em transportar tudo aquilo que fosse necessário para o enfrentamento militar. As canoas proporcionavam a vantagem de transportar os apetrechos militares, homens e suas provisões. Esse planejamento tático solucionava, grandemente, os problemas logísticos, ao minimizar os custos de transporte, o tempo e ao transmitir às cidades com mais rapidez um possível ataque inimigo.

[...] los Mexicanos, no solo se egercitaban en hacer Barcos, para discurrir por toda la Laguna, llevando mui adelante las Pescas, [...] pero tambien empavesaban sus Barcos, y Canoas, egercitandose en las cosas de la Guerra, por el Agua, entendiendo, que adelante seria menester estar diestros, y prevenidos, en la Arte Militar, para el intento, que tenian siempre, de libertar su Ciudad, por fuerza de Armas (TORQUEMADA apud BUENO, 2002, p. 202)

Sobre a guerra naval, Francisco Javier Clavijero expressa ao referir-se ao conflito entre os mexicas contra Xochimilco e os colhua, que

Proveyéronse de unos palos largos y fuertes cuyas puntas totaron al fuego, así para que les sirviesen de lanzas contra los enemigos, como para ayudarse con ellos en el salto de uno a otro césped (chinampa), si se ofreciese como efectivamente se ofreció, combatir en lugar pantanoso. Hicieron unas adargas de caña mojada y llevaron todos unas pequiñas navajas de Ixtli[...] y mientras los Colhuas e Xochimilcas combatían parte por tierra, en la ribera de la laguna y parte por aguas en barquillos bien aderezados, se arrojaron impetuosamente sobre os enemigos ayudándose en el agua de las lanzas[...] (CLAVIJERO, 1987, p. 228-229; grifo meu).

Nos tempos da Tríplice Aliança, a situação geográfica de Tenochtitlan deu aos mexicas vantagem frente aos outros membros dessa aliança como também em relação aos seus inimigos, pois no momento do ataque eles podiam se descolar pelo lago em tempo recorde. E no caso de serem atacados, “esta insularidad hacía a la ciudad inexpugnable al quitar las calzadas que la unían a tierra firme, aunque, lo que ahora eran ventajas terminó convirtiéndose en una trampa para sus habitantes” (BUENO, 2002)

Entre as várias campanhas militares que participou Itzcoatl destacamos a ofensiva contra a cidade de Cuitlahuac, que era uma ilha situada entre Xochimilco e Chalco. Os cuitlahuaca eram, nas palavras de Diego Durán,

*[...] bulliciosos y enemigos de toda quietud, pareciéndoles que el agua de que estaban cercados les era muro y defensa de su ciudad y la hacían inexpugnable, y también confiando (en) **que la destreza que tenían en revolver las canoas a una parte y a otra les era de gran ayuda** (DURAN, 1967, v. 1, p. 117; grifo meu).*

Ao que parece, o motivo desse enfrentamento foi uma ofensa que os cuitlahuaca fizeram aos mexicas. Ante a suspeita de que os cuitlahuaca estavam preparando para a guerra, suscitada pela provocativa atitude de Xuchitl Olinqui, *tlatoani* de Cuitlahuac, Itzcoatl articulou uma estratégia para verificar a natureza de tais suspeitas. Resolveu fazer uma festa em homenagem ao deus Huitzilopochtli e convidar os senhores de Cuitlahuac para conhecer seu grau de lealdade. Assim, enviou um mensageiro para avisá-los e também solicitar que levassem algumas mulheres nobres para bailar em honra a seu deus. Isto foi considerado um insulto pelo Xuchitl Olinqui, que recusou o convite de Itzcoatl e o desafiou para iniciar a ansiada guerra (DURAN, 1967, v. 1, p. 117-18).

Ante tal resposta Itzcoatl enviou um recado a Chalco e Tlalmanalco para adverti-los em abster-se de auxiliar a Cuitlahuac durante o eminente ataque; depois Tlacaélel informou aos jovens entre dez a dezoito anos que estavam acompanhados de seus mentores, veteranos de guerra, que tinham a missão de desviar o fogo do projétil com seus escudos, embarcando-os em mil canoas para derrotar os cuitlahuacas. José Acosta conta esse episódio marcado pela vitória dos mexicas:

*Cuytlauaca era una ciudad puesta en la laguna, cuyo nombre y habitación, aunque diferente, hoy dura; eran éstos muy diestros en barquear la laguna, parecióles que por agua podían hacer daño a México, lo cual visto por el rey, quisiera que su ejército saliera a pelear con ellos. Mas Tlacaélel, teniendo en poco la guerra y por cosa de afrenta tomarse tan de propósito con aquéllos, ofreció de vencerlos con solo muchachos, y así lo puso por obra. Fuese al templo y sacó del recogimiento de él, los mozos que **Le parecieron, y tomó desde diez a diez y ocho años los muchachos que halló, que sabían guiar barcos o canoas, y dándoles ciertos avisos y orden de pelear**, fue con ellos a Cuytrauaca, donde con sus ardides apretó a sus enemigos de suerte que les hizo huír, y yendo em su alcance, el señor de cuytlahuaca le salió al camino, rindiéndose y a sí, y a su ciudad y gente, y con esto cesó el hacelles más mal (ACOSTA, 1962, p. 238; grifo meu).*

No reinado de Axayácatl o uso das canoas também foi determinante para a estratégia de algumas campanhas. As canoas, estiveram presentes na guerra tlatelolca, desenvolvidas em 1473 contra os tlatelolcos, que foram derrotados (DURAN, 1967, v. 1, p. 254). Após, por volta de 1478, planejaram campanhas dirigidas para o norte nas quais conquistaram Xiquipilco Xocotitlan, Xilotepec e Atocpan. O êxito destas campanhas, conforme opinião de Ross Hassig (1992), também foi baseada no uso do lago para resolver problemas de transporte e logística.

Porém, as informações mais concretas sobre as batalhas navais foram as que os mexicas desenvolveram com os espanhóis e seu poderoso exército de indígenas aliados. Muitos cronistas cogitaram em suas obras que Cortés sabia que, para o domínio total de Tenochtitlan, deveria eliminar a frota inimiga e que era no lago onde se desenvolviam as ações definitivas que proporcionaria sua vitória. Essa afirmativa parece correta já que, como sabemos, Cortés ordenou uma tarefa que parecia, claramente, desesperadora: a construção de treze bergantins (MUÑOZ CAMARGO, 1984, p. 237), que segundo Bernal Díaz de Castillo – *“los indígenas trajeron demontados desde Tlaxcala hasta Texcoco, donde se botaron”* (1960, p. 532).

A luta foi colossal e nos dá idéia do nível de desenvolvimento da frota naval mesoamericana. Por ambos os lados improvisaram-se táticas e armadilhas para surpreender o adversário, mutuamente. Cortés descreve os artifícios que projetaram os indígenas para debilitar o potencial dos conquistadores, colocando aguçadas estacas ocultas no lago para danificar os bergantins, assim expressa Bernal Díaz de Castillo:

[...] y aun hacían hoyos encubiertos en el agua, para que otro día cuando peleásemos, al tiempo de traer, nos embarzásemos y cayésemos em los hoyos, y pudiesen en sus canoas desbarátarnos; porque asimismo tenían aparejadas muchas canoas para ello, puestas en partes que no las viesen nuestros bergantines, para cuando nos tuviesen en aprieto en los hoyos, los unos por tierra y los otros por agua dar en nosotros; y para que nuestros bergantines no nos pudiesen venir a ayudar tenían hechas muchas estacadas en el agua, encubiertas en partes que en ellas zaboradasen, y desta manera pelábamos cada día (1960, p. 60-61).

Também intentaram afogá-los, como no ataque à população de Ixtlapalapan, rompendo o dique do lago em uma brutal confrontação que combinava com táticas navais e terrestres, onde os espanhóis e seus leais ficaram afrontados, como recorda Bernal Díaz de Castillo:

Y lo peor de todo era la burla y grita que nos daban los de Iztapalapa y los mexicanos desde sus casas y canoas. Pues otra cosa peor nos avino, que como en México sabían el concierto que tenían hecho de nos anegar con haber rompido la calzada y acequias, estaban esperando en tierra y en la laguna muchos batallones de guerreros, y cuando amaneció nos dan tanta guerra que harto teníamos que nos sustentar contra ellos, no nos desbaratasen; e mataron dos soldados y un caballo, e hirieron otros muchos, así de nuestros soldados como tlascaltecas, y poco a poco aflojaron en la guerra, y nos volvimos a Tezcucó medio afrentados de la burla y ardid de echarnos al agua (1960, p. 521-522).

Outras vezes, atraíam os espanhóis e seus aliados para posições em que ficavam vulneráveis para receber uma chuva de flechas de indígenas postados nas canoas. Os ataques

sucediam-se por terra e pela lagoa, de dia ou de noite, e em muitos momentos a guerra pareceu que seria favorável aos mexicas e seus aliados.

[...] tenía Guatemuz señalados los capitanes y escuadrones que a cada calzada habían de acudir, y el Taltelulco e los pueblos de la laguna, ya otra vez por mí nombrados, tenían señaladas, para que en viendo una señal en el cu mayor de Taltelulco, acudiesen unos en canoas y otros por tierra, y para ello tenían los capitanes mexicanos señalados con gran concierto cómo y cuándo y a qué partes debían de acudir (1960, p. 62).

Nesse contexto, destacamos o conflito entre espanhóis e mexicas que se sucedeu em Xaltocan. Em um intento de debilitar a oposição mexicana os espanhóis e seus aliados organizaram uma série de ataques nos quais a atuação das canoas foi fundamental para resistir e debilitar o invasor. Os aliados dos mexicas, juntamente com os esquadrões enviados pelo “império”, defenderam a cidade atacando os espanhóis com canoas fortificadas dificultando o domínio daqueles. Vejamos a citação de Bernal Díaz de Castillo, em relação a esse conflito:

Guatemuz, señor de México había enviado muchos escuadrones de gente de guerra a Saltocan para les ayudar, los cuales fueron en canoas por unos hondos esteros; y otro día de mañana junto al pueblo comenzaron los mexicanos y los de Saltocan a pelear con los nuestros, y tirábanles mucha vara y flecha, y piedras con hondas desde las acequias donde estaban, hirieron a diez de nuestros soldados y muchos de los amigos tlascaltecas, y ningún mal les podían hacer los de a caballo, porque no podían correr ni pasar los esteros, que estaban todos llenos de agua, y el camino y calzada que solían tener, por donde entraban por tierra en el pueblo, de pocos días le habían deshecho y le abrieron a mano, y la ahondaron de manera que estaba hecho acequia y lleno de agua, y por esta causa los nuestros no podían en ninguna manera entrarles en el pueblo ni hacer daño ninguno; y puesto que los escopeteros y ballesteros tiraban a los que andaban en canoas, traíanlas tan bien armadas de talabardones de madera, e detrás de los talabardones, guardábanse bien; y nuestros soldados, viendo que no aprovechaba cosa ninguna y no podían atinar el camino y calzada que de antes tenían en el pueblo, porque todo lo hallaban lleno de agua, renegaban del pueblo y aun de la venida sin provecho, y aun medio corridos de cómo los mexicanos y los del pueblo les daban grande grita y les llamaban de mujeres (1960, p. 536-537).

O objetivo dos espanhóis e seus aliados era chegar a Tacuba. Eles conseguiram entre estressantes ataques que os adversários realizaram combinando a “infantaria”, com a vantagem que lhes proporcionava o lago. As batalhas duraram dias e depois de permanecer naquele lugar uma semana, sem que a situação resolvesse a seu favor, regressaram a Texcoco com a clara intenção de lançar os barcos e fazer todo o dano que pudessem, combinando os ataques terrestres e navais.

Porém, antes de entrar na lagoa os espanhóis e seus aliados tiveram que resolver o problema que suscitava em Chalco e que, tampouco, se resolvia a seu favor. A província de

Chalco era de grande valor estratégico para os invasores, pois, uma vez controlada a guarnição que os mexicas tinham, ficava pacificado o corredor por onde os espanhóis recebiam ajuda pela costa (BUENO, 2002, p.218). Em uma dessas batalhas os mexicas utilizaram muitíssimas canoas, aproximadamente doze mil, segundo dados de Bernal Díaz de Castillo, que nada puderam fazer frente ao empenho chalca-huexotzinca, cuja aliança se havia moldado por indicação do futuro Marquês del Valle (1960, p. 32).

Quando regressaram novamente ao acampamento, para lançar sua ofensiva naval, os de Xochimilco também ofereceram uma ofensiva com suas canoas enquanto recebiam a ajuda de Tenochtitlan, que vinha com uma importante frota de guerra e uma forte infantaria, pois

Los naturales de la provincia de México y Temixtitan sabían ya que estábamos en Suchimilco, acordaron de venir con gran poder por el agua y por la tierra [...] Y ya que en todo el había dado orden, llega por El agua una muy grande flota de canoas, que creo que pasaban de dos mil, y en ellas venían más de doce mil hombres de guerra, y por La tierra llegaba tanta multitud de gente, que todos los campos cubrían (DÍAZ DEL CASTILLO, 1960, p. 32; grifo meu).

Outro episódio que demonstra a utilização de uma estratégia naval pelos mexicas trata-se da chegada de Cortés aos arredores de Tenochtitlan, onde observou espantado que a cidade estava protegida por uma grande frota de canoas bem guarnecidas, expressando que o número de canoas e de guerreiros era infinito:

El día 28 de abril de 1521 se da por concluida la fabricación de bergantines y el siguiente día se ‘ordena’ al ejército de ‘indígenas amigos’ para que se pongan en marcha [...] Como primera medida los invasores deciden dejar sin agua potable a la población de Tenochtitlan: pero son recibidos por multitud de canoas que defendían el caño y que les dieron batalla. Estas canoas estaban bien protegidas y repelían con eficacia el ataque indígena-español, que, a pesar de hacer cortado el agua, no salen bien parados. Por lo que Alvarado y Olid deciden no seguir peleando hasta que Cortés haga su aparición por la laguna con los bergantines. [...] Cortés llegó a temer que, ante tal número de ellas, sus bergantines no fueran efectivos, y consciente, una vez más, que la llave de toda la guerra estaba en ellos [en los bergantines] (DÍAZ DE CASTILLO, 1960, p. 57)

Se aceitarmos como certos os dados que os cronistas nos oferecem quando descrevem as batalhas navais, como uma estratégia perfeitamente planejada em que combinam ações conjuntas da infantaria e da marinha, desenvolvidas por um elevadíssimo número de homens e de canoas, não podemos pensar que os mexicas e os povos ribeirinhos eram simples pescadores, pois para planejar e coordenar as ações era preciso ter instruído as pessoas nestas questões “y se hace difícil creer que en el tiempo que duró la lucha contra el imperio, los mexicanos y sus aliados fueron

capaces de pasar a manejar con la misma eficacia las redes que las armas” (BUENO, 2002, p. 222).

CAPÍTULO 2 CRÔNICAS MESTIÇAS: HISTORIA DE TLAXCALA E CRÔNICA MEXICANA

O surgimento das crônicas mestiças está inserido num processo de transformação cultural na América, no século XVI, evidenciado pelo contato entre os povos nativos com os colonizadores espanhóis. Esse contato resultou em uma ação permanente que se estabeleceu em diferentes formas ao longo da América, criando especificidades locais incomuns. No bojo dessa conjuntura desenvolveu-se um processo que culminou em transformações histórico-sociais das duas culturas em decorrência do encontro cultural. Dessa forma, *“el mundo narrado de estos textos se sostiene en un espacio: el Valle central de México, y en dos tiempos: el de las sociedades prehispánicas y el instaurado por la cristiandad con la llegada del europeo”* (VELAZCO, 2003, p. 16).

Ao analisar o momento da conquista, Gruzinski relembra que a chegada dos europeus gerou altas turbulências e foi sinônimo de desordem e caos, e que sem esta noção em mente não podemos compreender a evolução da colonização e as misturas provocadas pela conquista (GRUZINSKI, 1995, p. 73). Surgiram o que o autor chama de "zonas estranhas" onde a improvisação, venceu a norma e o costume, ou seja, os vínculos que ligaram os espanhóis e as populações ameríndias foram profundamente marcados por indeterminações, precariedades e improvisações.

No entanto, devido a um certo predomínio da cultura ocidental,

as sociedades nativas tiveram que se adaptar à *irrupção do Ocidente* mais do que esse às sociedades européias. Dessa forma, as antigas elites e instituições mesoamericanas, responsáveis pela manutenção da memória e do saber, teriam se adaptado às novidades, perseguições e imposições dos cristãos, alterando suas próprias visões e práticas por meio de adoções de elementos estrangeiros modificados (interpretados), formando uma cultura *mestiça* ou *híbrida*, distinta das duas que lhe deram origem. (SANTOS, 2005, p. 69-115).

Assim, houve um processo de ocidentalização, considerada por Gruzinski essencial para a formação das mestiçagens, na América Espanhola. Ela operou a transferência para o nosso lado do Atlântico dos imaginários e das instituições do Velho Mundo (GRUZINSKI, 1995, p. 94).

Ao considerar o processo de ocidentalização, Eduardo Natalino dos Santos comenta que Gruzinski trata a maneira como as culturas nativas são entendidas pelo pensamento cristão, procurando explicitar

como os povos mesoamericanos foram inseridos em um espaço intelectual inventado pelo Ocidente e explicados por meio de conceitos que lhes seriam exóticos, como religião, superstição, crença, culto, sacrifício, adoração, deus, ídolo, idolatria, cerimônia e outros (GRUZINSKI *apud* SANTOS, 2005, p. 69-115).

Sugere que num dos capítulos do livro **A colonização do Imaginário**, intitulado “A pintura e a escritura”,

Gruzinski menciona algumas páginas de códices pré-hispânicos, como o *Zouche-Nuttall*, apenas para mostrar, com base em textos castelhanos e em algumas outras imagens extraídas de códices coloniais, as alterações geradas pela colonização castelhana no sistema mixteco-nahua, que teriam gerado formas *mestiças* de expressão plástica e escritural, sendo que a mestiçagem não seria um estado excepcional das relações interculturais que geraria um caos temporário, mas sim uma condição permanente de tais relações (SANTOS, 2005, p. 69-115).

Deste modo, forma-se uma narrativa levando em consideração as tradições nativas adicionadas às temáticas coloniais, sendo operadas profundas transformações na história local, identificando ou relacionando diretamente alguns de seus episódios ou personagens a correspondentes do Velho Mundo.

Verifica-se que, essas obras ajustaram-se aos preceitos historiográficos europeus, em voga, no momento de sua produção. Devido às barreiras incertas entre a história e a ficção no contexto da época os textos nutrem-se de ciclos novelescos, biográficos, épicos próprios da historiografia europeia. Contudo, esses textos também estão impregnados de expressões indígenas como os *cuicatl* (os cantos), os *tlatollotl* (histórias) e os *huehuetlahtolli* (discursos). Essa configuração heterogênea outorga um caráter híbrido a esses textos. Como indica Martin Lienhard,

la literatura heterogénea que se crea en el contexto colonial es aquella que presenta ciertos rasgos constitutivos, a saber: uso de lenguajes amerindios, ‘mixtos’ o sociolectales, [...] bilingüismo; yuxtaposición o superposición de concepciones históricas, cosmológicas y religiosas de origen europeo y autóctono; conflictos entre la tradición escritural y la oral (coexistencia de un texto ‘fonético’ con un texto glífico o pictográfico, formas narrativas o poéticas de ascendencia europea y indo-mestiza (LIENHARD, 1990, p. 10).

Homi Bhabha destaca três pontos relevantes para a construção da identidade em contextos culturais. O primeiro ponto determina que seja necessário existir para ir em direção e ter uma “relação de desejo” para com uma alteridade, um outro externo. O segundo ponto, chamado cisão, é caracterizado pelo desejo, por parte do colonizado, de alcançar a posição de superioridade do colonizador, sem, contudo, desligar-se de sua condição. O terceiro aspecto diz respeito ao

processo de identificação, fazendo surgir uma “imagem de identidade”, um projeto, a partir do qual o sujeito sofrerá tentativas de transformação. Assim, será imputado a vestir uma máscara, que deixa uma lacuna entre a imagem e a pele, não permitindo uma “imagem autêntica”. Portanto, colonizado e colonizador, fazem uso de uma tática chamada mímica, a partir da qual se constrói uma imagem persuasiva de sujeito, com o objetivo de “apropriar-se e apoderar-se do Outro” (BHABHA, 1998, p. 121). Com efeito, a identidade, sob a perspectiva do hibridismo sempre remete a uma imagem, uma espécie de máscara, um mito fundacional, vindo a enfatizar que “culturas são construções e as tradições, invenções” (BHABHA, 1998, p. 129), e que, quando em contato, criam novas construções desterritorializadas.

Homi Bhabha desenvolve uma teoria alternativa em relação a esses espaços intermediários ‘*in-between*’. Afastando-se dos esquemas dicotômicos que postulam pura resistência ou uma pura assimilação, afirma que:

What is theoretically innovative, and politically crucial, is the need to think beyond narratives of originary and initial subjectivities and to focus on those moments or processes that are produced in the articulation of cultural differences. These ‘in-between’ spaces provide the terrain for elaborating strategies of selfhood – singular or communal – that initiate new signs of identity, and innovative sites of collaboration, and contestation, in the act of defining the idea of society itself... The social articulation of difference, from the minority perspective, is a complex, on-going negotiation that seeks to authorize cultural hybridities that emerge in moments of historical transformation (VELAZCO apud BHABHA, 2003, p. 1-2).

Temos como resultado desse encontro cultural a produção da **Crónica Mexicana** de Hernando Alvarado Tezozozoc e a **Historia de Tlaxcala** de Diego Muñoz Camargo. É nessa perspectiva que tais obras podem ser entendidas como documentos históricos originários de um diálogo entre diferentes culturas, que suscitou nos indígenas a necessidade de narrar suas tradições segundo os modelos simbólicos das sociedades ibéricas, e por que não européias. Dessa forma, seria fruto do encontro de duas culturas distintas na procura por um entendimento mútuo que geraria uma nova forma de se relacionar com o tempo/espaço, assim como a necessidade de sobrevivência de grupos sociais dentro de novas formas de poder e dominação impostas por uma cultura diferente. Navarrete Liñares expressou que:

En el siglo XVI, después de la conquista española, estas tradiciones históricas indígenas fueron vertidas al formato de los libros europeos en lengua náhuatl o española, utilizando la tradicional notación pictográfica indígena, la escritura alfabética europea, o una combinación de ambas. Estos libros, escritos por historiadores indígenas y españoles, y a los que me referiré en lo sucesivo como fuentes, suman más de 50 y son los que nos permiten conocer hoy en día las

historias prehispánicas de migración de los pueblo del Valle de México
(NAVARRETE LIÑARES, 2000).

Os fenômenos relacionados ao que se convencionou chamar de Conquista da América são vistos como elementos que se prolongaram ao longo do século XVI, em um processo dialógico e construtivo entre as diferentes elites indígenas e os espanhóis. Tal processo começa a sofrer mudanças significativas na segunda metade desse mesmo século. Por razões econômicas e sociais, uma dessas mudanças foi a diminuição do número de nobres indígenas, ao mesmo tempo em que o número de novos dirigentes provindos de fora da elite indígena começaram cada vez mais a ocupar os cargos, anteriormente ocupados, por esse grupo social. Essa transformação não somente fez com que surgisse um novo grupo dirigente composto por membros que antes eram governados pela elite indígena, como também a própria coroa espanhola começou a impor novas leis que aos poucos foram cortando os antigos privilégios das antigas elites indígenas (FUKUNAGA, 2008, p. 22). O controle político, econômico e religioso dos conquistadores no México, transformou de forma definitiva o *status quo* dos nobres, grupo cujo poder e prestígio havia estado em outros tempos justificado pela sua origem, pela bravura demonstrada por seus membros e pela rígida formação que haviam passado no *calmecac*. Os nobres que até então haviam ocupado o ápice da pirâmide social viram-se, subitamente, nas mãos dos novos senhores.

Tal fenômeno conflituoso pode ser observado com o aparecimento de diferentes documentos produzidos para preservar ou reivindicar antigos direitos, seja através dos títulos primordiais, testamentos, ou de documentos que narram as antigas tradições desta elite indígena. Seria nesta terceira categoria que se insere as obras de nossos cronistas, ou seja, como documentos que procuram narrar as antigas relações entre as diferentes elites indígenas, mas que privilegia como elite aglutinadora o próprio grupo social ao qual pertenciam.

Esses documentos eram frutos de grupos sociais que já tinham apreendido a se relacionar com os novos mecanismos advindos da administração colonial. Muitos destes documentos foram elaborados por homens que tinham freqüentado os diferentes colégios missionários, que se propunham formar uma elite indígena que abraçasse a “verdadeira fé” ao mesmo tempo em que formava um grupo social capaz de participar da administração espanhola sobre a parcialidade indígena (FUKUNAGA, 2008, p. 24).

À semelhança do modelo europeu que se estabeleceu na própria Espanha:

A escrita do passado, além de servir para preservar e glorificar a memória assumiu outras funções, como, por exemplo, a de esclarecimento de dúvidas quanto a matérias jurídico-administrativas, a de reconhecimento e respeito pela memória dos antepassados, a de moralização ou fixação de modelos de conduta e, ainda, a de legitimação da condição dos nobres (FRANÇA, 2006, p. 101).

Desse modo, nossos cronistas constroem um espaço de enunciação para a defesa da elite indígena em um contexto onde estavam perdendo os privilégios que gozavam. Ou seja, reconstruem o passado de suas respectivas populações para vinculá-los com o presente cristão. Escrever nesta perspectiva era precisar guardar um lugar na nova sociedade que estava em formação sem entrar em um aberto confronto com os valores da nova cultura. Por isso, buscaram possíveis vínculos entre a história de seus antepassados com a do conquistador.

Não são contra ou a favor do colonizador, promovem um discurso com a intenção de acomodar elementos de tradição heterogênea. Tratam de ressaltar sua adesão aos valores da nova cultura dominante como uma estratégia de reposicionamento na nova ordem colonial. Nesse sentido, acabam rompendo as barreiras de uma identidade fixa para adotar uma emergente que oscila entre as duas culturas.

2.1 Diego Muñoz Camargo: Historia de Tlaxcala

Antes de analisarmos **Historia de Tlaxcala**, faz-se necessário definirmos os principais contornos da pessoa Diego Muñoz Camargo e sua conexão com a nobreza indígena de Tlaxcala, no século XVI. Para tal efeito, faremos um breve esboço da biografia do cronista que é, nas palavras de Charles Gibson “*one of the most enigmatic of the sixteenth-century Mexican historians*” (1967, p. 8). Isso porque, foi confundido ora com seu pai, ora com seu filho de nomes homônimos.

Seu pai, Diego Muñoz, chegou ao altiplano mexicano em 1524. Não pertenceu ao grupo dos primeiros conquistadores, ainda que mais tarde incorporasse a expedição punitiva de Hibueras (1524-1526), organizada por Cortés com o propósito de castigar o rebelde Cristóbal de Olid; em 1532 também participa da conquista de Jalisco. Diego Muñoz pai foi a personalidade que introduziu a criação de gado na província de Tlaxcala na década de 30, negócio que teve continuidade pelo seu filho.

Contraíu relações com uma indígena tlaxcalteca – que concebeu Diego Muñoz Camargo -, aparentemente de linhagem obscura. Camargo nasceu entre 1528 e 1529. Seu pai casa-se, no regresso da conquista de Jalisco, com uma mulher de Castela; reconhece seu filho mestiço levando-o para viver na cidade do México.

Diego Muñoz Camargo gastou um bom período de sua juventude na Cidade do México onde se tornou fluente em espanhol e na língua indígena local, o *nahuátl*. Em 1545, nosso autor muda para Tlaxcala para ocupar-se dos negócios que seu pai tinha na região. Mais tarde (1555)

contraí matrimônio com Leonor Vázquez, uma nobre indígena de Ocotelulco, uma das cabeças do senhorio de Tlaxcala, gerando dois filhos: Isabel e Diego. Em Tlaxcala, Muñoz Camargo floresce nos negócios: em 1575 compra a concessão das hospedarias do Cabildo daquela cidade e passa a incorporar o mercado de sal ao obter concessão para explorar as salinas de Ixtacmaxtitlan.

Muñoz Camargo incorpora-se na esfera pública de Tlaxcala ao exercer a função de intérprete, no ano de 1573, nomeado pelo corregedor espanhol de Tlaxcala. Esta posição era vital para o funcionamento da sociedade colonial, no século XVI: como muitos índios só falavam a língua materna era imprescindível a presença de intérpretes e tradutores para todo tipo de transação governamental. Em 1583 Muñoz Camargo foi nomeado “teniente”, posto que substituí a autoridade mais alta, o corregedor, cujas funções era de caráter legislativo, judicial e administrativo (SULLIVAN, 1987, p. 21).

Neste mesmo ano, foi designado como procurador para preparar uma viagem para Madri e para elaborar a relação geográfica da província de Tlaxcala que entregou, pessoalmente, ao rei Felipe II. Na sua volta, como forma de compensação em virtude do êxito da expedição Muñoz Camargo foi nomeado procurador da província, vivendo lá até a sua morte.

Escreveu **Historia de Tlaxcala**, obra patrocinada por governadores indígenas da república tlaxcalteca, que recebeu o nome *a priori* de El Recibimiento y la Descripción de la ciudad y provincia de Tlaxcala, que incluía duas passagens que foram consideradas títulos independentes: la Relación particular de la gran cochinilla y la historia natural. Em relação à Descripción existem duas versões, a primeira motivada

por la ordenanza de Felipe II, se escribió entre 1580 y 1585; la segunda se basó en la anterior y su elaboración se prolongo como mínimo hasta 1594. A cópia ampliada de 1594 se chamava Descripción de la ciudad y provincia de Tlaxcala de las Indias y del Mar Oceano para el buen gobierno y ennoblecimiento della, hoje conhecida como Historia de Tlaxcala. (CHAMORRO, 2003, p. 23).

Ao lado da parte textual, existem duas seções pictoriais denominadas de Codex de Tlaxcala e Calendario de Tlaxcala. A parte textual e o Codex pictorial suplementar de Tlaxcala tratam da história da província de Tlaxcala, desde sua formação até a conquista da região pelos espanhóis.

O Codex de Tlaxcala pode ser considerado uma seção suplementar da parte textual de Camargo, porque ambos tratam dos mesmos tópicos. O Codex compreende de 157 imagens, sendo que cada imagem e subtítulo têm recebido anotações - presença de glosas ou explicações

grafadas com o alfabeto latino. Sugeriu-se que o Codex seria cópia inteira ou em parte de um manuscrito de meados do século XVI denominado Lienzo de Tlaxcala¹⁸.

Historia de Tlaxcala parece ter remanescido na Biblioteca Real, abrigado no EL Escorial perto de Madrid pelo menos até o século XVII. O documento foi parar nas mãos de um livreiro chamado Hortensio que o revendeu a um misterioso comprador, que, por sua vez, revendeu-o novamente para o médico escocês William Hunter (1718-1783). O manuscrito foi doado por Hunter para a Universidade de Glasgow, onde se encontra até hoje.

A primeira edição (1843) foi contemplada pelo francês Henri Ternaux-Compans, que traduziu o manuscrito com o nome de **Histoire de la Republique Tlaxcallan**. Quase três décadas depois aparece a primeira edição em castelhano de escrita original tendo como editor D. Miguel Lira e Ortega. Um ano depois, Alfredo Chavero patrocinou uma segunda edição sendo publicada em fascículos no diário da prefeitura do Distrito Federal. Em 1892 Alfredo Chavero publica o manuscrito na íntegra, no qual reproduz o manuscrito Ramírez – uma cópia da Historia de Tlaxcala com autoria de Carlos M.^a de Bustamente e financiada por Porfirio Diaz (CHAMORRO, 2003, p. 63-65).

Depois de 1892 não foi encontrada mais nenhuma edição do manuscrito, sendo que as publicações posteriores tratam-se de reimpressões da versão de 1892. Em 1981, foi impresso um similar da obra de Camargo pela Universidade Autónoma do México¹⁹.

Basicamente, a crônica de Diego Camargo narra a história da província de Tlaxcala, desde sua formação até a conquista da região pelos espanhóis. Seu relato abarca desde os tempos das migrações olmecas e chichimecas, e seus governantes e feitos históricos, dedicando vários capítulos aos acontecimentos anteriores à conquista, até a aliança de Cortés com os tlaxcaltecas. Camargo relata que antes da chegada de Cortés (1519), o planalto central mexicano era dominado pelos mexicas, que através de sua Confederação subjugou grande parte dos povos que viviam naquele território. Uma das exceções era a província de Tlaxcala. Entre essas nações desenvolveu-

¹⁸ O Lienzo de Tlaxcala foi produzido durante a gestão do vice-rei Luis de Velasco (1550-1564) e foi “*mandado pintar por las autoridades indígenas de Tlaxcala*” (CHAVERO, 1979). A descrição que nos oferece Chavero é a seguinte: “*Es un lienzo de algodón de cinco varas cinco sesmas castellanas de largo por dos varas y media de ancho. La pintura es a la aguada, y ejecutada por los pintores indios que habían sobrevivido a la Conquista. Está distribuido en bandas horizontales paralelas, partidas por líneas perpendiculares, que forman 86 cuadros de casi igual dimensión, con excepción de unos cuantos dobles, y del primero que ocupa casi todo el ancho. Éste representa los símbolos de los cuatro señoríos que formaban la confederación tlaxcalteca, y algunos sucesos inmediatos a la entrada de los españoles. En los siguientes se figuran todas las acciones de guerra y acontecimientos notables a que concurrieron los talxcaltecas como auxiliares de los conquistadores. En los últimos se indican solamente algunos nombres de poblaciones*” (CHAVERO, 1979 – Introdução).

¹⁹ Diego Muñoz Camargo (1981), **Descripción de la ciudad y provincia de Tlaxcla de las Indias y del Mar Océano para El buen gobierno y ennoblecimiento della**, ed. Facsimilar del manuscrito de Glasgow, UNAM, México, 1981.

se um profundo ódio, sendo que na chegada dos espanhóis os tlaxcaltecas tornaram-se seu principal aliado na guerra para conquistar a nação mexicana. Ressalta a participação que os tlaxcaltecas tiveram como aliados de Cortés, sua lealdade, submissão e valentia em relação à autoridade do conquistador.

O texto de Muñoz Camargo é uma relação geográfica que, em tese, deveria seguir os parâmetros de um questionário estabelecido pela Coroa espanhola para colher informações sobre América. Isto é, o cronista deveria estruturar seu documento como uma resposta a ‘Instrucción y Memoria’ que formularam os funcionários da Coroa Juan López de Ovando e Juan López de Velasco consistindo em cinquenta perguntas sobre a geografia, a topografia, o clima, a flora e a fauna, os recursos agrícolas e minerais, entre outros aspectos, das terras conquistadas²⁰. Contudo, a obra de Muñoz Camargo mostrou-se mais que uma relação geográfica: inclui, além disso, uma crônica da guerra de conquista do México-Tenochtitlán. O texto apresenta, portanto, uma ambigüidade genérica (VELAZCO, 2003, p. 136). René Acuña expõe o problema da seguinte maneira:

La obra es, en rigor, una relación geográfica; aunque, por la pormenorizada extensión con que el relator respondió a ciertos capítulos de la Instrucción y Memoria, su informe adquirió proporciones de verdadera crónica[...] Como podrá observar quien recorra con atención el texto que publicamos, el autor comienza su relación respondiendo en forma expresa al capítulo 11 de la Memoria, y la prosigue tratando de ajustarse a su orden. Si embargo, su inexperiencia por una parte y, por otra, el deseo desordenado de transmitir la vasta información que había obtenido, a menudo lo inducen a perderse en digresiones erráticas, que hacen que su relato deje un rastro más bien zigzagueando (1981, p. 25).

Walter Mignolo, por sua parte, oferece uma explicação alternativa à ambigüidade genérica do texto (1987, p. 455), analisando a maneira de como o modelo exigido pela Instrução e Memória tem interferência de elementos da tradição humanista – “*La exigencia de estilo, la dedicatoria y el ofrecimiento, la manera de escribir historias*” (1987, p. 479) -, dando nascimento a um discurso híbrido. Na verdade, a obra de Muñoz Camargo é uma relação geográfica com ambições historiográficas que supera o rígido esquema da Instrução e Memória, podendo ser dividida nas seguintes partes:

A) A dedicatória a Felipe II.

²⁰ Para recolher informação estratégica sobre os territórios conquistados, a máquina burocrática da Coroa preparava uma espécie de questionário, cuja origem foi uma ordenança da Coroa de 1571 que dizia ‘*Ordenamos y mandamos que los de nuestro Consejo de Indias con particular cuidado y estudio, procuren tener hechas siempre descripción y averiguación cumplida y cierta de todas las cosas del estado de la India, así en la tierra como en la mar, naturales y morales, perpetuas y temporales, eclesiásticas y seglares, pasados e presentes[...]*’ (GONZALEZ MUÑOZ, 1971, estudo preliminar).

Nela, Muñoz Camargo congrega as típicas expressões de modéstia com que os historiadores renascentistas elaboravam suas dedicatórias. Esse sentimento de modéstia era uma espécie de confissão de que não se considerava preparado para empreender tal incumbência. Isto nos faz sugerir que Muñoz Camargo estava pensando em elaborar um texto que ia além de responder um questionário oficial, mas sim de elaborar uma história com o desejo claro de “*agradar su Rey y pátria*” (MUÑOZ CAMARGO, 1984, p. 33).

B) Relato sobre a sociedade indígena.

Nessa parte da obra, Muñoz Camargo começa a elaborar os capítulos proporcionando informação sobre as “cuatro cabeceras principales de la provincia de Tlaxcala”. Assim, começa a construir um discurso, utilizando as palavras de Salvador Velazco (2003), que poderíamos denominar de etnográfico, já que se faz uma descrição da sociedade indígena abarcando seus ritos, cerimônias, costumes, crenças, deuses, tributos, templos, genealogias, os grupos governantes, entre outras características culturais.

C) A conquista do México.

Nessa parte do texto, Muñoz Camargo apresenta um relato sobre a conquista do México. Uma das características mais importantes desse relato é a reinterpretação que nosso autor faz das façanhas militares de Cortés, destacando o papel de Tlaxcala como um aliado indispensável e voluntário. O cronista vê-se na obrigação de ingressar no território formal da historiografia para poder entregar a Felipe II um documento mais relacionado com uma história do que como uma relação geográfica (MIGNOLO, 1987). Por isso, sem que, realmente, houvesse uma pergunta concreta sobre a guerra de conquista, Muñoz Camargo oferece um discurso historiográfico que constrói os feitos históricos a favor de Tlaxcala.

D) O códice pictográfico: As 157 pinturas anexadas ao documento.

Muñoz Camargo anexou ao texto escrito um códice pictográfico composto por 157 pinturas que são, aparentemente, cópias do programa iconográfico pintado nas salas, casas reais e audiência do Cabildo de Tlaxcala. Como sabemos pelo estudo de Charles Gibson (1967), Muñoz Camargo encarregou um *tlahcuiloh* (pintor ou escrivão) ou vários deles para pintar uma cópia das pinturas e murais do Cabildo de Tlaxcala. Desta pintura mural saíram as pictografias inseridas em sua obra.

Dessa forma, podemos analisar a obra camarguiana levando em consideração dois tipos de discursos desenvolvidos pelo cronista, o discurso historiográfico e o discurso etnográfico. A partir de agora, passaremos a analisá-los.

O discurso historiográfico de Muñoz Camargo reflete os interesses do grupo governante indígena deslocado dia-a-dia, no contexto da colonização espanhola. Nesse sentido, podemos

projetar **Historia de Tlaxcala** como sendo uma resposta dos notáveis de Tlaxcala à ocupação espanhola, aqueles que desejavam estabelecer-se no mundo colonial preservando seus privilégios e se projetando como sócios dos espanhóis no processo de conquista. Por isso, o discurso historiográfico da conquista serve para que, tendo o passado como uma bandeira, o antigo grupo dominante indígena de Tlaxcala lute para acomodar-se no novo mundo que se constrói a partir do século XVI, no México colonial. Esta é, pois, a razão que estimulou Muñoz Camargo a privilegiar a versão de que em Tlaxcala não houve uma guerra contra os espanhóis, mas sim uma espécie de colóquio de conversão que selou o pacto da aliança com Cortés (VELAZCO, 2003, p. 128).

Diferentemente de Hernando Alvarado Tezozomoc, Muñoz Camargo não aceita a identidade indígena. Ou seja, no mundo colonial não se considera como um descendente da nobreza indígena. Muñoz Camargo produz um discurso do “Outro” (o indígena que nega levar o sangue) como um idólatra que vai associá-lo com os judeus, o inimigo religioso da Coroa espanhola. Sua linha de argumentação sobre as culturas ameríndias, as quais se passam por um processo de “barbarización”, está em concordância com a desculpa imperial da Coroa espanhola que justifica a posse dos domínios ameríndios através da missão civilizadora (VELAZCO, 2003, p. 129).

Munõz Camargo ilustra o problema que enfrentou o sujeito historiográfico que escreve numa posição neplanta (entre dois mundos), no México colonial. Como não reconhece a sua mãe tlaxcalteca, provavelmente por ser uma *macehualli* de nascimento, o cronista, claramente, se auto-representa, no texto, como um espanhol, ainda que, na realidade, era um mestiço. Suas origens tlaxcaltecas não permitem a Muñoz Camargo uma identificação com a nobreza indígena. Ademais, “*por ser un mesclado y ser agraviado por la doble circunstancia de carecer de sangre noble, por un lado, y por el outro, de llevar sangre de idólatras, tenía que mostrar a ultranza su ortodoxia religiosa*” (VELAZCO, 2003, p.130). Contudo, se Muñoz Camargo afirma a superioridade cultural espanhola não deseja por isso estabelecer uma coalizão com as principais figuras de Tlaxcala cuja voz se escutará com força no discurso historiográfico que integra **Historia de Tlaxcala**.

Do mesmo modo que Alvarado Tezozomoc, Muñoz Camargo viveu em uma época de circunstâncias políticas e sócio-culturais complexas. Como membro de uma nobreza indígena em decadência pela consolidação de uma nova ordem de dominação converteu-se em uma espécie de “porta voz” das elites indígenas de sua localidade com o objetivo de reafirmar seus privilégios e negociar a manutenção de sua posição e *status quo* político.

Muñoz Camargo não só adaptou as formas de descrever o passado indígena nos moldes ocidentais, mas também reelaborou esse passado para ajustá-lo à nova realidade do mundo

colonial do século XVI mediante a criação de um discurso de continuidade histórica que legitimava as aspirações políticas das aristocracias indígenas. Nesse sentido, elaborou um discurso pautado em dois elementos que legitimavam a dominação espanhola: a idolatria e o culto diabólico. Como se pronunciava contra ambos os elementos, sua obra é inserida dentro de uma corrente que louvava a divindade cristã agradecendo Felipe II pelo seu trabalho evangelizador (CHAMORRO, 2003, p. 66).

Por desenvolver sua obra no contexto do contato entre dois mundos, Muñoz Camargo cria uma narrativa utilizando conceitos da tradição europeia com os dados retirados dos códices pictográficos de tradição *nahuátl*. Esta característica mostra-se evidenciada ao desenvolver uma visão providencialista da história indígena. Para ele, os fatos e personagens eram moldados por determinações divinas. Podemos constatar esta característica na exposição de Muñoz Camargo em relação aos feitos cortesianos:

Afirmaron muchos conquistadores que el caballo en que salió Hernando Cortés a este reencuentro era un rocín de arria muy bronco, y que no servía más que para llevar el fardaje. Y como se vio sin caballo que fuese de provecho, hizo ensillar este arriero, en el cual fue Dios Nuestro Señor servido que hiciera tantas hazañas, que parece cosa increíble cómo después salió tal y tan bueno; que por este caballo se le atribuyó toda la victoria, pues que estando tan flaco y cansao como estaba, a coces, tocadas y manotadas hacía tanto daño a los contrários que no osaban acercarse a él (MUÑOZ CAMARGO, 2003, p. 228)

Muñoz Camargo fala como se fosse um espanhol que categoriza os indígenas como culturalmente inferiores aos espanhóis; conceitua o “Outro” (o indígena americano) como um idólatra; e elabora, discursivamente, uma demonização do Anáhuac.

Muñoz Camargo não só estava familiarizado com os escritos clássicos, como também com a produção histórica e científica da época. Também teve acesso aos informes etnográficos da Ordem Seráfica, cujos componentes dedicaram grande parte de seus trabalhos ao estudo da cultura nativa. A influência dos escritos de Bernardino de Sahagún é detectada, com evidência, nas maravilhas que precederam a chegada dos castelhanos (GIBSON, 1950).

Outras fontes utilizadas estão relacionadas com as Crônicas da Conquista. Muñoz Camargo menciona “*Francisco de Terrazas a propósito de la desgraciada expedición a las Hibueras*²¹, y al veterano Bernal Díaz de Castillo” (CHAMORRO, 2003, p. 32), em relação a origem de Malintzin.

Também obteve informações valiosas nos testemunhos orais. A lista de nomes de nosso autor inclui personalidades

²¹ Francisco de Terrazas, primeiro poeta mexicano de língua castelhana. Para maior informação consultar a obra *Poesias* (México: Porrúa, 1941).

tan variopintas como el maestro Corzo, piloto en las primeras navegaciones hacia los Molucos y tierra firme de la gran China; Antonio Calmecahua, capitán tlaxcalteca al servicio de Cortés [...] También menciona, sin dar nombres, el testimonio de unos conquistadores de los primeros desta tierra (CHAMORRO, 2003, p.32).

Voltemos as nossas atenções para o desenvolvimento do discurso de Muñoz Camargo sobre o “Outro” (indígena). Parto do pressuposto de que Muñoz Camargo enxerga o indígena com olhos imperiais (PRATT, 1999). Saliento a idéia principal: o cronista trata de um esquema binário de barbárie (os indígenas) e de civilização (os espanhóis) para explicar a realidade cultural do Anáhuac. Ao produzir o “Outro” como um ser inferior e que é necessário civilizá-lo (cristianizá-lo), Muñoz Camargo desenvolve um discurso que se alinha com a política imperial dos espanhóis. Dessa forma, nosso autor elabora o “Outro” como um ídola demonizando o território do Anáhuac, para propor como antídoto à conversão dos ameríndios a religião do império.

Verificamos que elabora o “Outro” (o indígena) com base nas teorias sobre a origem dos indígenas articuladas aos judeus do Antigo Testamento, idéia desenvolvida por muitos outros estudiosos de seu tempo. Um deles é o dominicano Diego Durán, cuja **Historia de las Indias de Nueva España** foi concluída em 1581. Durán que toma a Bíblia como referência essencial para a elaboração de sua obra, relaciona os Mexicas com uma tribo perdida de Israel:

Para tratar de la cierta y verdadera relación del origen y principio destas naciones indianas [...] será necesario llegarnos á las sospechas y conjeturas, á la demasiada ocasión que esta gente nos da con su bajísimo modo y manera de tratar, y de su conversación tan baja, tan própria á la de los judíos, o que podríamos ultimadamente afirmar ser naturalmente judíos y gente hebrea, y creo que no incurriria en capital error el que lo afirmase, si considerado su modo de vivir, sus ceremonias, sus ritos y supersticiones, sus agüeros y hipocresías, tan emparentadas y propias de las de los judíos, que en ninguna cosa difieren (DURAN, 1967, v. 1, p. 180).

Durán refere-se às migrações dos Mexicas desde a mítica Aztlán até a sua chegada ao planalto central do México para confirmar sua suspeita de que

estos naturales sean de aquellas diez tribus de Israel, que Salmanasar, Rey de los Asirios, cautivó y tranmigró de Asiria en tiempo de Oseas, Rey de Israel, y en tiempos de Esequías, Rey de Jersusalem, como se podrá ver en el cuarto Libro de los Reyes, cap.7 (DURAN, 1967, v. 1, p. 181).

Anos depois, outro dominicano, Gregorio García (1981), dedica um tratado sobre as diversas teorias da origem dos ameríndios, no qual acaba por aderir e desenvolver àquela proposta elaborada por Diego Durán. Uma das opiniões defendidas por Gregorio García consiste em atribuir filiação judia aos habitantes da América. Dessa maneira, dedica uma parte do seu tratado

para provar como os ameríndios procederam das dez Tribos perdidas dos hebreus. O fundamento que tem para defender a sua tese está relacionado com as condições naturais e os costumes dos ameríndios, muito semelhante com as condições dos hebreus (GARCIA, 1981, p. 79).

Defendendo sua teoria, nosso autor argumenta que as dez tribos hebréias que tinham sido levadas “*en cativo en tiempo de Rey Oseas fueron trasladadas a outra tierra*”. Menciona que vieram, possivelmente, por terra, atravessando terras chinesas separadas da América por apenas um estreito, chamado de “*Annian*” (1981, p. 80). Em seguida, argumenta que existiam grandes semelhanças entre os indígenas e os judeus: “*Esas cosas son: el Natural, el Trage, i Vestido, Condicion, i Costumbres de los Indios con las de los Judios, son muy conformes, muy semejantes, i convienen en mucho*” (1981, p. 84-85).

Muñoz Camargo adere à tese de que os indígenas descendiam dos judeus:

En cuanto a esto, cada uno seguirá la opinión y parecer que más le cuadrare; mas, a mí, me parece que vienen alg[un]os dellos de aquellas gentes y destras tribus de Israel, como referido tengo, pues se apartaron de su Rey de su ley, y, no sabiendo la ley en que habían de vivir, inducidos del Demonio, dieron en idolatrar y caer en dos mil errores contra la ley humana y divina, y de naturaleza (1984, p. 127).

Outra semelhança entre Gregorio García e Muñoz Camargo é a tenaz inclinação à idolatria. O primeiro, ao relatar o êxodo dos judeus, menciona que, “*faltando Moisés, el pueblo hebreo volvió a idolatrar, y que Moisés al reprender a Aaron obtiene como respuesta: Tu conoces a este pueblo, que es inclinado a la idolatria*” (1981, p. 91). Estabelece imediatamente a conexão com o Anahuác: “*Yo entiendo que no hubo, ni ai Nacion en el Mundo tan inclinada a la Idolatria, como estos Indios eran en el tiempo de su Gentilidad, en lo qual parecen mucho a los Judios*” (1981, p.91).

Muñoz Camargo, por sua vez, agrega algumas analogias que, provavelmente, teriam aprovação do frei dominicano. Refere-se a certas cerimônias “judaicas” que praticavam os indígenas como, por exemplo,

el ser muy amigos de flores olorosas y frescuras y ramos verdes, que, en los dias de sus fiestas, enramaban con frescuras sus /81r/ casas y templos con diversidad de flores y ramos [...] De donde se infiere que realmente estos son judíos, porque com este ornato servían a sus dioses en sus templo (1984, p.128).

A opinião de Muñoz de Camargo sobre a origem judia dos indígenas da América é apenas uma parte do processo de demonização que faz do Anáhuac. Passemos a outro ponto para seguir ilustrando a demonização feita pelo nosso autor.

Vejamus a seguinte citação de Muñoz Camargo que nos conecta com o tema do sacrifício humano, a oferenda que o “demônio” exigia dos indígenas:

Demás destes ritos y ceremonias que hacían, ofrecían en esta fuente muchos perfumes y matando hombres humanos en servicio del Demonio, los tenía sujetos y rendidos con sus engaños, que no sabían ya con qué servirle ni agradarle, si no era ofreciéndole sus propios cuerpos y corazones, que era lo mejor que tenían; y tras esto, las almas, que se las llevaba al infierno (1984, p. 55).

O tema do sacrifício humano proporciona a Muñoz Camargo a oportunidade para transformar o sentido sagrado dos rituais, já que na Mesoamérica não se consumia carne humana por razões de necessidade, mas sim por motivos de caráter religioso: “*La idolatria universal y el comer carne humana ha muy poco tiempos que comenzó en esta tierra.[..] Y así, había carnicerías públicas de carne humana, como si fueran de vaca y carnero, como el dia de hoy las hay*” (MUÑOZ CAMARGO, 1984, p. 195). É improvável a existência de “*carnicerías de carne humana*” no México pré-hispânico como afirma, categoricamente, nosso cronista, uma vez que, insisto, comer carne humana no âmbito mesoamericano teria uma função diferente a de simplesmente satisfazer um gosto mundano. Nesse sentido, escreve Orozco y Berra:

los mexica, en virtud de la trasmutación, comían la carne de la víctima, no por ser codorniz, culebra u hombre, sino porque era una substância santa. La tenían por cosa consagrada[...] como aquella masa de tzoalli de que formaban el cuerpo de Huitzilopochtli, que despedazada servía en menudos trozos para su comunión mística (1960, p. 166).

Muñoz Camargo está inserido na tradição “demonizadora” para explicar a realidade cultural no contexto do contato do indígena com o europeu. Por isso, em consonância com a política imperial espanhola, a solução é “cristianizar” o âmbito mesoamericano. Assim, nosso cronista não se cansa de proferir elogios à divindade e ao imperador pela ação evangelizadora. Reproduzimos parte de um texto que, provavelmente, agradou, infinitamente, os devotos olhos de Felipe II:

Plus ultra, Señor! Aquí sea santificado v[uest]ro santí[sim]o nombre por toda La redondez de la tierra, y que ciñan toda la esfera los esmaltes de v[uest]Ra sagrada Pas[i]ón para que seais alabado y ensalzado de todas las gentes. Hágase [vuest]Ra volun[ta]d así en la tierra como en el cielo, que, con más justo título puede usar La santa madre Iglesia deste Plus ultra, que no el César cuando se puso por trofeo de ampliar su imperio, señorío y mando, enalteciendo y ensalzando su nombre y fama[...] Porque, con este sacratí[sim]o nombre, se consigna la universal conversión destas nuevas gentes, y que el Demonio, enemigo del género humano, sea vencido y desbaratado, quebrantándole todas sus fuersas y astucias [a] aquel ha que en esta ceguedad y engaño los ha tenido rendidos y sepultados en tinieblas, sin conocimientos de la verdadera lumbre de n[uestr]Ra salvación[...] (1984, p.111).

Como assinalado acima, o texto de Muñoz de Camargo está conformado por dois discursos, o etnográfico e o historiográfico. Esse último não tem o objetivo de apontar o olhar imperial de nosso cronista, mas sim de dar respaldo à versão oficial tlaxcalteca da guerra de conquista. O que lemos é o discurso dos membros do grupo governante indígena tlaxcalteca que se projetam como sócios e não como subalternos na campanha de derrotar México-Tenochtitlán.

Em termos gerais, a versão da conquista que nos oferece Muñoz Camargo está em harmonia com as pictografias que se produziram em Tlaxcala. Quando se estabelece uma comparação da obra camarguiana e o famoso Lienzo de Tlaxcala podemos perceber que suas pinturas são praticamente idênticas. Contudo, Muñoz Camargo não faz nenhum tipo de alusão ao Lienzo de Tlaxcala, mas sim de um programa iconográfico que existia nas casas reais, sala e audiência do Cabildo de Tlaxcala. Essas pictografias fundamentam a versão de Muñoz Camargo sobre a conquista que, por sua vez, é considerada fonte original de onde se processam as pictografias do Lienzo de Tlaxcala.

Passaremos a analisar um episódio da guerra da Conquista para ilustrar o discurso historiográfico de Muñoz de Camargo, o “colóquio de Tlaxcala”, cuja elaboração data de 1576. Se atentarmos ao próprio Muñoz Camargo que, expressamente, menciona esse ano como tempo da escrita: “*porque ahora, en n[uest]ros tiempos, que fue [en] el año de 1576...*” (MUÑOZ CAMARGO, 1984, p. 246).

Apesar dos relatos de indígenas e também de espanhóis sobre a guerra de Conquista do México os quais expressavam um grave conflito entre Tlaxcala e Cortés em 1519, Muñoz Camargo, em sua obra que entrega a Felipe II, em Madri de 1585, dá uma versão muito diferente. Para ele, não houve enfrentamento militar, mas sim um colóquio no qual saiu vencedor Hernán Cortés ao lograr uma conversão dos quatro principais senhores da província de Tlaxcala. Para outorgar autenticidade a esta conversão, Muñoz Camargo reconstrói as supostas práticas de 1519 entre Cortés e os quatro senhores da província de Tlaxcala. Vale ressaltar, que Cortés não mencionou a Carlos V tal conversão. Na realidade, seu silêncio nos convida a pensar que se trata de uma lenda criada a *posteriori*, que encontra não só na obra camarguiana, mas também no Lienzo de Tlaxcala, cujas ilustrações oferecem a história oficial tlaxcalteca da conquista do México. Convém analisar, por um lado, a possível historicidade das batalhas entre os tlaxcaltecas e os espanhóis, e por outro, a possível historicidade do próprio colóquio de Tlaxcala pra ver se tal episódio é fruto ou não da imaginação do nosso cronista.

Em primeiro lugar, podemos constatar que testemunhos indígenas e espanhóis coincidem em sustentar a autenticidade dos fatos acima citados. Cortés busca uma aliança com Tlaxcala,

população, secularmente, inimiga do México-Tenochtitlán. Para isso, envia embaixadores para selar a união, sem resultados. Nas imediações da província de Tlaxcala, o exército de Cortés é atacado pelo Xicontécatl, o moço. Esse seria o primeiro encontro de uma série de sangrentos conflitos. Cortés menciona a Carlos V – em sua segunda carta de relação – a árdua e sangrenta batalha que contraiu com os tlaxcaltecas durante vários dias, na qual saiu vitorioso porque “*Dios fué el que por nosotros peleó, pues entre tanta multitud de gente y tan animosa y diestra en el pelear y con tantos gêneros de armas para nos ofender, salimos tan libre*” (CORTÉS, 1946). Bernal Días de Castillo expressa em sua obra **Historia verdadera de la conquista de la Nueva España** as “*guerras y batallas muy peligrosas que tuvimos con los tlaxcaltecas*” (DÍAS DE CASTILLO, 1960, p. 120-127). Andrés de Tapia, testemunho ocular dos fatos, também se refere em sua relação aos duros combates entre Cortés e os tlaxcaltecas (1985, p. 451). Podemos perceber que os cronistas espanhóis afirmam a fervorosa oposição que Tlaxcala estabeleceu com o exército de Cortés.

Temos também um testemunho indígena que faz referência ao conflito bélico entre Cortés e Tlaxcala. Fernando Alva Ixtlilxóchitl em sua obra **Historia da nación chichimeca** afirma que o exército tlaxcalteca estava formado por “*más de ciento cincuenta mil hombres*” (1975, p. 209), assim “*obró Dios grandes milagros*” (1975, p. 209) na defesa contra os espanhóis. Vale ressaltar que o historiador de Texcoco segue a crônica de Tadeo de Niza de Santa María, indígena de Tlaxcala, escrita em 1548 e, nas palavras de Alva Ixtlilxóchitl, a “*más cierta y verdadera de cuantas están escritas*” (1975, p. 213) no que se refere aos episódios que envolveram Tlaxcala.

Desse modo, podemos afirmar a historicidade dos conflitos bélicos entre Cortés e Tlaxcala, feito ignorado na obra de Muñoz Camargo apresentada ao rei Felipe II da Espanha. O cronista limita a assinalar que, à entrada de Cortés na província de Tlaxcala, alguns soldados otomíes – parte da guarnição que protegia a fronteira contra os ataques dos mexicas – atacaram o exército espanhol porque não sabiam si “*eran soldados de los culhuaques mexicanos, y si los Había traído /62r/ alquilados Montezuma para tomar venganza de los tlaxcalenses*” (1984, p.104).

Em relação ao colóquio, existem certos elementos históricos que confirmam a intenção de Cortés por evangelizar os senhores de Tlaxcala no momento do primeiro contato, mas isso não foi possível porque aquele foi rechaçado. As fontes espanholas assinalam que, depois da derrota militar tlaxcalteca, Cortés entra na província de Tlaxcala e permanece aproximadamente 20 dias (DÍAZ DE CASTILLO, 1960, p. 139-145). Nesse lapso temporal, segundo Muñoz Camargo dá-se o colóquio, através do qual se logra a conversão e o batismo dos governantes de Tlaxcala. Não podemos afirmar, categoricamente, que todo o incidente seja invenção. Provavelmente, há certa

base histórica: Cortés, desde sua chegada as terras mexicanas, empenha-se em catequizar os indígenas, em destruir seus ídolos, em instalar cruz nas bases dos templos, em batizar as donzelas indígenas antes de entregá-las aos capitães. Bernal Díaz de Castillo, que foi testemunha ocular dos feitos, nos narra o que pode haver passado em Tlaxcala no capítulo LXXVII de sua obra (DÍAZ DE CASTILLO, 1960, p.148). Houve uma intenção por parte de Cortés de cristianizar os principais senhores de Tlaxcala, relato muito parecido ao que se refere Muñoz Camargo:

¿Cómo quieres que dejemos nuestros teules, que desde muchos años nuestros antepasados y les han adorado y sacrificado? [...] ¿Qué dirán todos nuestros papás y todos los vecinos mozos y niños de esta provincia, sino levantarse contra nosotros? (1984, p. 115).

A intervenção do padre Olmedo evitou uma maior confrontação ao pedir um tempo ao conquistador para poder ensinar com propriedade a nova fé. Os governantes de Tlaxcala concedem que se instalem uma cruz e a imagem da Virgem Maria em um dos templos indígenas. No ato seguinte é oferecida uma missa, na qual se batizam as filhas dos tlatoques para logo depois serem dadas aos espanhóis.

Bernal Díaz de Castillo, diferentemente de Muñoz Camargo, não menciona o suposto batismo dos quatro principais senhores de Tlaxcala. Corroborando com a versão de Díaz de Castillo temos Alva Ixtlilxóchitl (que segue Tadeo de Niza, um cronista de Tlaxcala, conforme já dito) quando assinala que Cortés

[...]comenzó a predicarles la fe de Cristo nuestro señor, y a persuadirles dejasen la idolatria y sacrificio de hombres, dándoles a entender que los ídolos que ellos adoraban eran demonios, de tal manera, que aunque de todo punto no los pudo convencer, mas con todo hizo la sala principal oratorio de Xicoténcatl, poniendo una cruz e una imagen de nuestra señora (1975, p. 214).

Com base nos dados anteriores, podemos resumir assinalando que há uma base histórica deste suposto colóquio, mesmo que Muñoz Camargo o reelabore para dar um resultado diferente. Dessa forma, tal colóquio – que tem como resultado a conversão e o batismo dos principais senhores de Tlaxcala – ainda que tenha uma base histórica, faz parte de uma reconstrução que projeta Tlaxcala não como território conquistado, mas sim com um território convertido.

Cortés considera os tlaxcaltecas como “vassalos”, quando expressa em sua carta de relação a Carlos V que, depois de haver derrotado militarmente Tlaxcala, “*ellos quedaron y se ofrecieron por súbditos y vassalos de vuestra majestad y para su real servicio, y ofrecieron sus personas y haciendas*” (CORTÉS, 1946). Insistirá sobre este ponto quando, depois da fuga do México-Tenochtitlán e chegada em Tlaxcala para buscar refúgio e abrigo, os tlatoques acolhem,

benevolmente, ao contingente cortesiano, em grande medida, porque são obrigados a isso “*ser vassallos de vuestra alteza*” (CORTÉS, 1946).

Muñoz Camargo ao alterar a fórmula da “conquista” pela “conversão” constrói uma figura discursiva que se opõe ao discurso de Cortés, que assim, já não poderia invocar a direito de posse sobre Tlaxcala sob o pretexto de uma derrota militar. Desse modo, a república convertida de Tlaxcala converte-se em um sócio do conquistador na tomada do México-Tenochtitlán. Por isso, a guerra de conquista começa, segundo Muñoz Camargo, imediatamente depois do batismo dos senhores:

habiendo, pues, acabado Her[nan]do Cortés negocio tan heroico[...] en haberse convertido por su mano los cuatro s[eñor]es de las cuatro cabeceras de tlaxcala, desde allí en adelante se comenzaron a tratar neg[oci]os tocantes a la conquista[...] y de cómo se había de tomar México y ganar las demás provin[ci]as, para que así mismo viniesen a conocimiento de Dios (1984, p. 247)

Assim, a idéia de uma república convertida que participa como um sócio na empresa da conquista ao lado dos espanhóis faz parte de uma estratégia discursiva do cronista de Tlaxcala. Ele apresenta o colóquio como um evento histórico para sustentar a posição de Tlaxcala, na guerra de conquista.

Em suma, exemplificamos o discurso historiográfico da obra de Muñoz Camargo com a reconstrução historiográfica do colóquio de Tlaxcala. É, claramente, a visão oficial do altiplano tlaxcalteca tocante a sua participação na guerra de conquista com a expressa finalidade de acomodar-se na nova ordem colonial ao manifestar-se como sócio do conquistador e assim reclamar de seus privilégios. Por ser dirigido ao rei Felipe II, esse texto converteu-se em uma magnífica oportunidade para os notáveis de Tlaxcala fazer chegar por via privilegiada a importante ajuda militar que dedicaram a Cortés na conquista do México-Tenochtitlán. É sobretudo a eles que beneficiava o discurso historiográfico camarguiano. Em todo caso, estamos na presença de uma coalizão de interesses entre a aristocracia indígena de Tlaxcala e um Muñoz Camargo com assuntos de interesse privado nesta província (VELAZCO, 2003, p.181).

Aparentemente, conseguiu o que se esperava. Os embaixadores que foram a Madri, em 1585, obtiveram como resultado concreto a ratificação do privilégio tradicional de Tlaxcala que consistia no não pagamento de tributo real, “*the so-called capitation tx designed to support the treasury in Mexico City and to defray certain expenses of colonial government*” (GIBSON, 1967, p.170). Isso não significava que a província de Tlaxcala não tivesse obrigações. Como assinala Charles Gibson: “*The Tlaxcaltecan Indians paid many kinds of taxes. Tribute in money, kind, and*

labor was given to the church in annual tithes, in service to particular ecclesiastics, in the support of friars, and in the construction of Puebla Cathedral” (GIBSON, 1967, p.170).

Estamos analisando dois grandes discursos que integram o texto de Muñoz Camargo: um, o historiográfico que tem como tema essencial a reconstrução da guerra de conquista em que se destaca o papel militar desempenhado por Tlaxcala; o outro o etnográfico em que Muñoz Camargo oferece uma representação cultural do indígena em consonância com o trabalho do império espanhol que justifica sua posse dos domínios americanos pela sua missão civilizadora. O discurso historiográfico é explicado com facilidade se recordarmos que a nobreza indígena foi praticamente “obrigada” a produzir uma historiografia *ad probandum* de sua fidelidade e apoio à Coroa e ao mesmo tempo sendo uma espécie de estratégia de acomodação, na nova ordem colonial. Contudo, o discurso etnográfico requer uma maior indagação. Diferentemente de Tezozomoc, que se mostra orgulhoso da grandeza da história antiga do Anahuac – focalizada através do México-Tenochtitlán – e que considera parte integral do projeto da Nova Espanha, Muñoz Camargo ratifica o argumento de que o império impunha para subjugar ao indígena: sua congênita inferioridade frente ao europeu. Ao produzir um discurso de tal natureza, podemos afirmar que o cronista de Tlaxcala faz parte da tradição da historiografia imperial espanhola. Para corroborar com tal afirmativa compararemos o discurso de Muñoz Camargo com o discurso do cronista oficial das Índias, Gonzalo Fernández de Oviedo.

Gonzalo Fernández de Oviedo nasceu em 1478 em Madri. Educado nas cortes de Aragão e Castela Oviedo aproxima-se da cultura renascentista, o que o preparará para iniciar a empreitada de escrever para um público europeu. Pisa pela primeira vez no novo mundo em 1514 na expedição de Pedrarias Dávila com o cargo de fornecedor das fundições do ouro. Ao regressar para a Espanha publica, a pedido de Carlos V, um livro denominado **Sumario de la natural historia de las Indias** oferecendo uma descrição da flora e da fauna do novo mundo. Fernández de Oviedo aceita em 1532 um posto vitalício como *alcaide* da fortaleza de Santo Domingo e como cronista oficial das Índias por disposição de Carlos V. Em 1535 publica a primeira parte de sua **Historia general y natural de las Indias**, a única publicada em vida (existe uma segunda edição de 1547), que tem como conteúdo os sucessos da empreitada no novo mundo até 1520. A segunda e a terceira partes foram publicadas somente no século XIX, já que em 1548 quando Oviedo tentou publicá-las não recebeu aprovação por parte do Conselho das Índias. Fernández de Oviedo faleceu em Santo Domingo em 1557²².

²² Para uma maior informação sobre a vida e os escritos de Fernández de Oviedo, ver o estudo preliminar de Juan Pérez de Tudela Bueso em sua edição da **Historia general y natural de las Indias**, publicada em 1959.

Do mesmo modo que Muñoz Camargo, Fernández de Oviedo fundamenta seu texto construindo uma imagem inferior do habitante do novo mundo, como podemos apreciar nas citações agrupadas abaixo:

esta gente, de su natural, es odiosa e viciosa, e de poco trabajo, e melancólicos, e cobardes, viles e mal inclinados, mentirosos e de poca memoria, e de ninguma constancia (1959, v. 1, p. 67).

[...]

Pero de esta gente destes indios de sí misma es para poco, e por poca cosa se mueren, o se ausentan e van al monte; porque su principal intento (e lo que ellos siempre habían antes de que los cristianos açá pasasen), era comer, e beber, e folgar, e lujuriar, e idolatrar, e ejercer otras muchas suciedades bestiales (FERNÁNDEZ DE OVIEDO, v. 1, p. 95).

[...]

Estos indios, por la mayor parte de ellos, es nasción muy desviada de querer entender la fe católica; y es machacar hierro frio pensar que han de ser cristianos, sino con mucho discurso de tiempo, y así se les ha parecido en las capas, o mejor diciendo, en las cabezas; porque capas no las traían, ni tampoco tienen las cabezas como otras gentes, sino de tan rescios e gruesos cascos, que el principal aviso que los cristianos tienen cuando con ellos pelean e vienen a las manos, es no darles cuchilladas en la cabeza, porque se rompen las espadas. Y así como tienen el casco grueso, así tienen el entendimiento bestial y mal inclinado (FERNÁNDEZ DE OVIEDO, v. p. 111).

Percebemos que os indígenas do novo mundo são considerados “bestas” para o cronista oficial das Índias (o que nos recorda a Muñoz Camargo quando compara alguns indígenas da província de Tlaxcala com “animais irracionais”) (1984, p. 77). E a razão principal de seu desprezo tem relação com sua condição de idólatra. Dessa maneira, da mesma forma que Muñoz Camargo, Oviedo demoniza o espaço americano: “*Ni es de maravillar que los indios estén metidos en los otros errones que he dicho, ni que incurran en otros más los que desconocen a su Dios Todo poderoso y adoran al diablo en diversas formas e ídolos, com en estas Indias es costumbre entre estas gentes*” (FERNÁNDEZ DE OVIEDO, 1959, v. 1, p. 123).

Assinala em sua obra: “*Mas a mi parecer[...] digo que en aquestas nuestras Indias, justo es que se tenga e afirme que fué predicada en ellas la verdad evangélica[...] estos indios ya tuvieron noticia de la verdad evangélica y no pueden pretender ignorancia en este caso*” (FERNÁNDEZ DE OVIEDO, 1959, v. 1, p. 125). Com base nesta premissa, Fernández de Oviedo responsabiliza os indígenas de sua própria destruição já que, ao esquecerem os ensinamentos da verdade evangélica, caíram no abismo da escuridão do demônio e que, pelos seus vícios e pecados, seriam aniquilados. O espanhol não é senão um instrumento da ira divina. Gonzalo Fernández de Oviedo concede o direito ao espanhol de ser o *flagellum* do indígena e aniquilá-lo pelos seus “pecados” e “vícios” (VELAZCO, 2003. p.187).

Essa linha argumentativa é a chave para legitimar a empresa espanhola no contexto do século XVI. Fernández de Oviedo é um representante da historiografia imperial que busca legitimar a empresa das Índias. A demonização que faz do Anahuác faz parte da guerra cultural que empreende a monarquia católica para justificar sua presença no novo mundo. Diego Muñoz Camargo insere-se nesta linha de pensamento. Ambos convertem-se em intérpretes da realidade física do Novo Mundo, enfim, ambos são servidores da Coroa espanhola. Michel de Certeau descreve o século XVI como um momento chave em que se inicia um trabalho historiográfico ao serviço do príncipe. Afirma que, antes a função da historiografia era providencialista, ou seja, uma história sujeita a interpretações do divino. Contudo, a partir do século XVI (a partir de Maquiavel, exemplo que dá Certeau do novo historiador) faz-se, fabrica-se a história em benefício do Estado (1982, p. 6-11). Com esta tendência é que devemos entender o discurso etnográfico de Muñoz Camargo.

Ademais, outro aspecto relevante, no contexto do século XVI, parece vinculá-los ainda mais: Oviedo era proveniente de família de cristãos novos (BALLESTEROS GABROIS, 1986, p.13). O desenvolvimento de seu exaltado sentimento imperial poderia ser uma amostra de querer erradicar toda suspeita de sua ortodoxia religiosa; Muñoz Camargo, como mestiço portava sangue idólatra em suas veias. Ambos mostram um extremo *“españolismo que bien pudiera tener como marco de referencia el estatuto de limpieza de sangre”* (VELAZCO, 2003, p. 191). Muñoz Camargo guarda um obstinado silêncio sobre sua herança de sangue tlaxcalteca. Na dedicatória de sua obra a Felipe II escreve que *“él ha sido un hombre nacido en aquel nuevo orbe”* (1984, p. 33). Como a dedicatória foi escrita em Madri, entende-se que se refere ao México. Em toda sua obra o sujeito discursivo apresenta-se como “nosotros”, os “españoles”, os “indígenas”. Vejamos alguns exemplos: *“es muy diferente el modo suyo al n[uest]ro”* (1984, p. 78); *“peleaban por sus escuadrones, apeñuscados, y no por la orden n[uest]ra”* (1984, p. 137); *“Tenían los naturales desta tierra por costumbre”* (1984, p. 35). Desse modo, Muñoz Camargo constitui-se em um autor espanhol que nega sua herança indígena.

O discurso etnográfico de Muñoz Camargo tem suas raízes na historiografia imperial espanhola como vimos ao compará-lo com Gonzalo Fernández de Oviedo, cronista oficial das Índias. Neste discurso, Muñoz Camargo expressa-se como um autor espanhol que produz, discursivamente, a alteridade (o indígena) como um ser desvalorizado culturalmente. Muñoz Camargo demoniza o espaço indígena e seus habitantes em virtude de sua alegada origem judia e de suas práticas idólatricas, conforme assinalado. Nosso cronista afirma o projeto imperial da Coroa espanhola que tenta consolidar-se impondo uma fé, uma língua, uma cultura. É como

aponta Étienne Balibar, “*se configura un discurso que busca purificar el cuerpo social y legitimar políticas de exclusión*” (1991, p.17).

Além disso, sendo representante dos interesses dos notáveis de Tlaxcala, Muñoz Camargo reinterpreta a história da conquista do México para projetar aqueles como sócios do conquistador na empreitada bélica. A mudança da fórmula da “conquista” militar de Tlaxcala a uma Tlaxcala “convertida” pelo colóquio em que Cortés persuade os líderes indígenas a adotarem a religião cristã, não é senão uma reinterpretação da história com o claro propósito de produzir fenômenos de acomodação social e político na nova ordem colonial. Logo, o discurso historiográfico camarguiano assume a forma de uma “*relación de méritos y servicios*” (VELAZCO, 2003). Trata-se de defender os privilégios de Tlaxcala com base em sua ajuda militar ao exército de Cortés. Pressupomos que foi solicitação dos notáveis de Tlaxcala a inserção deste discurso no marco de sua obra.

O discurso historiográfico da obra camarguiana articula, pois, a voz da elite indígena subalterna que se vê dia-a-dia desalojada de sua antiga condição de mando e hegemonia.

2.2 Hernando Alvarado Tezozomoc: Crónica Mexicana

Para entendermos um pouco mais a respeito da **Crónica Mexicana** é importante acompanhar o caminho percorrido pelas cópias do manuscrito ao longo dos séculos. Segundo Manuel Orozco y Berra, a primeira menção aos escritos de Tezozomoc é do século XVII, e consta de uma das obras de D. Carlos de Singuenza y Góngora. Segundo o relato do historiador e político Lucas Alamán y Escalada (1792 – 1853), consta em uma das obras de Singuenza a observação acerca da inundação de Tenochtitlán, informação que este teria tomado dos escritos de Tezozomoc. O manuscrito da obra fazia parte de sua biblioteca, apesar de não sabermos com precisão se tal manuscrito era o próprio original de Tezozomoc ou se tratava de uma cópia.

Sabe-se que, mais tarde, a biblioteca deste escritor foi doada ao Colégio Máximo de San Pedro y San Pablo dos jesuítas, onde, segundo, Orozco y Berra, Clavigero teria manipulado o manuscrito, conforme o atesta na citação a seguir: “*Fernando de Alvarado Tezozómoc, indio mexicano. Escribió en español una Cronica Mexicana hacia el año de 1598, que se conservaba en la misma libreria de Jesuítas*”. (OROZCO Y BERRA, 1975, p. 152).

Segundo Orozco y Berra, uma outra menção ao manuscrito é feita pelo padre Juan José de Eguiera y Eguren. Este, em sua obra Biblioteca Mexicana relata, em 1750, haver oito cópias do

manuscrito de Tezozomoc na biblioteca Real e Pontifícia Universidade do México, cópias que teriam sido resgatadas da biblioteca do colégio jesuíta, quando da expulsão destes do México.

O reaparecimento da **Crónica Mexicana** deu-se através das mãos do colecionador Lorenzo de Boturini Benaduci, nos anos anteriores a 1773, quem dá a seguinte notícia acerca do documento: “*Cronica Mexicana en papel europeo, escrita en lengua castellana por Don Hernando de Alvarado Tezozomoc cerca del año de 1598 y contiene 112 capitulos, desde la gentilidad, hasta la llegada del invicto Don Fernando Cortes a aquellas tierras*” (OROZCO Y BERRA, 1975, p. 153). Quando foi preso, em 1773, boa parte de sua biblioteca tinha passado às mãos de Mariano Veytia, que ao ter acesso ao manuscrito realizou uma cópia.

Mais tarde, o governo espanhol mandou reunir documentos e materiais com o intuito de formar um volume sobre a história das possessões na América. Foi então expedida uma ordem ao México para que fossem feitas cópias destes documentos para serem encaminhados à Espanha. Em 1790, essa tarefa foi delegada ao franciscano frei Francisco de Figueroa, quem, em 1792, apresentou uma coletânea intitulada “*Memórias para la Historia Universal de la America Septentrional, que por el año de 1792, que se depusieron, extractaron y arreglaron en este Convento grande de N. S. P. S. Francisco de Mexico*” (OROZCO Y BERRA, 1975, p.154)

Segundo Orozco y Berra, esta coletânea constava de 32 volumes, dos quais teriam sido feitas três cópias. A primeira cópia teria sido remetida à Espanha, à Biblioteca da Real Academia de História de Madri; o segundo exemplar teria sido entregue à secretaria do Vice-reinado, passando para o Arquivo Geral do México após a independência; e por fim, o terceiro exemplar teria ficado sob os cuidados da biblioteca do Convento de São Francisco. A obra de Tezozomoc ocupa, nesta coletânea, o volume de número XII, e aparece sob o título de *Crónica Mexicana*, por d. Fernando Tezozomoc.

Sabe-se que apenas quatro cópias sobreviveram: a de Veytia e as três cópias realizadas pelo frei Francisco de Figueroa, das quais, e segundo Orozco y Berra, sabe-se que o primeiro tomo, que se encontrava na biblioteca da Real Academia, acabou sendo vendido, publicamente, nos Estados Unidos. Por outro lado, a primeira publicação da obra de Tezozomoc foi feita juntamente, com a coletânea de documentos intitulados *Antiquities of México* em 1848 por ordens de Lorde Kingsborough da Inglaterra. Segundo Orozco y Berra, a *Crônica Mexicana* consta no tomo IX, desta coletânea, sob o título de **Crónica Mexicana** por Don Fernando Alvarado Tezozomoc. Comenta ainda que, no ano de 1848, a **Crónica Mexicana** era conhecida por alguns estudiosos mexicanos através das cópias que sobreviveram em arquivos mexicanos, e não pela coletânea de Lorde Kingsborough.

A obra que analisamos, nesta pesquisa, é cópia de uma edição de 1878, resultado da comparação das diferentes cópias que haviam sobrevivido no México. Manuel Orozco y Berra comenta que havia cópias em mãos do Sr. Garcia Icazbalceta e do Sr. Alfredo Chevro, como também existia uma cópia na Archivo General, conforme consta da citação a seguir.

Hasta aquí el Sr. García Icazbalceta. La copia dada por nosotros a la estampa se hizo directamente de la del Archivo General; confrontóse con el ejemplar de nuestro amigo el Sr. Lic. D. Alfredo Chavero, al mismo tiempo que con la del Sr. García. La nuestra y la de Chavero resultaron conformes, fuera de las pequeñas faltas debidas a la incuria de los copiantes. Mayores fueron las discordancias entre nuestro manuscrito y el del Sr. García, pues consistieron no solo en la variación de los nombres mexicanos (teniendo en cuenta la corrección del Lic. García), sino en saltos ó lagunas, ya en el uno, ya en el otro libro. Explicamos esto porque el MS. del Sr. García Icazbalceta proviene de la Colección de San Francisco, según consta por estas palabras: “Se sacó esta copia para el Archivo de este Convento de N. P. S. Francisco de México el año de 1792, por el P. Fr. Manuel de la Vega”. No hemos tocado el texto; dejamos las frases cual las hemos encontrado, atreviéndonos solo, en algunos casos, a llamar la atención acerca de la oscuridad del concepto. No permitimos a veces cambiar la puntuación, en donde no podía variar el sentido, advirtiendo esto a los lectores para ayudarles en sus interpretaciones. Ninguna superchería en cambios, aumentos o mutilaciones (OROZCO Y BERRA, 1975, p. 159).

É importante ressaltar que utilizo o manuscrito publicado em 1975 pela Editora Porrúa, e que é uma edição fac-similar na íntegra da versão de 1878 realizado por Manuel Orozco y Berra. Nesta edição de 1975, a **Crónica Mexicana** é dividida em 110 capítulos que apresentam uma narrativa contínua e linear tanto no aspecto temporal como espacial, escrita em espanhol, ao invés do *nahuátl*.

No que se refere à estrutura da obra, podemos notar algumas características de estilo, principalmente no que tange às dificuldades enfrentadas pelo autor na tentativa de traduzir e organizar a memória dos mexicanos dentro dos padrões europeus. Assim, Orozco y Berra afirma:

Preciosísima nos parece la Crónica Mexicana. No es esto decir esté exenta de defectos. El lenguaje es rudo, desaliñado; a veces las locuciones son forzadas y oscuras, a veces faltan palabras para completar el sentido; frecuentemente se ven empleadas las voces en acepciones diversas de las que les corresponden. Parece evidente que el autor lucha contra la dificultad de expresar sus pensamientos, concebidos em lengua nahoa, en outro idioma que no le es tan conocido y familiar [...](OROZCO Y BERRA, 1975, p. 159).

Outra característica que marca a estrutura da obra de Alvarado Tezozomoc é a sua oralidade. A **Crónica Mexicana** pertence à família de textos que, segundo a opinião geralmente aceita, se deriva de um hipotético manuscrito escrito em *nahuátl* de 1536-39 acompanhado por

pinturas, intitulado como **Crónica X**²³, (Robert Barlow foi autor dessa hipótese²⁴). As semelhanças entre a **Crónica Mexicana** e a **Historia de las Indias de Nueva España y Islas de Tierra Firme** do frei Diego Durán fez Barlow supor que a **Crónica X** foi a fonte primária destes textos já que contém informação que não aparece em outros escritos que se afiliam a esse grupo, tais como: o **Códice Ramírez**, o **Manuscrito Tovar** e a **Historia natural y moral de las Indias** de José de Acosta (Libro VII). Desse modo, Barlow pensou que esses três últimos eram uma espécie de versões abreviadas da fonte primária e que em lugar de cinco fontes diferentes deveria pensar-se, somente, em uma. Contudo, Stephen A. Colston (1973) clarificou as teses de Barlow argumentando que a fonte comum de Alvarado Tezozomoc e do frei Diego Durán, a **Crónica X**, não foi somente um documento, mas também uma tradição oral. Colston chega a essa conclusão seguindo o mesmo método de Barlow, só que em lugar de fixar as semelhanças entre as duas obras, concentra-se nas numerosas variantes: “*Had the two chroniclers used the same document or two copies of a parente document, one would not expect the considerable variances in the narration of the Historia and the Crónica Mexicana[...]*” (1973, p. 36). Colston pensa que Durán teve acesso a uma versão escrita da **Crónica X** que o religioso nomeou como *Historia mexicana*, a qual disse traduzir ao pé da letra. Por outro lado, expressa que Alvarado Tezozomoc consultou outra versão escrita em *nahuátl* ou transcreveu diretamente o testemunho oral de um informante: “*whether imparted orally or in written form, whether from the mouth or pen of same individual, the historia mexicana and the major source of tezozómoc, while not identical, most probably derived ultimately from the same oral historical tradition[...]*” (1973, p. 37). Nesse sentido, além de simplesmente traduzir um documento do *nahuátl* ao espanhol, Alvarado Tezozomoc fixa em caracteres latinos uma história oral em sua obra.

A crônica de Alvarado Tezozomoc articula-se em uma série de diálogos: escutamos a voz dos antigos mexicanos em todo período de construção do “império” mexicano: a nomeação do *huei tlahtoqueh* e suas honras fúnebres, suas declarações de guerra e seus armistícios; escutamos a voz dos vencidos nas guerras e os cantos de lamentação pelos mortos ou prisioneiros na *yaoxóchitl* ou “guerra florida”. Por isso, a obra de Alvarado Tezozomoc é uma “*diegésis oralizada*”, ou, por assim dizer, um “discurso narrativizado”. Não veremos o gesto e a dança, não escutaremos a música, não escutaremos os instrumentos musicais como o *huehuetl* ou o *teponaztli*

²³ Ver: José Rubén Romero Galván La crónica X. In: José Rubén Romero Galván (coord.), **Historiografía mexicana, volumen I, Historiografía novohispano de tradición indígena**, México, Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones históricas, 2003, 306 p., p. 185-195.

²⁴ Ver BARLOW, R. H. 1945. La crónica X: versiones coloniales de la historia de los mexicas tenochca. **Revista mexicana de estudios antropológicos**. 7: 65-87.

que acompanham os cantos antigos, mas poderemos “oír” no texto de Alvarado Tezozomoc a voz dos atores mexicanos (VELAZCO, 2003, p. 210).

A obra de Alvarado Tezozomoc é, para usar o termo cunhado por Susana Jákfalvi-Leiva, uma “*crónica oralizante*” (1993, p. 259) que dá sustentação à poderosa tradição oral do “império” mexica. Vejamos abaixo um exemplo da tradição oral da crônica de Alvarado Tezozomoc:

*Después de haber comenzado año nuevo, por ellos [los sacerdotes] les habló Huizilopochtli: alzad y sarzo y caminemos, que cerca de aquí descansaremos otra vez, habiendo desaparecido y secado el lago, los árboles y plantas que allí habían plantado, quedando algunos árboles y Cú que habían hecho para su Dios, y así llagaron al pueblo que es ahora de tula, **que según otros dicen**, habían estado [...] (TEZOZOMOC, 1975, 278; grifo meu).*

Na frase grifada, **que según otros dicen**, nas palavras de Rubén Romero Galván:

*corresponde al anuncio de una interpolación que el autor se permite para dejar en claro que existe una tradición distinta, que se podría considerar extraña a la mexica. Del ahí el afirmar que son ‘otros’ los que dicen que el grupo migrante ya había estado en tula. Si bien es cierto esta información que se introduce no caracteriza por estar expresado con mayor detalle, es evidente que reviste cierta importancia en el relato, pues de no ser así el autor no habría aludido a ella. Por otro lado el uso de la expresión “dicen” **denota sin lugar a dudas que se está recurriendo a un testimonio guardado en la memoria y transmitido oralmente** (GALVÁN, 2003; grifo meu).*

Basicamente, a narrativa de Alvarado Tezozomoc compreende dois momentos. O primeiro narra a saída dos mexicas de Aztlán e a sua migração até a chegada ao planalto mesoamericano. Uma das características desses acontecimentos são as constantes referências ao deus supremo mexica Huitzilopochtli, quem, através de suas promessas, estabelece um diálogo constante com aquele povo. Através dessas promessas revela-se a predestinação dos mexicas, que ao fim da migração haveriam de estabelecer-se em um local no qual permaneceriam, definitivamente. Também transparece através das promessas a certeza de que os mexicas haveriam de se tornar guerreiros que subjugariam outros povos. Antes do estabelecimento no local definitivo e ao longo da jornada de migração os mexicas passariam por diversas “provações”, que os moldariam como povo guerreiro capaz de se imporem perante os outros povos. Essa narrativa consiste em estabelecer os instrumentos de legitimidade através de uma memória de origem dos mexicas.

Num segundo momento, Alvarado Tezozomoc relata o início das alianças e guerras promovidas pelo mexicas, abordando aspectos da vida cotidiana, principalmente aqueles que se referem à formação da elite mexica. É neste contexto da narrativa que são privilegiadas todas as questões relacionadas à origem da nobreza indígena, tais como sua função na guerra, a construção

de alianças através de casamentos, a eleição do *tlatoani* e o surgimento de uma linhagem a partir de Itzcoatl²⁵. Todos estes aspectos são privilegiados na narrativa, assim como são detalhadas outras minúcias dos membros desta nobreza, principalmente aquelas que se referem a seu papel e importância na manutenção do “império”. O autor também relata as relações entre Tenochtitlan e os povos subjugados, os pagamentos de tributos e a relação com as outras nobrezas indígenas.

Percebemos que, neste momento, Alvarado Tezozomoc não está mais focado na relação direta com Huitzilopochtli, verificamos a saída da esfera da cosmogonia para tratar da esfera dos sujeitos. Enfim, o autor finaliza a narrativa do percurso tortuoso de imigração guiado por Huitzilopochtli, para começar uma narrativa que recupera uma cronologia construída sobre figuras individuais pertencentes à nobreza indígena.

Desse modo, temos a construção da **Crônica Mexicana** alicerçada em diferentes mecanismos que geram a legitimidade e o sentido do que é narrado. O mecanismo de legitimação tem como base a figura de Huitzilopochtli, que estabelece um pacto com os mexicanos. Este acordo é o elemento que justifica a presença mexicana no vale do Anahuác, e, posteriormente, serve para justificar e glorificar a expansão mexicana. Assim, a realização da promessa de Huitzilopochtli justifica o papel desempenhado pela elite mexicana, da mesma forma que legitima seu poder e *status quo* social dentro da sociedade colonial, pois permite reescrever a memória de maneira a glorificar o seu passado. Um segundo mecanismo aparece quando da saída de Huitzilopochtli da narrativa, que então passa a ser focada nas figuras individuais dos *tlatoques*, ou seja, na esfera dos principais, entre os mexicanos, agentes da história que está sendo narrada. É a partir desta mudança que toda a predestinação dos mexicanos começa a se realizar, o que demonstra que a narrativa de origem compõe, dá sentido, ordena e justifica toda a narrativa posterior em torno da segunda parte da promessa.

A necessidade de buscar nas origens das coisas um ponto que legitime aquilo que a narrativa tecer no seu relato equivale à necessidade de se recorrer ao passado para legitimar, justificar e impor um dado discurso sobre a memória que atende, necessariamente, ao contexto em que é produzido o discurso:

Los acontecimientos y lugares transformados en origen adquieren, a la vez, un significado y una trascendencia nueva, convirtiéndose en fundamento y razón de lo que vienes después. El origen, de esta manera, se preña de significados simbólicos y de premoniciones. Se convierte así en un punto de referencia

²⁵ Seu reinado teve início em 1427 d.C e durou até 1440 d.C. Foi nesse período em que a sociedade mexicana sofreu uma série de mudanças patrocinadas pelo Estado. Ainda que haja discordâncias entre os pesquisadores, acredita-se que esta espécie de reforma ideológica tenha sido promovida por um conselheiro de Estado chamado Tlacaélel, sobrinho de Itzcoatl. (ARCURI, Márcia. **Os sacerdotes e o culto oficial na organização do Estado mexicana**. Tese de doutorado. USP/MAE, 2003).

necesario para la definición e la indentidad (NAVARRETE LIÑARES, 2000, p.1).

A **Crónica Mexicana**, enquanto função ideológica, possui em sua narrativa uma resposta ao contexto histórico e seu significado, forma e signo são o fundamento de sua própria historicidade. A partir desta, podemos entender que em diferentes épocas as grandes narrativas de um povo possuem diferentes significados e que esses legitimam sua função dentro dos diferentes contextos históricos de uma sociedade. O que em nenhum momento coloca em xeque seus sentidos de verdade, mas que os problematiza como próprios de uma historicidade e sociedade, ao mesmo tempo em que podemos entender as traduções pelo viés, desta mesma lógica.

Alvarado Tezozomoc escreve sobre o nascimento, consolidação e o fim do “império” mexicano, e nesta perspectiva visualiza a evolução cultural dos mexicas, com grande apego à história oficial desta população,

la que se desprende de le tradición histórica de la Crónica X, a la que superpone una voz cristiana que no anula las voces mexicanas que actualizan su esplendoroso pasado[...] No obstante Alvarado Tezozomóc censure y condene los sacrificios humanos, su historia sigue siendo azteca. Es decir, no es Tlacaélel, o ideólogo del estado mexicana, nos es Motecuhzoma, el huei tlahtoani que gobierna México-Tenochtitlan a la llegada de los españoles, quien anatemiza las occisiones rituales a lo largo relato: es o cronista en su función de narrador (VELAZCO, 2003, p. 199).

Em sua obra, Alvarado Tezozomoc cria um espaço de poder discursivo em que se rememora a guerra sagrada como pilar da identidade mexicana, a grandeza do *mexicáyotl* (a essência cultural da nação mexicana), a fim de resgatar o antigo poderio mexicano. A função política de Alvarado Tezozomoc é exatamente recuperar essa tradição. Contudo,

en un momento en que se hace sospechoso todo intento de actualizar la memoria indígena, un discurso de esta naturaleza no era viable si no se conformaba con la ortodoxia cristiana, por una parte; por la otra, la superposición de la voz cristiana que se escucha junto con las voces de los actores mexicanos y que pertenece a Alvarado Tezozomóc puede verse como una estrategia para acomodarse en el nuevo orden colonial (VELAZCO, 2003, p. 200).

Dessa forma, o cronista ilustra o processo de formação de um sujeito culturalmente híbrido. A pessoa discursiva que expressa na **Crónica Mexicana** e a pessoa histórica de Alvarado Tezozomóc convergem-se na construção de uma nova identidade. Para esclarecermos este aspecto, revisaremos, em linhas gerais, as escassas notícias que dispomos sobre Alvarado Tezozomoc.

O autor da **Crônica Mexicana** foi um nobre indígena do México colonial que pertencia aos estratos mais altos da antiga elite governante indígena. A **Crônica Mexicana** foi escrita em espanhol, mas apresentando elementos da tradição mexicana. Esta característica demonstra que Tezozomoc conhecia a tradição indígena e que teria pertencido à elite indígena, como também tinha conhecimento do espanhol, o que indicaria que tinha freqüentado alguma instituição de ensino estabelecida pelas primeiras ordens religiosas que desembarcaram na América. Estes dois aspectos nos permitem afirmar que Tezozomoc pertenceu à nobreza mexicana, pois nos primeiros anos somente os filhos da elite podiam passar pelas salas de aula das instituições de ensino. Por outro lado, a estrutura narrativa da crônica gira em torno de um personagem central: a elite mexicana, o que permite reforçar a tese de que Tezozomoc teria pertencido a esse grupo étnico específico.

Considerando como data de referência 1598 e os dados que constam na Crônica Mexicana de que Tezozomoc teria aproximadamente 78 anos em tal data, podemos afirmar que o mesmo pertenceu à última geração de descendência direta – social e cultural – da elite mexicana dos tempos pré-hispânicos, igualmente aos primeiros alunos que se formaram nos colégios ligados às ordens religiosas e os primeiros informantes. Foram estes indígenas que construíram toda uma rede de relações de inserção social no período da pós-conquista, e que permitiu a aproximação resultando em uma série de transformações nas duas culturas. As relações culturais na época dessa primeira geração teriam sido diferentes das vivenciadas pelas gerações posteriores, já que com o tempo acabou consolidando-se num certo arranjo nas relações culturais e sociais. Esta teria sido a última geração a construir nexos lingüísticos e simbólicos entre as duas culturas. Nosso cronista nasceu, aproximadamente em 1525-1530 (GARIBAY KINTANA, 1971, v. 2, p. 301), desempenhando uma posição de intérprete na Audiência Real. Como pertencia à dinastia dos reis mexicas foi chamado em algumas ocasiões para figurar em cerimônias públicas (LOCKHART, 1999, p. 389). Seu pai, don Diego de Alvarado Huanitzin, foi governador do México-Tenochtitlan (1539-1542), cargo que não foi ocupado pelo seu filho.

Sabemos que os destinatários da crônica seriam os europeus e a elite indígena mais próxima, pois apenas eles possuíam o repertório necessário, tanto no espanhol como o dos elementos simbólicos, para a leitura dos códigos nela inscritos. Não podemos supor que bastasse ao leitor ser somente membro da nobreza indígena, já que além de conhecer e entender o espanhol e os elementos simbólicos da tradição pré-hispânica havia necessidade de compreender outro código compartilhado²⁶, aquele do cristianismo. Ao longo da crônica percebemos um autor que

²⁶ Aqui entendido como acordos lingüísticos, conceituais e simbólicos que permitem o diálogo no encontro entre duas culturas (FUKUNAGA, 2008).

assume o papel de narrador ausente, pois a mesma desenvolve-se em função dos seus personagens, os *tlatoques*, os valorosos guerreiros e os deuses quem narram a trajetória dramática e gloriosa dos mexicas. Entretanto, há alguns momentos em que Alvarado Tezozomoc interrompe o relato e interfere na narrativa, como por exemplo, quando comenta que Huitzilopochtli é o *diablo* ou demônio confinado em uma crença do passado, ou quando marca uma diferenciação ao falar da religião como na expressão *su Dios*. O autor estabelece um código compartilhado não somente com os europeus, mas acima de tudo com aqueles indígenas que estavam familiarizados com a disposição de um altar adornado com santos, ou mesmo que se reconhece dentro de uma coletividade singular da catequização. É a partir dessa singularidade que reconhecemos um universo simbólico, totalmente novo, pois ser indígena e recuperar esta tradição pré-hispânica não quer dizer que não possa também ser cristão.

A etnia de Alvarado Tezozomoc – um indígena pelos “quatro lados” (GALVÁN, 2003) – não parece representar nenhum problema para que o historiador aceite a nova religião imposta no México colonial, no início da conquista, nem para que atualize a memória do passado mexica com fidelidade à tradição histórica em que se situa. Estamos na presença de um nobre cristão, alguém que agrupa a herança histórica de sua comunidade (códices e a tradição oral) inserindo caracteres alfabéticos para um destinatário não indígena. Nesta perspectiva, poderíamos assinalar a tensão bilíngüe que marca a crônica de Alvarado Tezozomoc: “*por cuanto que la apropiación de la lenguaje cristiano con que censura la antigua religión está determinada por la imposición de la nueva cultura dominante*” (VELAZCO, 2003, p. 205). Temos que admitir que existe uma ambigüidade: estamos na presença de uma estratégia discursiva calculada para que facilite a recepção da obra de Alvarado Tezozomoc, um autêntico cristão que condena as práticas religiosas e seus antepassados, certamente, convencido de que elas eram um produto do erro idolátrico. Em outras palavras, Alvarado Tezozomoc mostra a história oficial mexica com relação a uma das características essenciais dessa população: a prática sacrificial da guerra sagrada. Contudo, esta atualização da memória histórica do México-Tenochtitlan, constantemente está sendo questionada pelo narrador que mostra ostensivamente uma ortodoxia cristã.

A memória construída por Alvarado Tezozomoc em um período de indefinições resultantes da conquista de Tenochtitlan pelos espanhóis, não somente permite entender como eram as tradições mexicas, mas também leva a redimensionar a posição social dos mexicas, elevando-os à categoria de grandes guerreiros e conquistadores. Dessa maneira, a crônica propõe o reconhecimento destes como grandes senhores do México, como tinha sido prometido por Huitzilopochtli. Tal reconhecimento, construído através de uma narrativa glorificante de grandes fatos, que deixa de lado aqueles que não contribuiram para tal propósito, indica a proximidade

deste estilo de escrita com o dos cronistas ibéricos, e resguarda uma determinada memória com o passado oficial desses povos.

A construção da memória operada por Tezozomoc não foi feita ao acaso. O seu texto é uma forma de diálogo entre a memória de um passado dos povos conquistados pela coroa espanhola que responde ao interesse dos espanhóis de conhecer a cultura dos conquistados, como também ao desejo de preservar a posição social de um determinado grupo. Seria a construção de uma memória que justifica a relação entre a nobreza mexicana e seu conquistador, destacando o importante papel da primeira na manutenção e funcionamento da estrutura do “império mexica”. É na demonstração da importância da nobreza para o funcionamento do “império” que se revela a intenção do autor de demonstrar também que as alianças e a supremacia de Tenochtitlan garantiriam o funcionamento da própria administração colonial (GALVÁN, 2003)

Para ilustrarmos o que foi exposto abordaremos na crônica de Tezozomoc o episódio do nascimento de Huitzilopochtli no cerro de Coatepec, momento extremamente importante para os mexicas, já que foi neste contexto que escolhem a guerra sagrada (oferenda de corações humanos a Huitzilopochtli) como meio para alcançar a supremacia, na mesoamérica.

De acordo com a história sobre a origem dos mexicas, sabemos que esse povo abandona seu lugar de origem (Aztlán) para empreender uma longa peregrinação para o altiplano central mexicano. A migração dura mais de duzentos anos: *“las fechas tradicionales que se dan para la salida de Aztlán son 1111 y para la fundación de Tenochtitlan 1325 o 1345 de nuestra era”* (DAVIES, 1973, p. 8). Os mexicas, instalados ao redor do lago Texcoco pagando tributos a Azcapotzalco, adotam, paulatinamente, os modos culturais dos povos agrícolas que se encontram no Anáhuac. Em outras palavras, passam de uma condição de nômades (caçadores e coletores) para uma plenamente sedentária. Depois da fundação de Tenochtitlan, a terra prometida por Huitzilopochtli, os mexicas, unidos com o exército de Nezahuacóyotl, vencem, em 1428, os tepanecas. A partir daí iniciam sua brilhante carreira expansionista. Porém, antes de se fixarem em Tenochtitlan os mexicas peregrinaram por diferentes lugares. Uma dessas localidades geográficas que Huitzilopochtli escolhe para fazer um ensaio daquilo que seria a vida na terra prometida é a região de Coatepec. O acontecimento mais importante desse lugar foi o nascimento ou renascimento de Huitzilopochtli. Antes de ser divinizado, Huitzilopochtli foi uma espécie de dirigente religioso que guiou os mexicas durante o processo de migração. Escreve frei Bernardino de Sahagún: *“A este hombre que por su fortaleza y destreza en la guerra le tuvieron en mucho los mexicanos cuando vivía, después que murió le honraron como a Dios y le ofrecían esclavos, sacrificándolos en su presencia”* (1956, p. 37). Dessa forma, Huitzilopochtli foi um guia, com grandes qualidades de um guerreiro, que passa a ser deificado. O que se celebra em Coatepec é o

nascimento Huitzilopochtli como o deus protetor dos mexicas. Vejamos a versão de Sahagún para logo depois compará-la com a de Alvarado Tezozomoc.

A história que é, claramente, mítica foi contada a frei Bernardino de Sahagún por seus informantes indígenas e se encontra no livro III de sua obra **Historia general de las cosas de Nueva España** (capítulo 1). Podemos resumi-la da seguinte forma: Na serra denominada de Coatepec, juntamente ao povo de Tula, vivia uma mulher chamada Coatlicue, mãe de alguns indígenas que se chamavam Centzonhuitznahuah. Um dia em que Coatlicue estava fazendo penitência “*le pasó lo siguiente: andando barriendo, descendióle una pelotilla de pluma, como ovillo de hilado, y tomóla y púsola em el seno junto a la barriga, debaxo de las naguas. Y después de Haber barrido, quiso tomar, y no La halló, de que dicen se empreño*” (1956, p. 202). E quando vieram seus filhos, os Centzonhuitznahuah, encontraram sua irmã chamada Coyolxauhqui, que lhes dizia: “*hermanos, matemos a nuestra madre, porque nos infamo, habiéndose a hurto empreñado*” (1956, p. 202). Quando Coatlicue intera-se dos planos de seus filhos, entra em pânico; seu filho, Huitzilopochtli, ainda em seu ventre diz: “*No tengáis miedo, porque yo sé lo que tengo que hacer*” (1956, p. 202). Quando estão a ponto de matar sua mãe, Huitzilopochtli nasce armado para enfrentá-los e salvar sua mãe. Também usa como arma uma

culebra hecha de teas que se llamaba xiuhcōatl, la serpiente de fuego con la que decapita a Coyolxauhqui y da muerte a muchos de los Centzonhuitznahuah, quienes no se pudieron defender ni valer contra el dicho Huitzilopochtli, ni le hacer cosa ninguna. Y así fueron vencidos[...](SAHAGUN, 1956, p. 204).

Assim foi o nascimento de Huitzilopochtli de acordo com a versão de Sahagún.

Existe uma outra interpretação desse relato que é, geralmente, aceita: trata-se de um combate astral. Nesse sentido, escreve Walter Kricheberg:

Este es un mito típico del nacimiento del sol y de su lucha con la luna y las estrellas[...] el joven dios guerrero del sol tiene la forma del dios azteca de la guerra Huitzilopochtli, quien aparece disfrazado de colibrí (huitzitzilin) y quien gobierna sobre el punto cardinal de la izquierda (opchtli) es decir el sur. Como tantos otros héroes solares su madre Coatlicue, la diosa de la tierra, lo engendra quedando ella virgen, y le da luz en el Coatépetl (monte de la serpiente), es decir en el cielo. Completamente armado sale Huitzilopochtli del vientre de su madre, mata a los Huitznahua, las estrellas del cielo del sur que arrenetían contra él y destruye y despedaza a la hermana mayor de ellos, a Coyolxauqui la luna, con su arma la serpiente de fuego (el rayo de luz) (1971, p. 227).

No texto de Alvarado Tezozomoc o relato de Coatepec apresenta uma variante importante que devemos considerar aqui porque nos sugere que estamos na presença não somente de um enfrentamento do sol, da lua e das estrelas, mas também do nascimento da instituição do sacrifício

humano, ponto principal da ideologia militar mexicana. Abaixo, contaremos o que sucede em Coatepec segundo Alvarado Tezozomoc:

Los mexicanos, después de haber hecho, asiento, casas, buhiyos, su templo y Cú de su Dios, comenzaron á hacer casa y adoración de Huitzilopochtli[...] y así le pusieron como á manera de altar, de piedra grande labrada, su juego de pelota por nalgas, jugado y cercado como su juego que fue Huitzilopochtli, que se llama Itlach, sus asientos y agujero en medio, del grandor de más de una bola[...] luego el mismo dios Huitzilopochtli les habló a los mexicanos, quienes no lo veían, sino entendían lo que les hablaba; díjoles: Ea, mexicanos, ya es hecho esto, y el pozo que está hecho está lleno de agua, ahora sembrad y plantad árboles de sauces y ciprés de la tierra ahuehuatl, carrizo, cañasberales, tulares, atlacuezonauxóchitl, flores blancas ya amarillas que nacen dentro de la propia tierra. Y en el río que allí hallaron se multiplicaron muchos géneros de pescado, ranas, ajolotes, camarón, axaxayatl y otros géneros de animales[...] (1975, p. 228).

Contudo, a região de Coatepec não era a terra prometida que Huitzilopochtli tinha reservado para os mexicas; não obstante, para alguns mexicas, seguramente seduzidos por sua imagem de abundância e fertilidade, Coatepec tornou-se a meta final de seu itinerário, tomando a decisão de fazer deste território sua morada permanente. Aqueles que tomaram a decisão de não seguir em frente estão representados no texto de Alvarado Tezozomoc como sendo os Centzonhuitznahuah e Coyolxauhqui, figuras já citadas no relato de Sahagún. Esses personagens decidem rebelar-se contra a vontade de Huitzilopochtli ao oporem a continuar a viagem. E o deus os enfrenta: “*Qué decis vosotros[...] ¿Quereis ser mayores que yo, quereis aventajaros y ser mas que yo?*” (TEZOZOMOC, 1975, p. 229). Assim, Huitzilopochtli prepara-se para a guerra. A meia noite ataca, segundo Alvarado Tezozomoc:

Huitzilopochtli dixo: ya me comienzo á esforzar, que vienen sobre los Zentzon mapan [Centzonhuitznahuah], y sobre mí que soy Huitzilopochtli, que en el juego de pelota teotlachco comen a sus padres que mira, y devisa contra ellos una mujer llamada Coyolxauh, y en el propio lugar de Tlachco, en el agujero del agua que está en medio tomó Huitzilopochtli á la Coyolxauh, la mató, degolló y le sacó el corazón: amanecido otro día muy de mañana se vieron los Zentzonapas mexicanos todos los cuerpos agugerados, que no tenía ninguno de ellos corazón, que todos los comió Huitzilopochtli[...] (1975, p. 229)

Advertimos que Huitzilopochtli não só decapita Coyolxauhqui, como sucede a versão de Sahagún, mas também arranca o seu coração. Os Centzonhuitznahuah também são sacrificados. Depois de acabar com seus opositores ordenou aos mexicas a continuarem a viagem até à chegada ao lugar que seria mais tarde denominado Tenochtitlan, a verdadeira terra prometida.

Corroborando com o relato de Alvarado Tezozomoc, Diego Durán adverte que a morte de Coyolxauhqui e os Centzonhuitzahuah constituíam a inauguração da tradição dos sacrifícios para os mexicas, no contexto de sua emigração.

Cuentan que[...] allaron muertos á los principales movedores de aquella rebelión, justamente á la señora que dijimos se llamaua Coyolxauh, y á todos abiertos por los pechos y sacados solamente los coraçones, de donde se levantó aquella maldita opinión y seta de que Vitzilopochtli no comia sino coraçones, y de donde se tomó principio de sacrificar hombres y abrillos por los pechos y sacalles los coraçones y ofrecérselos al demonio y á su dios Vitzilopochtli (DURÁN, 1967, p. 26)

Do mesmo modo, para Miguel León Portilla, o episódio do jogo da pelota, o *tetlachco*, lugar onde são sacrificados Coyolxauhqui e os Centzonhuitznahua *“es una imagen del cielo y quienes ahí juegan representan a los distintos cuerpos celestiales”* (1992, p. 29); mas, como assinala o mesmo Portilla *“de este modo la victoria sobre Coyolxauhqui y los Huitznahua, sin perder su primera connotación de sentido astral, adquiere ahora la de un triunfo del dios de los mexicas y de su pueblo sobre sus enemigos”* (1992, p. 31-32)

Estamos diante de uma *“aztequización”* (VELAZCO, 2003, p. 224) de um mito mesoamericano que, como vimos, além de anular seu sentido cósmico sobrepõe um ingrediente inerente à ideologia mexica: sua concepção da guerra sagrada (imolar corações humanos para seu deus) como uma condição necessária para alcançar o seu destino. Assim, Coatépatl, o coração de Tenochtitlan, transforma-se em um espaço sagrado onde é recriado o mito primordial do nascimento de Huitzilopochtli e a instituição do sacrifício humano.

As operações bélicas dos mexicas, em companhia com os texcocanos e os tlacopenses, a Tríplice Aliança, tinham como finalidades essenciais a apropriação dos excedentes produzidos pelos povos conquistados. A consequência prática da guerra sagrada era obter o que Huitzilopochtli havia prometido aos seus fiéis: todo tipo de tributo: *“las finas esmeraldas, piedras de gran valor, oro, plata, fina plumería, preciadas colores de pluma, fino cacao de lejos venido, lanas de diversos tintes, diversas flores olorosas, diferentes maneras de frutas muy suaves y sabrosas, y otras muchas cosas de mucho placer y contento”* (TEZOMOC, 1975, p. 228-229). E, em troca de tributo, retribuição exigida pelo deus benfeitor dos mexicas é o sacrifício humano de seus inimigos, ou seja, o rito da execução de Coyolxauhqui e os Centzonhuitznahua. A guerra sagrada é, justamente, um mito de fundação da sociedade mexica conforme o relato que oferece Alvarado Tezozomoc.

Vejamos como o relato de Coatepec insere-se na vida cotidiana dos mexicas através do exemplo da guerra de Chalco, região que ao negar conhecer o deus Huitzilopochtli e não pagar

tributos foi chamada para um conflito. A disputa militar em que empreendeu a Tríplice Aliança contra a província de Chalco foi produto da negativa desta em participar como mão-de-obra na construção do templo maior dedicado a Huitzilopochtli. Passemos a ver esse episódio na **Crónica Mexicana**: Moctezuma Ilhuicamina, assessorado por Tlacaelel, decide fundar um grande templo a Huitzilopochtli para o qual solicita ajuda à província de Chalco “*hijos adoptivos*” do deus mexica. Chalco se nega a conceder o pedido dos mexicas como mostra as seguintes linhas o texto de Alvarado Tezozomoc:

Llegados los mensajeros á las casas de los señores de Chalco[...] que les favoreciesen para la edificación de su templo, con una poca de piedra pesada, tezontle, liviana, y con esto, y haberlo los mexicanos embajadores explicado á ellos la embajada con humildad, luego respondieron con grande enojo y soberbia, y dijeron: qué decis vosotros, mexicanos, que demos la piedra que piden? ¿Quién la ha de cortar? Nosotros somos principales y señores; ¿Hemos de tener y llevar ese trabajo? ¿Pues que no le pertenece eso a los mazehuales? (1975, p. 289)

Ante a negativa de Chalco a participar da construção do templo maior, desencadeia-se uma guerra sangrenta que é também um enfrentamento entre os deuses tutelares de cada *tlahcáyotl*: por um lado Huitzilopochtli, e por outro, Camaxtle. Os chalcas solicitam aos mexicas que a guerra inicie no dia em que eles celebram ao seu deus Camaxtle porque “*para entonces nos adornareis con vuestra sangre nuestro templo*” (1975, p. 293). Os mexicas contestam:

Nuestro Dios Huitzolopochtli[...] es más aventajado: y si ellos dijeron que con nosotros han de hacer todo eso, nosotros lo hemos de hacer con ellos; y no solamente su sangre, sino echados en el fuego de la guardia de nuestro Dios. Y empiezan las reñidas peleas en que mueren chalcas e mexicanos por igual. Al fin, las huestes de Huitzolopochtli triunfan en el año de 1465 (1975, p. 293).

Os chalcas são obrigados a pagar o tributo correspondente, e para Huitzilopochtli é oferecida uma grande cerimônia para sacrificar os prisioneiros da guerra. Assim é que o mito da fundação da guerra sagrada insere-se na vida cotidiana dos mexicas.

Desse modo, Alvarado Tezozomoc oferece em seu texto elementos que configuram uma consciência de uma identidade *mexicáyotl* (a essência cultural do povo mexica) ligada ao espaço do México-Tenochtitlan como a cidade sagrada de Huitzilopochtli, e a guerra sagrada como meio de obter hegemonia. A reconstrução histórica que efetua nosso cronista focaliza, essencialmente, as guerras do império mexicano que o levam ao auge do poder: Azcapotzalco, Xochimilco, Chalco, Tlatelolco, Tlaxcala, entre outras. Assim, seu relato é, sobretudo épico, onde constantemente aparecem os nomes de grandes guerreiros mexicas que colocam seus dotes

militares a serviço do seu deus tutelar. Sem importar em ser prolixo, Alvarado Tezozomoc refere-se com constância às jornadas épicas do “império” mexicano porque a “guerra florida” ou ritual, a *yaoxóchitl*, está concebida não só para angariar tributos ou bens materiais, mas também para a construção da consciência histórica de uma nação (SERAFIN, 1984).

Como demonstrado, a **Crónica Mexicana** é uma história imperial mexicana que traz o nascimento desse povo sob o culto de Huitzilopochtli. Ainda que, em sua maior parte, a história está contada pelos atores mexicanos – os “reis” *tlatoques*, os valentes guerreiros, o deus tutelar Huitzilopochtli, ou seja, importantes personagens do Anáhuac, -, Alvarado Tezozomoc, constantemente, intervém na narração para condenar os sacrifícios humanos e chamar Huitzilopochtli de demônio. Dessa forma, configura-se um texto em que há uma oposição de vozes. Para relatar o nascimento e a consolidação do “império” mexicano sob a proteção de Huitzilopochtli, Alvarado Tezozomoc conta com a tradição oral indígena. Mas essa não podia ser transmitida, no contexto colonial, se não estivesse em conformidade com a ortodoxia religiosa da nova cultura. Lienhard aponta que

al escribir su crónica en español, Alvarado Tezozómoc deseaba insertarse en la esfera de la literatura ‘universal’ del momento, la del imperio cristiano y español pero, al mismo tiempo que usa la forma discursiva occidental, la crónica escrita con caracteres latinos, con la impronta cristiana, la desestructura porque la oralidad que proviene del mundo mesoamericano, es decir, el legado que recoge Alvarado Tezozómoc, irrumpe con gran fuerza en el marco narrativo (1983, p.144).

Desta feita, ao legado mexicana que recebe, Alvarado Tezozomoc agrega uma voz cristã. Trata-se de um paradoxo que, ao mesmo tempo em que se faz uma apologia à história antiga do México-Tenochtitlan, nosso cronista condena a prática sacrificial de seus antepassados. Considera a cultura de seus antepassados desde a perspectiva religiosa que impõe o colonizador. Essa voz cristã justapõe-se à voz antiga que recupera a história do “império” mexicana.

Alvarado Tezozomoc apresenta-se no texto como um cristão que fala a outros cristãos e, sob essa perspectiva, condena as práticas sacrificiais dos seus antepassados. O sujeito discursivo (Alvarado Tezozomoc) distancia-se dos indígenas da antiguidade (as vozes que contam a história do México-Tenochtitlan sob a égide de Huitzilopochtli) quando o mesmo se inclui dentro do tempo instaurado pela cultura ocidental cristã. Isto se mostra com evidência em uma passagem de seu texto onde expressa:

Los mexicanos, después de haber hecho asiento, casas, buhijos, e su templo y Cú de su Dios, comenzaron á hacer casa y adoracióm de Huitzilopochtli, y hecho el templo, pusieron luego al pié de Huitzilopochtli una gran xícara, como batea grande, á manera de una fuente de plata grande, con que se demanda limosna

ahora en nuestra religión cristiana: habiendo hecho luego á los lados del gran diablo Huitzilopochtli, le pusieron otros demonios á manera de santos, que fueron estos: Yopico, Tlacoachcalco, Huiznahuac, Tlacatecpán, Atempan [...], todos demonios sugetos al Huitzilopochtli (TEZOZOMOC, 1975, p. 227-228; grifo meu)

O remetente do texto é: (a) um nobre indígena cristão que fala aos seus destinatários e (b), outros membros da coletividade também cristãos. Em geral, essa situação de sujeito discursivo revela que seu espaço enunciativo está “*cristianizado*”; por isso, marca uma divisão entre “*ellos*” (os mexicanos antigos) e “*nosotros*” (os mexicanos e espanhóis do México colonial). Esse “*nosotros*” não implica, necessariamente, em ser um espanhol, mas sim, sobre tudo, um cristão (VELAZCO, 2003, p. 233).

Alvarado Tezozomoc interfere nos eventos descritos somente em raras ocasiões para condenar com visível indignação a adoração a Huitzilopochtli e os sacrifícios humanos. Chama o deus protetor dos mexicas “*ídolo diablo de piedra*” (TEZOZOMOC, 1975, p. 321) e as cerimônias em sua honra como “*crueldad inhumana*” (1975, p. 471). Nosso cronista cumpre, deste modo, uma “função ideológica” (GENETTE, 1980, p. 256) quando emite juízos de repúdio à antiga religião mexica centrada no culto de Huitzilopochtli. Ainda que cede, constantemente, sua voz para os personagens (já assinalamos o caráter oral da crônica), Alvarado Tezozomoc não renuncia seu direito de intervir.

Tal reprovação em relação aos ritos de seus ancestrais aparece logo no início da crônica, quando é narrada a saída dos mexicas de Aztlán conduzidos por Huitzilopochtli, que é caracterizado como o próprio demônio:

[...] y ahora por el apellido de esta tierra, y Ciudad do México Tenuchtitlan, el tiempo que a ella lleharon viniendo huyendo desbaratados de los naturales indios de Culhacan su vecino, que ahora es á dos leguas de la Ciudad de México, persuadidos del Demônio Huitzilopochtli, llegaron a la dicha Ciudad [...] (TEZOZOMOC, 1975, p. 224)

O autor não questiona o pacto entre mexicas e Huitzilopochtli, ele não duvida ter sido este o motivo que levou os mexicanos a sair de Chicomoztoc-Aztlán para conquistar outros povos e riquezas, o que o autor condena são os sacrifícios humanos praticados em nome de Huitzilopochtli. Entretanto, a recriminação não recai sobre os mexicanos, pois estes não apenas teriam sido enganados pelo demônio Huitzilopochtli, como também não tinham tido a oportunidade de conhecer a verdadeira fé. O engano praticado por Huitzilopochtli marca a diferença entre o passado e o presente da elite mexica. Ao se referir à relação entre Huitzilopochtli e os mexicanos, Alvarado Tezozomoc, constantemente, deixa clara a diferença do deus deles do

passado, que alguns nobres ainda veneravam seguindo as antigas práticas pré-hispânicas do deus de “*nuestra religión cristiana*” falando como cristão para seus cristãos.

Assim, nosso cronista revela-se como um sujeito cristão e dessa perspectiva julga as práticas dos sacrifícios humanos como “*hechas y guiadas por el mismo diablo Satanás, enemigo del género humano*” (TEZOZOMOC, 1975, p. 516). Dessa forma, “*Es el logos cristiano el que se manifiesta a través del narrador. Pero este logos es superpuesto al logos azteca que construye la imagen arquetípica de su nación mediante la guerra sagrada*” (VELAZCO, 2003 p. 235). Vimos anteriormente, que Diego Muñoz Camargo desenvolve um discurso baseado na demonização do Anáhuac. Contudo, não devemos colocar no mesmo plano Alvarado Tezozomoc e Diego Muñoz Camargo. A diferença consiste em que este compartilha a opinião de que os indígenas eram descendentes de alguma das dez tribos perdidas de Israel. Dessa maneira, Muñoz Camargo atribui um caráter “judeu” e “idolátrico” para a cultura indígena, ou seja, a história do Anáhuac é inserida em um esquema bíblico. Alvarado Tezozomoc começa sua crônica narrando, diretamente, a peregrinação mexicana: “*La venida que hicieron, tiempos, y años que estuvieron en llegar á este Nuevo Mundo, adelante se dirá[...] La venida de estos Mexicanos muy antiguos, de la parte que ellos vinieron, tierra, y casa antigua llamado hoy Chicomoztoc[...] segundo nombre Aztlán[...]*” (TEZOZOMOC, 1975, p. 223). Por esta razão, Alvarado Tezozomoc molda a história antiga dos mexicas de acordo com sua própria tradição, sem considerar se eram ou não descendentes dos hebreus como faz Muñoz Camargo. Ao afirmar a descendência judia dos ameríndios, Muñoz Camargo representa-os em seu texto como covardes, como “hereges”. Alvarado Tezozomoc, orgulhoso de sua linhagem mexicana, não poderia aceitar esta caracterização.

Como um *tlamatini* (homem sábio) cristão que tem a intenção de historiar o passado com a finalidade de estabelecer laços com o presente, Alvarado Tezozomoc enfrenta a tarefa de dar uma resposta ao processo de conquista que confinou seu grupo social a um estado de subordinação. Com esse objetivo desenvolve na parte final de sua obra uma das mais completas elaborações dos presságios que antecederam a chegada dos espanhóis. Ele ainda oferece a representação de Moctezuma (de acordo com o livro XII do **Códice Florentino**) como um monarca que, por razões sagradas, entrega o seu reino a Hernán Cortés. De acordo com essa representação, surge um Moctezuma que, ao saber da chegada dos espanhóis, é vencido pela profecia do retorno de Quetzalcoatl²⁷ ao invés da habilidade militar de Hernán Cortés.

²⁷ Costuma-se contar que os astecas, ao verem chegar ao litoral um templo flutuante trazendo aqueles estranhos seres de barba, montados em criaturas jamais vistas, tomaram-nos por deuses. Mais especificamente, pelo deus supremo Quetzalcoatl e seu séquito: um antigo mito lhes dizia que o deus, descrito como branco e barbudo, amante da paz e inimigo dos sacrifícios humanos, deixara o país há séculos navegando para o oriente (ou seja,

O livro XII do **Códice Florentino**, versão da conquista que influenciou Alvarado Tezozomoc, apresenta as primeiras reações dos indígenas frente aos conquistadores. Indígenas letrados compuseram a parte escrita em *nahuátl* sob a supervisão do frei Bernardino de Sahagún, apesar de controvérsias. Essa obra representa Moctezuma como um rei *tlatoani* que, surpreendido ante a chegada daquele que considerava o deus ou enviado do deus Quetzalcoatl (Cortés), entregou o poder sem nenhum tipo de resistência. Essa imagem do personagem Moctezuma é, sem dúvida, muito mais uma reconstrução que faz refletir a idéia que se formava nos setores da elite indígena, anos depois conquistada, do que a própria historicidade de Moctezuma de 1520. Em outras palavras, Moctezuma do livro XII do **Códice Florentino**

es una creación como lo fue el Nezahualcóyotl de Alva Ixtlilxóchitl, que se aparta de la realidad histórica de Motecuhzoma, la cual tal vez estamos destinados a no conocer porque los textos de que disponemos nos dan su imagen literaria-simbólica, por así decirlo, y son textos que se escriben por lo menos a un cuarto de siglo de distancia (VELAZCO, 2003, p. 249).

Nesta perspectiva, podemos considerar que Moctezuma é uma personalidade criada no México colonial em meados do século XVI e que a profecia do retorno de Quetzalcoatl ainda que tenha antecedentes pré-cortesianos é submetida a um processo de reelaboração em que participam não só indígenas, mas também europeus.

O primeiro capítulo do livro XII do **Códice Florentino** contém uma minuciosa exposição dos oito presságios (Alvarado Tezozomoc menciona três presságios – a aparição de um cometa, a pedra encantada, e o rapto de um *macehualli*) que antecedem ao fim do “império” mexica. Estes presságios têm a função de anunciar o fim do “império” mexicano e sua elaboração, mais do que um signo de fatalismo e superstição dos indígenas que supostamente viveram a experiência, singulariza o esforço que fazem os indígenas de meados do século XVI, sobretudo o grupo vencido, a elite do México-Tenochtitlan e de Tlatelolco, de explicar a conquista afirmando que os deuses haviam enviado avisos premonitórios da eminente derrota. Fernández-Arnesto (1992) argumenta que estes presságios têm como modelo de escritura os trabalhos de historiadores da

na direção da Europa) e prometera voltar para trazer a seu povo uma nova era - por coincidência, no mesmo ano de 1519 no qual Cortés apareceu.

Assombrados, os supersticiosos astecas não se atreveram a desafiar os espanhóis ou a pensar em uma maneira de resistir. Convidaram Cortés e seus homens à capital, Tenochtitlan, onde o soberano Motecuhzoma, ou Montezuma, como lhe chamaram os espanhóis, entregou-lhe o trono e o cumulou de presentes até os súditos perceberem que aqueles seres eram apenas homens rudes, lascivos e gananciosos. Montezuma foi morto e Cortés obrigado a fugir com sua tropa, mas os espanhóis já haviam aprendido o suficiente sobre os mexicas e suas fraquezas para derrotá-los com facilidade. Depois de pouco mais de um ano de resistência, rendeu-se o último *huey tlatoani* ("grande orador", mas "imperador", segundo os espanhóis), Cuauhtémoc (Guatimozin para os espanhóis).

antiguidade greco-latina, como também da tradição judeu-cristã que os colégios de Tlatelolco tiveram a sua disposição.

Em suma, verificamos que o Moctezuma tradicional que conhecemos faz parte de uma criação que, provavelmente, tem pouca relação com o personagem histórico. Desse modo, de acordo com Velazco, no livro XII do **Códice de Florentino**

*nos encontramos con el retrato mítico de Motecuhzoma más acabado que explica la derrota frente no a un Hernán Cortés representante de la Corona española sino a un Quetzalcoatl-Cortés que viene a derrocar a Huitzilopochtli y a desterrar sus prácticas sacrificiales. Esta representación simbólica, pues, del monarca es la que recoge y contribuye por su parte a difundir Alvarado Tezozómoc en su **Crónica Mexicana** (VELAZCO, 2003, p. 263).*

Assim, utilizando-se das mesmas premissas do livro XII do **Códice de Florentino**, Alvarado Tezozomoc constrói a personalidade de Moctezuma para explicar processo de conquista que confinou seu grupo social a um estado de subordinação. Na interpretação de Alvarado Tezozomoc e outros setores da elite indígena – como os que participaram junto com Sahagún no livro XII do Códice de Florentino – Moctezuma cedeu seu trono não a um capitão espanhol chamado Hernán Cortés, mas sim a um poderoso deus chamado de Quetzalcoatl. Dicho de otro modo, “*Alvarado Tezozómoc integra occidente en el designio histórico de Anáhuac*” (VELAZCO, 2003, p. 265).

Alvarado Tezozomoc constrói uma nova “*etnicidad*” para acomodar a herança indígena no contexto da sociedade colonial. Ou seja, apropria-se da linguagem do poder para afirmar uma posição na nova ordem colonial. Nosso cronista expressa-se pelas elites de Texcoco e do México-Tenochtitlan. Contudo, o discurso transcultural de Alvarado Tezozomoc não deixa de presentear o conflito da elite indígena mexicana que para resgatar a memória de seu glorioso passado tinha que vê-lo com os olhos cristãos.

Assim, a **Crónica Mexicana** pode ser lida como uma crônica em que existe uma construção por parte do autor de mecanismos lingüísticos que aproximaria seu relato ao universo europeu estabelecendo códigos compartilhados entre esses dois mundos. Por outro lado, esses mecanismos lingüísticos passam a refletir também a inserção deste personagem dentro de um universo simbólico característico do mundo colonial, de modo que sua obra possa refletir a construção não somente de uma identidade nova, mas a própria crônica cumpriria seu papel de função ideológica quando emite juízos de repúdio à antiga religião mexicana centrada no culto a Huitzilopochtli. Tezozomoc coloca ao alcance de seus leitores uma crônica que reflete o paradoxo de um discurso transcultural surgido pelo mundo colonial (FUKUNAGA, 2008).

CAPÍTULO 3. A AUTONOMIA DE TLAXCALA FRENTE À CONFEDERAÇÃO MEXICA

Nesse capítulo, analisaremos as causas da autonomia de Tlaxcala frente à confederação mexicana, através das narrativas dos cronistas Hernando Alvarado Tezozomoc e Diego Muñoz Camargo. Porém, antes de procedermos a tal análise convém examinar os limites geográficos, o processo de migração, fundação e o desenvolvimento político de Tlaxcala, como também suas relações conflituosas com os mexicas.

3.1 A Província de Tlaxcala

3.1.1 Os limites geográficos de Tlaxcala

De acordo com Claude Nigel Davies (1968), para definir esse território constamos, sobretudo, com dados precisos a respeito da fronteira do lado nordeste, lugar pelo qual Cortés chegou pela primeira vez nos limites de Tlaxcala, e também da fronteira ao lado noroeste. Expressa que ao sul, Tlaxcala estava limitada pelo território de Cholollan, porém ao sudeste existe certa dúvida se o monte Malintzin constituía a fronteira naquela região, ou se o território de Tlaxcala estendia-se mais além.

Primeiramente, consideramos a fronteira a leste e a nordeste de Tlaxcala, onde Cortés fez sua primeira entrada em território tlaxcalteca e, sobretudo, onde se localizava o famoso muro de pedra, que consta em diversos relatos dos conquistadores. No entanto, as fontes do século XVI não nos dão uma idéia exata de onde se encontrava essa cerca. Porém Francisco Antonio Lorenzana, escrevendo em 1770, relata-nos alguns detalhes interessantes sobre este assunto. Segundo este autor

Desde Iztac-Imaxtitlan los españoles siguieron 5 ó 6 leguas en la boca de la cañada a la otilla del río (que se supone ser el actual río Apulco) e llegaron a la cerca, que se extendía a mas de legua y media de un cerro a otro llamado Atotonilco. Pasando la cerca, después de media legua de camino, existe otro cerro, llamado Quimichòcan y a poco menos de una legua mas allá había una fuente que se llamaba Texcalaque, antes Tezcakatk (LORENZANA, 1770 apud, DAVIES, 1968, p. 67).

Levando em consideração a colina Quimichòcan e a população de Texcállac, que se identificam no mapa²⁸ (ver anotação nº2 do mapa 1) podemos ter uma localização precisa da cerca, que segundo Lorenzana estendia-se de norte a sul.

Passando a analisar o noroeste da cerca, temos primeiramente um dado sobre Atlancatepec. Através da análise do **Epistolário de Nueva España** (1505-1818), Claude Nigel Davies (1968) menciona que Atlancatepec foi “*una venta comarcana de Tlaxcalan*”. Além disso, menciona que o Códice Telleriano-Remensis expressa Tiluquétepel, ou monte negro, como fronteira entre Texcoco e Tlaxcala (ver anotação nº5 do mapa 1), que facilmente poderia ser identificado como monte Tliltepetl (mapa 1).

Mais a noroeste, na fronteira entre Tlaxcala e Texcoco, contamos, basicamente, com os dados esboçados por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, que comenta como Nezahualcoyotl, agradecido pela ajuda dos tlaxcaltecas,

les alargó los términos de sus tierras por la parte del reino de Tetzcuco, echando sus mohoneras por el cerro que se llama Quauhtepetl, y proseguendo a otro que se dice Ozelotepetl, y luego a Huehue y Chocayana hasta el cerro que llaman Colihucan (IXTLILXÓCHITL, 1985, p. 195).

Todos estes lugares estão identificados (ver anotação nº6 do mapa 1). Ao norte destes territórios encontra outro lugar denominado Paredon, o que indica também que estava na fronteira (DAVIES, 1968, p. 70).

Outros dados são proporcionados por Fernando de Alva Ixtlilxóchitl ao comentar sobre a fuga de Nezahualcoyotl em relação aos seus inimigos tepanecas. Ao sair de Texcoco, chega ao bosque de Tetzcotzinco. Mais adiante, chega a Yahualiuhcan passando, posteriormente, por Cuauhtépec, lugar onde chegaram mensageiros de Huexotzinco. No dia seguinte foi a um lugar chamado Calnapanolco, território sujeito à Tlaxcala (IXTLILXÓCHITL, 1985, p. 135). Porém, esses lugares não foram identificados.

Em tempos anteriores, no governo de Quinantzin, Fernando de Alva Ixtlilxóchitl comenta de “Huehue Ichocayan”, Tepepolco e Tollantzinco como “*pueblos de la nación Acolhua*” (IXTLILXÓCHITL, 1985, p.128). Em uma lista de povos que apoiaram o senhor de Texcoco Ixtlilxóchitl, os que se encontram mais próximos ao território de Tlaxcala são: Ahuatepec, Tepepolco e Cempoallan (IXTLILXÓCHITL, 1985, p.158). Os mesmos nomes repetem-se como lugares pertencentes a Nezahualcoyotl (IXTLILXÓCHITL, 1985, p. 232). Yahualiucan e

²⁸ Mapa 1 – Referente aos senhorios do Vale de Puebla-Tlaxcala. Esse mapa e suas anotações foram retiradas da obra de Claude Nigel Byam Davies, **Los Señorios Independientes del Império Azteca**. INAH. México, 1968.

Calpullalpan são mencionados em outro contexto como territórios de Nezahualcoyotl, juntamente com Atenco e Mazapan, que podem ser identificados. (IXTLILXÓCHITL, 1985, p. 209).

Segundo Claude Nigel Davis (1968), Hueyotlipan estava dentro das fronteiras de Tlaxcala (ver anotação nº7 do mapa 1). Em relação à identificação de Tlapechco como lugar fronteiriço, comenta que é algo incerto, porém, com dados muito claros de Fernando Alvarado Tezozomoc, o território de Iztaccuixtla, mais ao sul, estava na fronteira como limite de Tlaxcala com Huexotzinco (ver anotação nº10 do mapa 1). Chiauhtla também parece haver sido um lugar fronteiriço (ver anotação nº9 do mapa 1) e Tetzmolihcan ficava dentro do território de Huexotzinco (ver anotação nº11 do mapa 1).

Mais ao sul, temos somente um dado sobre a fronteira entre Tlaxcala e Cholollan, fronteira que, provavelmente, não tinha muita extensão, como se pode ver no mapa 1.

Em relação ao sudeste da fronteira entre Tlaxcala e Tepeyacac (cidade tributária dos mexicas) não existe nenhum dado para esclarecer os limites fronteiriços entre o território dos tlaxcaltecas e dos mexicas. Segundo Claude Nigel Davies (1968), com a ausência de tributários mexicas a noroeste desses lugares, que segundo algumas fontes formavam parte do “império mexica”, poderíamos pensar em uma extensão mais ampla do território de Tlaxcala em direção a Tepeyacac, apesar de não haver nenhuma evidência que isso possa ter acontecido.

Ainda em relação ao sudeste de Tlaxcala, Claude Nigel Davies (1968) comenta que o território de Puebla tinha sido escolhido pelos espanhóis para fundar uma nova cidade, precisamente porque aquele território estava fora de Tlaxcala. Para corroborar com sua afirmação cita a Relación de Bartolomé de Zárate sobre **História y Gobierno de Nueva España (1544)**, na qual expressa:

La provincia de la Cibdade de los Angeles es o se podrá decir provincia de tlaxcala puesto que no está en término de Tlaxcala ni lo fue antes. Era termino de Chilula[...] y el término de otro pueblo pequeño que de dice Totomiguacan llega junto a la dicha ciudad (ENE apud DAVIES, 1968, p. 70).

A partir dessa constatação, comenta que tais dados servem para situar a fronteira entre Cholollan e Totomihuacan, e, além disso, demonstra a possibilidade de que o território de Tlaxcala estendia-se para além do monte Malintzin, já que a zona ocupada devia ter incluído, seguramente, a ocupação posterior pela cidade de Puebla (DAVIES, 1968, p. 70).

Claude Nigel Davies comenta que o monte Malintzin constituía uma barreira formidável entre Tlaxcala e Tepeyacac, e por isso, seria lógico supor que formava uma linha divisória entre os dois territórios, ainda que não houvesse nenhuma fonte para dar suporte para tal informação (1968, p. 70). Afirma que, se aceitarmos esta probabilidade, podemos constatar uma fronteira que

vai desde Tecóac até a vertente do monte Malintzin e logo segue ao sudoeste do monte, provavelmente, até o ponto mais próximo do rio Atoyac, junto ao povo de Tenantzinco. Porém, devemos ressaltar que um dos especialistas sobre a geografia de Tlaxcala, Andrés Angulo (1949) ao comentar sobre este território, dá muitos detalhes de sítios arqueológicos de praticamente todo o estado de Tlaxcala com exceção da região entre o monte Malintzin e Tepeyacac, que para ele, possivelmente, tinha sido uma espécie de “terra de ninguém”.

Talvez não havia nessa parte uma fronteira tão bem definida como em outras áreas de Tlaxcala. Contudo, em geral as fronteiras de Tlaxcala demonstravam um território compacto (mapa 1).

Pergunta Charles Gibson (1967), se todo o território de Tlaxcala estava rodeado por um muro. Além da famosa cerca que já discutimos, Bernal Díaz de Castillo menciona fortificações ao noroeste de Hueyòtlipan, porém as descreve assim: “[...] *cercas y mamparos de tiempos viejos, y dijeron nuestros amigos los tlaxcaltecas que allí partían términos entre los mexicanos y ellos*” (DÍAZ DEL CASTILLO, 1960, p. 242).

Pedro Armillas (1948) esboça uma descrição de cinco enormes poços cavados na rocha no monte Cacaxtla, entre a população atual de Nativitas (ao sudoeste de Tlaxcala) e o rio Atoyac, precisamente onde delineamos a fronteira entre Tlaxcala e Cholollan. Segundo este autor, parece mais provável ser uma fortaleza dos olmecas-xicollancas, ainda que admita a possibilidade que os tlaxcaltecas haviam construído fortalezas, neste lugar. Muñoz Camargo comenta de “[...] *fuerzas y barbicanas, albarradas, fosas y baluartes hechos más bien por olmecas y xicallancas y no los tlaxcaltecas*” (MUÑOZ CAMARGO, 1984, p. 37).

Ainda que existam dúvidas se determinadas fortificações pertenceram aos tlaxcaltecas ou a seus antepassados, é certo que essas construções que existiram nas fronteiras de seu território não foram contínuas. López de Gómara comenta da famosa cerca que encontrou em sua chegada como algo mais impressionante do que útil: “*Grandes les pareció a nusto españoles aquella pared allí tan costosa y panfarrona, mas inútil y superflua, pues había cerca otros pasos para llehar al lugar, arrojando un poco*” (LÓPEZ DE GÓMARA, *apud* DAVIES, 1968, p. 72). Segundo este autor, os espanhóis entraram livremente pela porta da cerca, e se encontram com os tlaxcaltecas somente a três léguas além do muro. Francisco Xavier Clavijero nos dá uma descrição do muro: “*tenía dos leguas de largo, tres varas de alto y unas siete de ancho*” (1987, p. 250).

3.1.2 A fundação de Tlaxcala

Os olmecas, os xicalancas e os zacatecas, foram os primeiros habitantes conhecidos de Tlaxcala. Muñoz Camargo comenta que *“unos y otros eran de un lenguaje y de una misma disposición y traza, los cuales tuvieron poblado más de cuatro leguas de tierra em diversos lugares de esta provincia”* (1984, p. 80).

Os otomíes fizeram parte da segunda etapa do processo de povoamento tlaxcalteca. Em relação a este grupo, alguns escritores que conheceram os otomíes, em tempos posteriores à Conquista, descreveram-nos como uma população sem cultura, somente apta a caçar e coletar, que careciam de arquitetura e de ídolos religiosos (SOUSTELLE, 1962). Devido aos deslocamentos posteriores, desconhece-se a localização original do estabelecimento dos otomíes em Tlaxcala. Charles Gibson afirma que *“posiblemente su centro se encontrara en el terreno que hoy día tiene la mayor concentración otomí, en la parte oriental del actual estado de Tlaxcala”* (1967, p.18).

Contudo, os otomíes seguiram imigrando para Tlaxcala em épocas posteriores e, muito provavelmente, em função da pressão dos mexicas, foram obrigados a se concentrarem em diferentes direções ao redor da fronteira, entre o interior tlaxcalteca e o inimigo mexicano. Estabeleceram-se em Atlangatepec ao norte e em Hueyotlipan no oeste, assim como em Tecoaac e Huamantla no leste. Os otomíes falavam e ainda seguem falando, hoje em dia, um idioma diferente, não relacionado com o nahuatl²⁹. A terceira etapa do processo de povoamento de Tlaxcala, posterior aos povos otomíes, caracterizou-se pela chegada dos teochichimecas ou tlaxcaltecas nahuas. Charles Gibson comenta que estes povos

formaban una parte dela gran población náhuatl de la meseta, pero se diferenciaban del resto de su raza por motivos de independencia política [...] Estos tlaxcaltecas, que hablaban náhuatl, se mezclaron hasta cierto punto con los otomíes, pero en general ocuparon una posición central dominante, en cuyos linderos los pueblos otomíes servían como soldados y como guardianes (1967, p. 18).

A maior parte do que sabemos sobre o processo de migração e povoamento de Tlaxcala deve-se a Diego Muñoz Camargo. Sua narração versa principalmente sobre os fatos ocorridos em quatro cabeças (povoados) da província de Tlaxcala, cujo primeiro estabelecimento ocorreu durante este terceiro período de povoamento.

Depois de uma longa migração, segundo Muñoz Camargo, os tlaxcaltecas nahuas expulsaram os habitantes olmecas e zacatecas da região central de Tlaxcala e fundaram a

²⁹ Mais informação ver: Pedro Carrasco Pinaza, **Los otomíes: cultura y historia prehispánicas de los pueblos mesoamericanos de habla otomiana** (MS en Museo Nacional, México). RBVP, LVII, 114-115, 148.

população de Tepetícpac. Depois disso, Culhuatecuhtli, senhor de Tepetícpac repartiu o recém povoado com o seu irmão, Teyohualminqui, e aís estabeleceu um segundo povoado nas proximidades do rio Zahuapan, em Ocotelulco (mapa 3). A dinastia fundada por Teyohualminqui em Ocotelulco durou três gerações. Uma revolta geral contra esta dinastia, encabeçada por Tlacomihua, teve como resultado a criação de um terceiro centro político denominado Tizatlán, ao nordeste de Ocotelulco. A noroeste de Ocotelulco foi fundada a população de Quiahuixtlán (Tlapitzahuacan). Os povos que fundaram esse povoado fizeram parte de uma segunda migração de teochichimecas, a quem Culhuatecuhtli havia concedido terras para se estabelecer. Em relação à fundação desse povoado, vejamos o relato de Muñoz Camargo:

Es de saber que [cuando] los chichimecas, primeros pobladores, vinieron poblando por Amaquemecan y vinieron rodeando las faldas de la Sierra Nevada y Volcán, algunos de ellos siguieron el rumbo de Norte y fueron a poblar las tierras de tullantzinco y demás provincias de aquella sierra. Mas algunas cuadrillas y legiones se quedaron en la provincia de Tepetlaoztoc, que en una legua de Tetzcuco. Y allí poblados, pasaron adelante sus capitanes más principales y, caminando, llegaron a la provincia de Tlaxcala; trataron con culhuatecuhtlicuanetz [para que] les acomodase en alguna parte de lo mucho que tenia como señor Universal de toda la provincia de Tlaxcala y Texcalticpac; Luego de como pasó la refriega, se fueron a poblar la parte de Quiahuixtlán, que es la cuarta cabecera de Tlaxcala, que dicen de Citlalpopocatzin (1984, p. 85).

Toribio de Benavante Motolinía é o primeiro a nomear as quatro cabeças de Tlaxcala descrevendo mais ou menos a sua localização topográfica, expressando que cada senhorio tinha seu próprio território: Tepetícpac, a parte norte da província, Ocotelulco a parte sul, Tizatlan a parte leste e Quiahuixtlan a parte oeste (MOTOLINÍA, 1914).

Segundo Charles Gibson, a história de Tlaxcala “*suele identificar a estas cuatro poblaciones, Tepetícpac, Ocotelulco, Tizatlán e Quiahuixtlán, como cabeceras a las cuales toda la provincia de Tlaxcalal quedó sometida*” (GIBSON, 1967, p. 19).

A história tradicional de Muñoz Camargo relata que foi estabelecida uma dinastia separada em cada uma das quatro cabeças, e que as famílias governantes mantiveram a sucessão em tempos anteriores à Conquista com poucas irregularidades. A sucessão era através da linha paterna, e, geralmente, o filho primogênito da esposa principal ou legítima era designado como herdeiro. Quando um governante estava a beira da morte eram convocados os três governantes das outras cabeças para discutirem sobre a sucessão e o herdeiro legítimo. Se era aceita sua eleição, este herdeiro era admitido como um dos quatro senhores; se não, os outros três governantes tinham o direito de escolher um filho substituto, e o governante moribundo aceitava esse sucessor em lugar de seu herdeiro legítimo. Se não havia filhos, era escolhido um irmão, e se

não havia irmãos, era escolhido um dos sobrinhos que era considerado o próximo na linha sucessória. Se não havia nenhum desses, era escolhido outro parente próximo (GIBSON, 1967, p. 20).

Conforme assinalado, o povoado de Tepetícpac foi o mais antigo das quatro cabeças, tendo uma história dinástica de três a seis governantes até Tlehuexolotzin, o governante que encontrou Cortés, em 1519. Ocotelulco, cujo fundador foi o irmão menor do primeiro senhor de Tepetícpac, teve uma história dinástica de aproximadamente sete ou oito governantes anteriores à Conquista. Tizatlán foi fundada depois da morte do terceiro governante de Ocotelulco, sendo governada por aproximadamente cinco ou seis governantes antes de Xicotécatl (1519). Quiahuixtlán, ainda que, tradicionalmente, conhecida como a última das cabeças a ser fundada, na realidade remonta sua história dinástica em época de Culhuatecuhtli de Tepetícpac. Sete governantes foram registrados antes do governante que encontrou Cortés (GIBSON, 1967, p. 21).

Devemos observar que no momento da divisão territorial feita por Culhuatecuhtli, estabeleceu-se a segunda cabeça em Ocotelulco, próxima de Tepetícpac (mapa 3). Os outros povoados, posteriormente, também se estabeleceram em lugares próximos ao primeiro povoado, *“de modo que ninguna de las cuatro poblaciones principales de Tlaxcala distaba de las otras más de unos cuantos kilómetros”* (GIBSON, 1967, p. 21). Contudo, constatamos que a superfície terrestre de Tlaxcala, em 1519, foi muito maior, e seu crescimento era vinculado à expansão das quatro cabeças. Charles Gibson levanta a hipótese de que pode ter havido um avanço pacífico dos tlaxcaltecas para terras desocupadas ou para terrenos habitados por olmecas, xicalancas, zacatecas e otomíes. Alguns especialistas que estudam o espaço geográfico da província de Tlaxcala acreditam que a área desse território, em 1519, quase equivalia em tamanho à superfície do estado atual³⁰. Charles Gibson não concorda, afirmando que existem indícios do século XVI que indicam que se tratou de uma região bem menor do que o estado atual.

3.1.3 As formas de governo de Tlaxcala

Sobre a forma exata do governo de Tlaxcala e sobre o papel que desempenharam as quatro cabeças (povoados), ainda existem muitas dúvidas; como assinala Charles Gibson (1967), nenhum dos conquistadores que escreveram sobre a entrada dos espanhóis, em Tlaxcala, dá o nome das quatro cabeças e de seus governantes. Já dito, o primeiro a mencionar todas as cabeças foi frei Toribio de Benavente Motolinía (1914), nomeando, unicamente, dois de seus governantes.

³⁰ Assim afirma Sherburne Cook e Lesley Byrd Simpson, **The Population of Central México in the Sixteenth Century** (Ibero-Americana, 1948, p.31).

Somente no século XVII, através dos escritores Antonio de Herrera (1944) e frei Juan de Torquemada (1969), que se tem o nome exato de todos eles.

Hernán Cortés, por um lado, comenta de Sicutengal (Xicoténcatl, senhor Tizatlan) e de Magiscasin (Maxixcatzin, senhor de Ocotelolco). Sobre este escreve: “*que es la más persona de toda la provincia [...]*” (CORTÉS, 1963, p. 44). Em outra passagem expressa que “*es el mayor señor de todos*” (CORTÉS, 1963, p.46). Também observa que o modelo de governo de Tlaxcala era semelhante com a dos senhorios de Veneza e Gênova porque não havia um único senhor para dominar todo o território.

Outra testemunha dos acontecimentos, Bernal Díaz del Castillo, da mesma forma que Cortés, menciona os Xicoténcatl pai e filho, sobretudo o último, e Maxixcatzin. Relata uma discussão entre Maxixcatzin, que estava em prol da paz com os espanhóis juntamente com os outros quatro senhores principais, e Xicoténcatl filho, que queria seguir com a guerra (DÍAS DE CASTILLO, 1960, p. 108). Em outra ocasião, menciona os quatro senhores, porém sem nomeá-los.

Outra fonte do século XVI que faz interessante análise sobre o governo de Tlaxcala é Francisco Cervantes de Salazar (1914). Em relato sobre a entrada dos espanhóis em Tlaxcala, comenta de Maxixcatzin e também nomeia as quatro cabeças. Em relação à Ocotelolco expressa: “*Esta era la mayor y más poblada parte de la ciudad, donde estaba la plaza mayor, en que se hacían su mercado*” (CERVANTES DE SALAZAR, 1914, p. 240). Em parecida descrição temos Antonio de Herrera ao relatar que o mercado de Tlaxcala situava-se em Ocotelolco (HERRERA, 1944, p. 170).

Sobre o governo de Tlaxcala frei Juan de Torquemada escreve o seguinte:

[...] y aunque era quatro Señores los que gobernaban esta grandísima Provincia, era de manera, que no parecían quatro en la voluntad, sino uno solo. Y aunque para las cosas particulares, cada qual regia, y mandaba a los Suios, para las Generales, y de la República, todas quatro junto las determinaban (TORQUEMADA, 1969, v. 1, p. 575).

Praticamente, todas as fontes estão em conformidade sobre as quatro cabeças atuarem juntas, ainda que houvesse discordâncias entre elas algumas vezes. Porém, para que um governo deste tipo pudesse funcionar bem, era necessário ter um chefe maior, ainda que com poderes limitados. Segundo Hernán Cortés (1963) e frei Toribio de Benavante Motolinía (1914), Maxixcatzin de Ocotelolco era o senhor principal de toda Tlaxcala. Segundo Cervantes de Salazar (1914), conforme afirmado anteriormente, não só os edifícios mais importantes, mas também o mercado de Tlaxcala encontrava-se em Ocotelolco, o que suscita que esse senhorio tinha o

principal poder econômico da província. Antonio de Herrera (1944) comenta que Maxixcatzin era representante dos interesses dos comerciantes.

Claude Nigel Davies (1968) comenta que: *“Tizatlan está a 5 Kms. del Tlaxcala actual mientras Ocotelolco y Quiahuitlan están mucho más cerca. Todos están al otro lado del río”* (mapa 1). Através desse comentário parece razoável supor, que a “Tlaxcala” na época da chegada dos espanhóis, era de fato Ocotelolco e que as outras cabeças pareciam mais uma população “satélite” a alguns quilômetros fora da cidade de Tlaxcala-Ocotelolco. Dessa forma, o senhor de Ocotelolco devia ser o principal governador de Tlaxcala, ainda que, como já dissemos, com poderes limitados, diferente do *tlatoani* de Tenochtitlan.

Podemos supor que Tlaxcala poderia ser uma espécie de quádrupla aliança, da mesma forma que a Tríplice Aliança formada por Tenochtitlan, Texcoco e Tlacopan. Da mesma forma que Tenochtitlan, com o passar dos anos, Ocotelolco acabou tomando a dianteira sobre as demais cabeças. Porém, não parece haver tido Ocotelolco a mesma preponderância em assuntos militares como tinha Tenochtitlan, pois no momento da conquista o capitão geral não era de Ocotelolco, mas sim o príncipe herdeiro de Tizatlan.

Corroborando com Claude Nigel Davies (1968), vemos o governo de Tlaxcala como uma federação de cabeças vizinhas, porém, não exatamente formando uma só cidade. Desta federação, Ocotelolco havia convertido na principal.

3.2 As relações dos mexicas com os tlaxcaltecas: Da guerra de Azcapotzalco até Moteczuma II

Em virtude do objetivo proposto nesse trabalho, abordaremos as relações conflituosas entre os mexicas e os tlaxcaltecas, essencialmente, nas crônicas de Hernando Alvarado Tezozomoc e de Diego Muñoz Camargo. Porém, até o governo de Moctezuma II, essas duas crônicas relatam poucos detalhes sobre as relações entre ambos os povos. Por isso, além das duas crônicas citadas, utilizaremos fontes subsidiárias que nos trará detalhes sobre a relação desses povos desde a guerra de Azcapotzalco (primeiro relato que se tem dessas relações) até o governo de Moctezuma II.

Destacamos, inicialmente, o papel de Tlaxcala na guerra de Texcoco-Tenochtitlan contra Azcapotzalco. Para analisarmos tal questão utilizaremos como fonte a obra de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl **Historia de la Nación Chichimeca**, já que é uma das mais completas sobre este relato.

Fernando de Alva Ixtlilxóchitl inicia o relato comentando a ajuda de Tlaxcala ao senhor de Texcoco Nezahualcoyotl, depois da morte do rei Ixtlilxóchitl. Expressa que *“El año siguiente habiendo estado el príncipe Nezahualcoyotzin retraído en la provincia de Tlaxcala con los señores de elle, sus tíos [...] se vino á la provincia de Chalco por estar mas cerca de la patria [...]”*. (IXTLILXÓCHITL, 1985, p. 100). Fernando de Alva Ixtlilxóchitl segue seu relato comentando como os tlaxcaltecas ajudaram a Nezahualcoyotl para reconquistar seu reino. Com a ajuda deles, puderam tomar Acolman e Coatlinchan, que, evidentemente, estavam do lado dos tepanecas. Parece que a ajuda não foi muito constante e que uma vez vencida a batalha, queriam os tlaxcaltecas regressar a sua casa: *“Y de allí dio la vuelta (Nezahualcoyotl) outra vez tomando la via de Acolman, que ya había tenido aviso de que el ejército de los tlaxcaltecas se querían volver a sus tierras [...]”* (IXTLILXÓCHITL, 1985, p.140).

Porém, os tlaxcaltecas voltaram a prestar ajuda a Nezahualcoyotl quando se uniram com Itzcoatl, senhor de Tenochtitlan, para obter a vitória final contra Maxtla de Azcapotzalco (IXTLILXÓCHITL, 1985, p.150). Apesar disso, depois da morte de Maxtla, Itzcoatl repreendeu muito aqueles que o haviam apoiado, como alguns senhores de Texcoco, inclusive uma irmã de Nezahualcoyotl e seu marido Nonohualcatl, juntamente com os senhores de Huexotla, Coatlinchan e Coatepec, que fugiram rumo a Tlaxcala (IXTLILXÓCHITL, 1985, p.233). Por causa de tal acontecimento, Fernando de Alva Ixtlilxóchitl dá ênfase à gratidão que Nezahualcoyotl tinha para com os tlaxcaltecas, comentando que o senhor de Texcoco sempre os visitava e mandava grandes presentes. Ao mesmo tempo, afirma que formaram uma aliança entre Tlaxcala e Texcoco (IXTLILXÓCHITL, 1985, p.195), estabelecida às vésperas do começo das grandes conquistas que empreendeu Nezahualcoyotl para o sul e leste (os mexicas, segundo outras fontes).

Outro indício das estreitas relações que existiam entre Tlaxcala e Nezahualcoyotl trata-se do episódio em que este, apaixonado por uma nobre indígena que era destinada a ser esposa de Cuacuauhtzin, rei de Tepechpan, foi até o senhorio de Tlaxcala para pedir que assassinassem tal rei para facilitar seu matrimônio com a nobre indígena. Este tipo de favor somente era pedido aos mais íntimos amigos (IXTLILXÓCHITL, 1985, p. 215).

Durante a última parte da vida de Nezahualcoyotl, segundo as fontes utilizadas nesta pesquisa, iniciou-se uma grande hostilidade entre Tenochtitlan e Tlaxcala. Este fato também envolveu os outros membros da Tríplice Aliança e ainda que Nezahualcoyotl não pudesse impedir tal hostilidade, tratou de pelo menos limitá-la: *“[...] y así a esta sazón mando a los capitanes y caudillos de sus ejércitos que cesasen las continuas guerras que tenían con los talxcaltecas, para el ejercicio militar y sacrificio de sus falsos dioses”* (IXTLILXÓCHITL, 1985, p. 314).

Claude Nigel Davies (1968) corrobora com o relato de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl ao destacar que entre a Tríplice Aliança e Tlaxcala, inicialmente houve um período de amizade, sendo que a inimizade veio, posteriormente.

Em relação a este período, momento anterior à grande hostilidade entre tlaxcaltecas e os mexicas, Diego Muñoz Camargo expressa brevemente:

Ansí poblada la muy insigne y no menos que leal provincia de Tlaxcalla, tuvieron paz y concordia con todas las provincias comarcanas grandes tiempos, y ansí se comunicaban y trataban en gran conformidad con los mexicanos, y atravesaban los unos y los otros todas las tierras, y provincias y reynos que querían (MUÑOZ CAMARGO, 1984, p. 117).

Destas fontes, podemos deduzir que a aliança entre os tlaxcaltecas contra Azcapotzalco, foi dada não somente a Nezahualcoyotl, mas também a Itzcoatl. Contudo, elas não comentam os motivos, sendo que talvez foi natural para os tlaxcaltecas apoiarem Texcoco e Tenochtitlan contra Azcapotzalco, já que nesta época os tepanecas eram a maior potência do Vale do México.

No governo de Itzcoatl, os mexicas haviam limitado suas conquistas nas proximidades de seu território (Vale do México) algo que em si, não constituía uma ameaça direta à segurança de Tlaxcala e seus vizinhos. Durante este período, houve, aparentemente, um grande comércio e até uma certa migração entre Tlaxcala e a costa do Golfo do México. Segundo Muñoz Camargo:

[...] los pobladores de esta provinvia salieron a poblar la costa y serranía de hacia la parte del norte y de la de Levante, hacia Cempoalla, Tuxtla, Coahuacoalco, y Tabasco; finalmente, de estas tierras traían oro, cacao, algodón, ropa, miel, cera, plumería de Papagallo y otras riquezas que mucho estiman (MUÑOZ CAMARGO, 1984, p.117).

No reinado de Moctezuma I, aumentaram significativamente as relações entre os mexicas e os tlaxcaltecas, isto porque, depois da primeira parte de seu governo, foi iniciado um período de ampla expansão e conquista de territórios, causando um grande espanto à província de Tlaxcala. Depois de vencerem Chalco os mexicas não tinham mais nenhum tipo de empecilho para dirigirem-se e conquistarem os lugares mais longínquos da Mesoamérica. Por isso, os tlaxcaltecas perceberam que o equilíbrio do poder que eles haviam pensado em manter apoiando os mexicas contra Azcapotzalco estava inclinando desastrosamente contra eles; e, sobretudo, estava ameaçando suas comunicações com a costa, tão importantes para o seu comércio (DAVIES, 1968, p.108).

Em sua arrancada para a costa do Golfo, os mexicas conquistaram Tepeyacac, cortando as rotas de Tlaxcala para o oeste. Logo depois, em 1451, segundo Diego Durán (1967), dirigiram-se até Cuechtlan, onde lograram uma grande vitória. Seguiram os mexicas com uma campanha

contra Ahuilizapan, Cuitlaxtlan e Cempoallan, cujo êxito cortou as rotas dos tlaxcaltecas com os mercados do Golfo. Nesta batalha intervieram, pela primeira vez, os tlaxcaltecas, porém de maneira discreta. Por esta intervenção, foram mortos os mensageiros dos mexicas, sendo que somente alguns escaparam para dar as notícias a Moctezuma I. Logo depois, os tlaxcaltecas prometeram ajuda, porém quando os mexicas chegaram a Ahuilizapan e a população deste lugar cobrou tal auxílio, os tlaxcaltecas não contribuíram (DURAN, 1967). Como consequência da derrota de Ahuilizapan muitas cidades entre Tlaxcala e a costa do Golfo converteram-se em tributários dos mexicas.

A campanha seguinte de Moctezuma I foi dirigida contra Coaixtlahuacan em Mixteca que, segundo Alvarado Tezozomoc e Diego Durán, não houve nenhuma intervenção tlaxcalteca. Seguiram, mais tarde, uma segunda campanha contra Cuetlaxtlan, que havia se rebelado. Nesse momento, além de oferecerem ajuda, os tlaxcaltecas haviam incitado a população de Cuetlaxtlan, dizendo-lhes que não deviam enviar tributos aos mexicas. Iniciado o confronto, Cuetlaxtlan pediu a ajuda oferecida pelos tlaxcaltecas, que haviam recebido parte do tributo reservado para os mexicas (TEZOZOMOC, 1975, p.142). Porém, tudo que conseguiram, no momento em que os mexicas estavam atacando, foi o conselho não muito útil de retardar a batalha enquanto os tlaxcaltecas preparavam seus exércitos (DURAN, 1967, v. 1, p. 203). Seguiu uma matança espantosa dos cuetlaxtlacas e da população de outras cidades, previamente, conquistadas.

Outro fato significativo que se iniciou no governo de Moctezuma I foram as “guerras floridas”. Segue, no relato de Diego Durán, a iniciação desses conflitos:

Tlacaelel dijo a Moctezuma I [...] que se busque un comodo (sic) y un mercado donde, como á tal mercado, acuda nuestro dios con su ejército á comprar víctimas y gente que coma [...] y que nuestras gentes y ejércitos acudan á estas ferias á comprar con su sangre e con su caueca y con si coracon y vida las piedras preciosas y esmeraldas y rubies y las plumas anchas y relumbrantes, largas y bien puestas, para el servicio del admirable Vitzilopochtli. Este Tiangez y mercado, digo yo Tlacaelel, que se ponga en Tlaxcala y en Vexotzinco, y en Cholula y en Atlixco, y en Tliluhquitepec y en Tecoaac (DURAN, 1967, v. 1, p. 238).

Alvarado Tezozomoc e Diego Durán atribuem a iniciação desta guerra à necessidade de obter mais vítimas para o sacrifícios.

No reinado do sucessor de Moctezuma I, Axayácatl, o principal acontecimento que afetou as relações entre os mexicas e os tlaxcaltecas foi a guerra entre Tenochtitlan e Tlatelolco. O cronista Diego Durán afirma que os culpados pelo início do conflito foram os tlatelolcas que planejavam conquistar Tenochtitlan. O ponto chave desse plano era conseguir o apoio dos povos do Vale Puebla-Tlaxcala (Tlaxcala, Huexotzinco e Tliluhquitepec). Mandaram mensageiros a

estes povos, “*dándoles aviso de cómo los tenuchcas se han conjurado contra ellos de dalles perpetua guerra y traellos para víctimas de sus sacrificios[...]*” (DURAN, 1967, v. 1, p. 257).

Porém, estes povos não consentiram em apoiar os tlatelolcas, aspecto muito curioso já que se poderia pensar que uma guerra civil entre dois membros da Tríplice Aliança seria uma grande oportunidade para os tlaxcaltecas vingar-se deles e reduzir seu poder. Claude Nigel Davies (1968) atribui tal atitude à política defensiva adotada naquele momento pelos tlaxcaltecas, consistindo em defender-se dentro de suas próprias fronteiras e não interferir de forma direta em guerras fora de seu território.

Outro acontecimento no governo de Axayácatl foi a campanha contra os tarascos. Diego Durán relata este momento: “*asi determinaron ir a la provincia de Tliluhquitepec, uno de los pueblos señalados paea semejantes solenidades [...] Llegados a los términos de aquel tierra, que creo es á los llanos de Otumba y Tepepulco, asentaron su real*”. Os mexicas tomaram 700 prisioneiros, porém perderam 420 homens. Os prisioneiros foram dedicados à inauguração da Pedra de Sol (DURAN, 1967, v. 1, p. 298). Na versão de Alvarado Tezozomoc, além de buscar prisioneiros a guerra empreendida pelos mexicas tinham o objetivo de conquista: “*Os consta (habla Tlacauelel), cómo es nuestro patrimonio y cosecha la conquista de Tliluhquitepec*” (TEZOZOMOC, 1975, p. 236).

Em relação ao governo de Tízoc, sucessor de Axayácatl, temos somente o relato de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, que comenta como os povos de Cuauhnáhuac, pouco antes da morte daquele governante, atacaram os povos de huexotzincas em Atlixco e sofreram uma grande derrota (IXTLILXÓCHITL, 1985, p. 269).

No governo de Ahuítzotl, as primeiras menções dos povos do Vale Puebla-Tlaxcala referem-se a um convite feito pelos mexicas para a coroação de Ahuítzotl. Tal convite aos povos inimigos (tlaxcaltecas, huexotzincas, Tliluhquitepec e chololtecas), tinha o objetivo de impressioná-los com a riqueza de Tenochtitlan. Porém, os senhores de Tlaxcala e Tliluhquitepec rechaçaram o convite, enquanto o senhor de Huexotzinco aceitou e os chololtecas enviaram “*algunos principales*”.

Contudo, para a cerimônia de inauguração do Templo Maior, a situação havia mudado. Segundo Diego Durán: “*todos aceptaron y los que vinieron, sobre todo los de Huexotzinco y de Atlixco, tuvieron el grado de ver entre la enorme cantidad de sacrificados, gran número de los suyos, ofrecidos por los tributarios aztecas, Tecamachalco y Quecholac*” (1967, v. 1, p. 345).

Segundo Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, temos notícias das campanhas de Nezahualpilli contra Atlixco e Huexotzinco, que parece haver desempenhado nesse período um papel mais importante que as guerras contra Tlaxcala. Numa dessas campanhas contra Atlixco Fernando de

Alva Ixtlilxóchitl expressa que: “*el rey Nezahualpilli casi por estos tiempos hizo una entrada contra los de Atlixco, una de los señorios que estaban dedicadas para el ejercicio militar, de donde había cautivos para el ejercicio ordinario de sus falsos dioses*” (IXTLILXÓCHITL, 1985, p. 272).

Sobre o governo de Moctezuma II, (conforme dito) enfocaremos nas versões de Alvarado Tezozomoc (versão tenochca)³¹ e de Diego Muñoz Camargo. Contudo, vale ressaltar que neste período existem muitas discrepâncias entre as fontes. Por isso, para tentarmos esclarecer algumas destas discrepâncias anexamos uma tabela³² (anexo) com o intuito de ordenar os acontecimentos, cronologicamente, segundo as fontes que as mencionam.

3.2.1 - A versão tenochca (Alvarado Tezozomoc e Diego Durán)

A relação entre mexicas e tlaxcaltecas inicia com o tradicional convite aos diferentes inimigos, especialmente aos tlaxcaltecas, huexotzincas e chololtecas, para coroação de Moctezuma II. Comenta Diego Durán como, depois desse convite, Moctezuma II desenvolveu o costume de convidar “*los reyes y señores enemigos*”, três vezes ao ano.

Depois de obter êxito em várias campanhas em territórios distantes de Tenochtitlan, Moctezuma, “*el qual pesándole de tanta ociosidad y de que no se ofreciese ninguna guerra para el ejercicio de sus gentes, determinó demouerla contra los de Uexotzinco*” (DURAN, 1967, v. 1, p. 452). Segundo Alvarado Tezozomoc, a campanha também foi empreendida contra Atlixco, Cholollan e Tlaxcala (TEZOZOMOC, 1975, p. 437). Para comandar o exército na guerra, Moctezuma II nomeiou seu irmão (não filho, conforme citado em outras fontes) Tlacahuepan, que se revestiu com a insígnia da *Xipe Totec*. Inicialmente, sofreram muitas perdas contra os huexotzincas: Tlacahuepan entrou na batalha sendo obrigado a render-se depois de matar, aproximadamente, cinquenta inimigos. Depois de rendido, os exércitos inimigos mataram Tlacahuepan e levaram seu corpo como relíquia, depois de cortá-lo em pedaços. Também morreram dois irmãos de Moctezuma, e muitos outros senhores mexicas foram capturados. Os huexotzincas celebraram uma grande vitória, e Moctezuma II chorou, amargamente, quando lhe deram as más notícias. Os que escaparam da guerra chegaram “*todos destrocados y muchos ellos heridos*” (DURAN, 1967, v. 1, p. 453).

³¹ Alvarado Tezozomoc e Diego Durán formam a versão tenochca dos fatos narrados desse período. Esses dois cronistas fundamentaram suas narrativas através da fonte denominada **Crônica X**, conforme dito em capítulo anterior.

³² Essa tabela foi elaborada por Claude Nigel Byam Davies em sua obra **Los Señorios Independientes Del Império Azteca**. INAH: México, 1968.

Como primeiro resultado dessa campanha, os huexotzincas y atlixcas, “ufanos de la victoria pasada”, foram até Atzitzihuacan e Cuauhquechollan para destruir as guarnições que os mexicas tinham naqueles lugares. Com o segundo resultado, o senhor de Tollan Ixtlilcuechahuac pediu a Moctezuma II permissão para vingar a morte de seu parente Tlacahuepan. Moctezuma II deu seu consentimento e outra vez foi iniciada uma batalha no território de Atlixco, a qual resultou catastrófica para o senhor de Tollan: “*Fue como quién envía corderos al matadero*” (TEZOZOMOC, 1975, p. 453). O senhor de Tollan foi preso e esquartejado, e junto com ele morreram também muitos mexicas.

De acordo com Diego Durán, neste mesmo período os mexicas travaram uma batalha contra os chololtecas. Porém, segundo Alvarado Tezozomoc, a batalha não foi somente contra os chololtecas, mas também participaram os huexotzincas e atlixcas. Diego Durán afirma que os chololtecas desafiaram Moctezuma “*que nunca se auian visto con los mexicanos en campo*” (DURAN, 1967, v. 1, p. 467). O resultado final foi a derrota dos mexicas. Contudo, não parece haver sido uma derrota completa, pois eles quiseram seguir outro dia com a batalha, mas os chololtecas mandaram decidir-lhes “*que ya se auian holgado y regocijado y pasado tiempo un poco con ellos, y que se fuesen con dios*” (DURAN, 1967, v. 1, p. 466). Partiram os mexicas muito tristes pelas suas perdas, 8.200 soldados, inclusive três capitães muito valentes.

Depois destas campanhas, nas quais os huexotzincas haviam guerreado com êxito contra os mexicas, Alvarado Tezozomoc argumenta sobre as diferenças que surgiram entre os huexotzincas e os tlaxcaltecas. Essas diferenças iniciaram um pouco depois da celebração do *fuego nuevo* em 1507. Depois desta celebração, chegaram a Tenochtitlan os embaixadores de Tecaehuatl, senhor de Huexotzinco queixando-se da hostilidade dos tlaxcaltecas e pedindo socorro. Moctezuma II mostrou-se simpático e permitiu que os huexotzincas se refugassem em seu território, incluindo seu próprio senhor (TEZOZOMOC, 1975, p. 474).

Moctezuma II empreendeu a guerra contra os tlaxcaltecas, porém, por razões inexplicáveis, não permitiu que os huexotzincas participassem da campanha. Houve uma batalha que durou, aproximadamente, vinte dias e só foi encerrada em virtude dos reforços enviados pelos mexicas. Com isso, os tlaxcaltecas foram rechaçados do território dos huexotzincas, e o general tlaxcalteca Tlahuicole tornou-se prisioneiro de Tenochtitlan (DURAN, 1967, v. 1, p. 473). Nesta versão, não encontramos os feitos gloriosos de Tlahuicole como prisioneiro: vivia em prantos por causa da saudade da mulher e dos filhos. Moctezuma II ofereceu sua liberdade, “*y andaba de casa en casa en Tenochtitlan, pidiendo limosna, y finalmente se mató, echándose de la pirámide de Tlatelolco*” (DURAN, 1967, v. 1, p. 476).

Segundo Durán, os mexicas lograram seus objetivos e salvaram aos huexotzincas dos tlaxcaltecas:

Quenta la historia que desde aquel día en adelante no osaron los de Tlaxcala enojar a los de Huexotzinco, temiendo la amistad que entre ellos y México quedaba, [...] aunque duró poco la amistad, porque, persuadidos por los cholultecas, se tornaron á enemistar con México y á tener entre ellos las guerras que antes tenían (DURAN, 1967, v. 1, p. 477).

Moctezuma II convidou Tecaehuatl, senhor de Huexotzinco, para uma festa, porém seus embaixadores encontraram guardas na fronteira entre o seu território e o de Tenochtitlan. Tecaehuatl mandou dizer a Moctezuma II que os cholultecas e os tlaxcaltecas haviam ameaçado destruir seu território se continuassem mantendo relações amistosas com os mexicas, “*y propuso que se volviera al ejercicio de la guerra acostumbrada antes*”. Moctezuma II aceitou a situação com uma atitude de compreensão – em outras palavras – sua proteção a Huexotzinco já pertencia ao passado (DURAN, 1967, v. 1, p. 478).

Depois disso, Moctezuma II empreendeu outra campanha contra Tlaxcala, que resultou sem nenhum vencedor (houve uma dura batalha com muitas perdas de ambos os lados). Diego Durán descreve esta batalha comentando a crueldade empregada por Moctezuma II contra os prisioneiros, dos quais alguns foram queimados vivos (DURAN, 1967, v. 1, p. 484).

3.2.2 - A versão de Diego Muñoz Camargo

Anteriormente ao governo de Moctezuma II, Muñoz Camargo comenta que a Tríplice Aliança tinha dominado todo o território circundante a Tlaxcala, inclusive Huexotzinco, Calpan, Atlixco e Cholollan. Assustados, os tlaxcaltecas “*determinaron de ponerse en arma y cuidado de las cosas que les pudiesen suceder [...], determinaron de guardar y conservar sus tierras y tener con esto paz con todos como siempre la habían tenido*” (MUÑOZ CAMARGO, 1984, p. 119). Em outras palavras, adotaram uma tática defensiva, ou seja, defender-se do inimigo em seu próprio território.

Porém, a reação mexica não foi nada pacífica. Incitados, segundo Muñoz Camargo, pelos huexotzincas, cholultecas e outras províncias sujeitas a Tenochtitlan, os mexicas procederam ao plano de cercar Tlaxcala, ocupando lugares na costa, até então não conquistados, “*solo por impedir por tal medio de estorbar las contrataciones y granjerías a los tlaxcaltecas [...]*” (MUÑOZ CAMARGO, 1984, p.124). Aponta Muñoz Camargo, que os tlaxcaltecas contavam com a ajuda de muitos refugiados que não aceitavam o domínio dos mexicas em seus territórios, especialmente os otomíes e os chalcas. Pagavam tributo aos tlaxcaltecas e guarneciam suas

fronteiras (MUÑOZ CAMARGO, 1984, p. 124). Em seus encontros com os exércitos mexicas faziam questão de saquear o máximo de produtos para os senhores tlaxcaltecas, principalmente aqueles que lhes faltavam, devido ao bloqueio mexica.

Esta situação durou sessenta anos, ou seja, desde o reinado de Moctezuma I; durante este tempo, os tlaxcaltecas estiveram cercados dentro de seu próprio território. Somente mais tarde, princípio do governo de Moctezuma II, que os mexicas resolveram acabar com Tlaxcala, quinze anos antes da chegada dos espanhóis, iniciando uma grande guerra que durou até a Conquista (MUÑOZ CAMARGO, 1984, p.124-125). Ao princípio desta guerra, os chololtecas juntaram-se aos mexicas e, juntos, tentaram subornar os otomíes, mas em virtude de sua fidelidade o intento fracassou. Logo entraram os exércitos de Huexotzinco e Xiloxochitlan no território tlaxcalteca, causando grandes danos. Apesar dos danos, os tlaxcaltecas rechaçaram os invasores, encurralando-os no alto da Sierra Nevada, de onde pediram ajuda a Moctezuma II.

A partir deste momento, Muñoz Camargo oferece poucos detalhes sobre o conflito. Menciona que é totalmente contrário à opinião de que Moteczuma II poderia ter conquistado os tlaxcaltecas, se quisesse. Mostra, insistentemente, a forte resistência de Tlaxcala e o grande ódio que reinava entre os mexicas e os tlaxcaltecas especialmente no governo de Moctezuma II, expressando que nunca se casavam entre si, como faziam os demais povos (MUÑOZ CAMARGO, 1984, p.136).

Neste contexto, convém em linhas gerais, ressaltarmos a análise dos fatos elaborada pelo frei Juan de Torquemada (1969), já que grande parte de sua narrativa foi fundamentada através da obra de Diego Muñoz Camargo. Contudo, Torquemada cita várias guerras entre os mexicas e os huexotzincas durante o governo de Moctezuma II, rechaçando, implicitamente, a versão de Muñoz Camargo de uma guerra contínua entre Tlaxcala e Tenochtitlan, aliada a Huexotzinco.

Segundo Torquemada (1969), já no segundo ano de seu governo, Moctezuma II determinou conquistar Tlaxcala. Nesta época, já estavam governando três dos quatro chefes das cabeças que encontrou Cortés, Maxixcatzin de Ocotelolco, Xicotécatl de Tizatlan e Tlehuexolotzin de Tepeticpac.

Menciona que, no segundo ano do governo de Moctezuma II aconteceu uma grande ruptura entre os tlaxcaltecas e huexotzincas. Da mesma forma que Muñoz Camargo, comenta que os huexotzincas estavam preparando-se para invadir Tlaxcala, já que seu exército estava postado em Xiloxochitlan que ficava a uma légua da província dos tlaxcaltecas. Porém, estes rechaçaram os invasores iniciando um contra golpe invadindo o território de Huexotzinco. Neste momento os huexotzincas vão pedir ajuda aos mexicas (TORQUEMADA, 1969, p.200).

Torquemada comenta que os mexicas tentaram invadir Tlaxcala por Tetella e Tochimilco – senhorios tributários daqueles - (Muñoz Camargo não explicita nada sobre este evento) chegando a Cuauhquechollan, onde se juntaram com seus vassalos de Itzócán y Chietlan. Porém, os tlaxcaltecas conseguiram vencer, e na batalha morreu Tlachahuepantzin, o capitão geral do exército mexica, que segundo Torquemada, era filho de Moctezuma II. Nessa batalha, os tlaxcaltecas praticaram muitos saques e invadiram o território de Chollan e Huexotzinco, causando uma migração de parte destas populações para Tenochtitlan (TORQUEMADA, 1969, p.200).

Neste momento, com muito ódio pela morte de Tlachahuepantzin, Moctezuma II resolve destruir Tlaxcala:

[...] ya que hasta ahora los han de destruir nuestros Antepasados, por tenerlos enjaulados, como Codornices, para hacer sacrificio de ellos [...] empero aora [...] es mi voluntad de destruir a Tlaxcala, y asolarla [...] y estando Tlaxcala por conquistar, no me tengo poe Señor Universal del Mundo (TORQUEMADA, 1969, p. 202).

Moctezuma II uniu um enorme exército, inclusive muitos povos que naquele momento eram tributários dos mexicas. Os senhores tlaxcaltecas não tomaram muitas precauções, confiando em suas fortificações e nos otomíes, que guardavam as fronteiras da província. Efetivamente, foram estes que resistiram aos ataques mexicas, “*y quando llegaron los de la Ciudad al Socorro, ya estaba hecha la Batalla*” (TORQUEMADA, 1969, p. 202). Os vencedores regressaram a Tlaxcala com muitos despojos. Em recompensa pelo seu valor, muitos senhores tlaxcaltecas casaram suas filhas com os capitães otomíes. Neste momento, os tlaxcaltecas decidiram reforçar suas defesas contra outros possíveis ataques: “*de reforcar su Ciudad, rehacer sus Fuertes, y renovar sus Fosas, haciendo en ellos muchos reparos*” (TORQUEMADA, 1969, p.203).

Segue comentando como os huexotzincas, aliados dos mexicas, capturaram Tlahuicole. Era tão valente, que apesar de ser tlaxcalteca, Moctezuma II tornou-o capitão geral em sua campanha contra os tarascos. Saiu-se vitorioso e pela segunda vez Moctezuma II ofereceu-lhe liberdade. Porém, Tlahuicole pediu que lhe sacrificassem matando oito guerreiros antes de morrer (TORQUEMADA, 1969, p. 219-20).

No décimo quinto ano do governo de Moctezuma II houve uma batalha entre os huexotzincas e os tlaxcaltecas, da qual os primeiros consideraram-se como vencedores, pois conseguiram capturar um capitão tlaxcalteca muito valioso, Tlachpanquizqui (TORQUEMADA, 1969, p. 227) Porém, em outra campanha, um ano depois, pereceram 3.200 mexicas.

Para finalizar o relato de Torquemada, devemos assinalar a semelhante opinião que tem com Muñoz Camargo ao afirmar que os mexicas e os tlaxcaltecas eram verdadeiros inimigos e que se Moctezuma não conquistou Tlaxcala foi porque não conseguiu (TORQUEMADA, 1969, p. 219).

3.3 A autonomia de Tlaxcala frente aos mexicas: Hernando Alvarado Tezozomoc e Diego Muñoz Camargo

3.3.1 A construção da narrativa de Hernando Alvarado Tezozomoc

Sobre a natureza das relações entre os mexicas e os tlaxcaltecas podemos constatar que, embora não diretamente, Hernando Alvarado Tezozomoc em sua obra **Crônica Mexicana** apresenta a hipótese de que as guerras entre estes dois grupos não tinha como finalidade a conquista.

Alvarado Tezozomoc faz parte da tradição de cronistas tenochcas, dos quais fundamentados pela fonte **Crônica X**, acreditam que os confrontos entre mexicas e tlaxcaltecas não tinham a intenção final de subjugação territorial.

Alvarado Tezozomoc afirmou tal hipótese ao observar que a manutenção dos conflitos entre os mexicas e os tlaxcaltecas era essencial para os primeiros, visto que, era através destes que se adquiria vítimas para os sacrifícios humanos. É o que expressa Alvarado Tezozomoc ao relatar uma conversa entre Moctezuma I e seu conselheiro Tlacaelel sobre a disposição de iniciar tais conflitos. Tlacaelel disse:

[...] con estos tales mercados vendran los tlaxcaltecas a ellos, y allí se comprarán y ellos se venderán por esclavos, y con este achaque tendremos muy cerca guerras para conseguir victoria y alcanzar esclavos para nuestra pretensión y adornamiento de nuestras personas[...] y será como tengo dicho, cebadera de nuestra presa con los tlaxcaltecas, Tliluhquitepec, Zacatlan, Cholula, y de los grandes pueblos cercanos, sin tomar la mexicana gente trabajo de ir tan lejos á guerras con daños suyos ni afrenta nuestra. (TEZOSOMOC, 1975, p. 362-363).

De acordo com Alvarado Tezozomoc estes conflitos contextualizaram as “guerras floridas”, nas quais o objetivo primordial era obter prisioneiros para os sacrifícios. Para este cronista as “guerras floridas” foram determinadas pela nobreza mexica pouco tempo depois de haver concluído a edificação do templo de Huitzilopochtli:

[...] con esto fue acabado, a donde se hizo solemne areito, mitote general en la gran plaza del cu Huitzilopochtli. Agora trata de la manera de la bengança <que> se ba a hazer de los Huaxaca por las muertes de los mexicanos que tan

aleuosamente mataron y rrobaron. Y con los que de allá trujeren catiuos sacrificaremos y haremos nueva ofrenda a la nueva casa y cu de Huitzilopochtli. (TEZOMOC, 1975, p. 177).

Podemos verificar tal hipótese no episódio em que Alvarado Tezomoc, ao relatar uma das batalhas entre os mexicas e os povos Huexotzinco, Atlixco, Cholollan e Tlaxcala no governo de Moctezuma II, descreve este conflito como “*suave muerte florida, y en florido campo, en batalla florecida de nosotros deseada*” (TEZOMOC, 1975, p. 441).

Na visão de Alvarado Tezomoc, os conflitos que os mexicas estabeleceram com os tlaxcaltecas tinham uma finalidade muito mais religiosa do que a subjugação definitiva. Isso porque, a religião desta população era caracterizada principalmente pela prática de imolações humanas de forma sistemática, em função do culto aos deuses, com destaque para o deus da guerra e protetor dos mexicas Huitzilopochtli. Esta prática sanguinária de sacrificar seres humanos respalda-se, essencialmente, na cosmogonia desta população (conforme dito no capítulo I). Por isso, a guerra entre estes beligerantes tornava-se um benefício para os mexicas, sendo Tlaxcala um lugar considerado como reserva de guerreiros para serem sacrificados em Tenochtitlan (TEZOMOC, 1975).

Esta hipótese desenvolvida por Alvarado Tezomoc é corroborada pelo cronista Diego Durán. Ao analisar os conflitos entre os mexicas e os tlaxcaltecas, Durán afirma que, para os primeiros, um dos modos para empreender esta guerra era que:

[...] los dioses fuesen servidos con sacrificios de hombres con la frecuencia necesaria[...] Y que la que más a esta movía era la honra y ensalzamiento de su dios Huitzilopochtli, al cual pues tenían ya templo, era justo hubiese víctimas que ofrecerle. (DURAN, 1967, p. 235)

Além do cronista Diego Durán, vários escritores têm aceitado esta proposição. Muitos deles baseados na lógica que repousa na enorme desproporção entre os protagonistas tanto em tamanho, como também em recursos. Com isso, chegam à conclusão de que, em vista desta desproporção, se os mexicas não conquistaram Tlaxcala foi porque não quiseram fazer.

Também existem outros argumentos que fundamentam tal hipótese. Por exemplo, aquele que considerava a província de Tlaxcala como uma área muito pobre e, por isso, carecia de interesse econômico para o povo mexica.

Dessa maneira encontramos conclusões como as seguintes:

Es de creer que si los mexicanos hubiesen querido destruir en verdad a Tlaxcala y eliminar el peligro que extrañaba, hubieran podido hacerlo concentrando contra ella todas las fuerzas de su imperio. No lo hicieron, sin duda porque se

impuso, en última instancia, la necesidad de mantener la Xochiyaoyotl (La "guerra florida"). (SOUSTELLE, 1962, p. 216).

Eduardo Corona expressa que:

Más que una verdadera rivalidad existía una concertación y aunque la zona era clave a nivel estratégico, no lo era a nivel económico para los mexicas, que se pasan de largo en sus rutas de conquista y tienen preferencia por otras zonas con recursos básicos para su desarrollo (1991, p. 128).

Elena Olvera Limán argumenta que a província de Tlaxcala, além de ser economicamente inviável, “*la población iba a ser un constante problema por ser difícil de controlar*”. (1991, p. 85). Provavelmente, os mexicas não iriam querer uma população que, constantemente, pudesse oferecer problemas para a total submissão e o pagamento de tributos.

Não podemos esquecer que estes conflitos poderiam ser extremamente úteis para que os filhos dos nobres mexicas se exercitassem e mostrassem o seu valor. Nas palavras de Diego Durán, “*otra motivación para llevar a cabo esta guerra era que los hijos de los grandes y los aficionados a la guerra se ejercitasen y mostrasen su valor y destreza*” (DURAN, 1967, p. 235).

Dessa forma, Alvarado Tezozomoc construiu uma narrativa sobre os conflitos entre mexicas e tlaxcaltecas afirmando que, ao invés dos primeiros preocuparem-se em ocupar a hegemonia total do México Central, era necessário manter seus inimigos vivos, pois estes serviriam para as práticas sacrificiais para o seu deus maior Huitzilopochtli. Naturalmente, os mexicas optaram em consentir na autonomia da província de Tlaxcala. Por causa do objetivo religioso, tornou-se muito mais viável manter uma política de constante hostilidade e deixar de lado a subjugação total.

3.3.2 A construção da narrativa de Diego Muñoz Camargo

Diego Muñoz Camargo desenvolveu a hipótese de que os mexicas tinham a finalidade de conquistar Tlaxcala mas não conseguiram³³. Fundamenta sua tese ao afirmar que, além destes dois povos desenvolverem ao longo dos anos, uma rivalidade e ódio nunca vistos até então, os tlaxcaltecas mostraram-se, extremamente, resistentes em relação aos ataques dos mexicas e seus aliados.

Em relação ao enorme ódio e rivalidade que desenvolveram Muñoz Camargo expressa que, “[...] *por donde se entiende, es por la enemistad que se tenían, que era mortal y terrible,*

³³ Para Diego Muñoz Camargo, o plano de conquistar Tlaxcala se sucedeu no governo de Moctezuma II.

pues jamás trabaron parentesco ninguno los unos con os otros [...]” (CAMARGO, 1984, p.145-146).

Podemos constar a finalidade de conquista pelos mexicas em relação ao território tlaxcalteca em várias passagens, na obra de Diego Muñoz Camargo. Vejamos algumas delas para comprovar a tese defendida por ele:

No momento em que os tlaxcaltecas estavam ficando isolados em seu próprio território pelos mexicas, os primeiros resolveram enviar alguns embaixadores para discutir quais seriam as causas daqueles conflitos, já que não haviam dado ocasião para isto, e que em nenhum momento tinham prejudicado seus comerciantes, saqueando suas mercadorias, maltratando-os. Os mexicas responderam aos embaixadores tlaxcaltecas que:

el gran señor de México era señor universal de todo el mundo, que todos los nacidos eran sus vassallos, que a todos los había de reducir para que le reconociesen por señor, e que a los que no lo hiciesen por bien y dalle la obediencia, los había de destruir, asolar sus ciudades hasta los cimientos y poblarlas de nuevas gentes (MUÑOZ CAMARGO, 1984, p. 137; grifo meu).

Outro episódio marcante foi a batalha no Vale de Atlixco, onde morreu Tlacahuepantizin, general e filho de Moctezuma II. O grande senhor mexica recebeu a notícia da morte de seu filho com grande pesar e ódio determinando *“asolar y destruir de todo punto la provincia de Tlaxcala. Para esto mandó por todo su reino que sin ninguna piedad fuesen a destruir el señorío de los tlaxcaltecas, pues le tenían enojado [...]*”(MUÑOZ CAMARGO, 1984, p.141) Por causa da morte de seu filho Tlacahuepantizin,

su voluntad era destruir a Tlaxcala y asolalla, porque no convenía que en el gobierno del mundo obiese más de una sola voluntad, un mando y un querer; y que estando Tlaxcala por conquistar, él no se tenía por Señor Universal del Mundo. Por tanto, que todos a una hora y en un día señalado se entrasen por todas partes y fuesen destruidos [los tlaxcaltecas] a sangre y fuego (MUÑOZ CAMARGO, 1984, p. 142).

Apesar disso, os tlaxcaltecas conseguem resistir, bravamente, a todas as investidas elaboradas pelos mexicas:

Vista la voluntad del poderoso rey Mochtheucomatzin, envió [éste a] sus capitanes por todo el circuito y redondez de Tlaxcala y, comenzando a estrecharles en un solo día por todas partes, fue tan grande la resistencia que hallaron los mexicanos que al cabo se fueron huyendo desbaratados o heridos, con pérdidas de muchas gentes e riqueza, que parece cosa imposible creerlo, y antes más parece patraña que verdad [...] (MUÑOZ CAMARGO, 1984, p.142).

Munõz Camargo afirma que, depois dessa investida (no governo de Moctezuma II), os tlaxcaltecas fizeram muitas festas, oferecendo sacrifícios humanos aos seus deuses e que,

*dende allí en adelante, vivieron los tlaxcaltecas con más cuidado, pertrechando sus fuertes con fosos y reparaos, porque Moctheuzoma no volviere sobre ellos en algún tiempo y los sujetase. Con esta continuación y vigilancia vivieron mucho tiempo, hasta la venida de Cortés, **procurando los mexicanos de sujetallos siempre, e ellos, con ánimo incencible, de resistirse, como siempre lo hicieron** (MUÑOZ CAMARGO, 1984, p.143; grifo meu).*

Em apoio à hipótese desenvolvida por Muñoz Camargo, é importante assinalar que os conquistadores espanhóis que narram os acontecimentos no Vale Central mesoamericano confirmam uma profunda inimizade e ódio entre os mexicas e os tlaxcaltecas. Isto é ilustrado quando Cortés chegou a Tlaxcala “*Preguntada la causa de aquella cerca, me dijeron que la tenía porque eran fronteras de aquella provincia Tascalteca, que eran enemigos de Mutezuma y tenían siempre guerra con ellos*”. (CORTÉS, 1946, p. 36).

Inimizade que, de acordo com Cortés, baseava-se em questões de independência política e econômica:

Antes habían vivido exentos, y por sí, de inmemorial tiempo áca, y que siempre se habían defendido contra el gran poder de Mutezuma y de su padre y abuelos ellos jamás habían podido traer a sujeción teniéndolos como los tenían cercados por todas partes sin tener lugar para por ninguna de su tierra poder salir (CORTÉS, 1946, p.40).

Cortés comenta que o próprio Moctezuma II disse que os tlaxcaltecas eram seus inimigos mortais (CORTÉS, 1946, p. 52).

José Eduardo Martínez Contreras ressalta que, se Tlaxcala pode não ter tido certa importância econômica que motivasse os mexicas a conquistá-la, teve importância no aspecto político, “*ya que era un factor importante de las sublevaciones de diversos pueblos de la región costera del Golfo, la Mixteca y del valle poblano-tlaxcalteca*” (CONTRERAS, 1995).

Além disso, José Eduardo Contreras afirma que Tlaxcala “*era foco de residencia de grupos de inconformes que provenían de varios pueblos subyugados los cuales representaban un riesgo que aunque pequeño, estaba siempre latente*”. Como exemplo disso, relatou que dá região de Huexotzinco e Tlaxcala haviam saído os contingentes de acolhuas que ajudaram a recuperar o reino de Texcoco para seu senhor Nezahualcoyotl (CONTRERAS, 1995).

Para a Tríplice Aliança comandada pelos mexicas, os povos do Vale Puebla-Tlaxcala representavam uma força inquietante. Reflexo disso, foi o aviso que Nezahualpilli fez ao seu pai o tlatoani Moctezuma Xocoyotzin, no qual dizia:

Por lo cual, debes estar avisado y advertido y con mucho cuidado, porque yo he alcanzado por cosa muy verdadera que de aquí a muy pocos años, nuestras ciudades serán destruidas y assoladas; nosotros y nuestros hijos, muertos, y nuestros vasallos, apocados y destruidos. Y de esto no tengas duda.

[...]

Y, para más verificar lo que te digo, y para que conozcas ser verdad, sé muy cierto que jamás que quisieras hacer guerra a los huexotzincas, tlaxcaltecas o cholultecas alcanzarás victoria; antes los tuyos serán siempre vencidos con pérdida de tus gentes y señores (DURÁN, 1967, p. 459).

José Eduardo Contreras finaliza seu pensamento comentando que a conquista de Tlaxcala teria fornecido aos mexicas um enclave geográfico importante, mediante o qual poderia garantir a estabilidade política de suas províncias tributárias localizadas nas proximidades do Vale de Puebla-Tlaxcala.

Constata-se que Digo Muñoz Camargo faz parte do grupo de escritores que defendem a tese de que Tlaxcala resistiu ao poderio dos mexicas. Nosso cronista faz questão de exaltar que, apesar do ódio e da vontade de conquistar a província de Tlaxcala, os mexicas não conseguiram, visto que os tlaxcaltecas resistiram, bravamente, até a chegada de Cortés, na América.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto das relações entre mexicas e tlaxcaltecas percebemos que a guerra na Mesoamérica teve um caráter fundamental, demonstrando ser essencial na criação e manutenção daquele território como uma área de cultura. A guerra fazia parte de toda a estrutura social, econômica, política e cultural dos povos do Anahuác. Por isso, as questões militares estavam muito presentes entre os povos daquele território.

Efetivamente, como temos comprovado, os indígenas eram muito hábeis no manejo de todo tipo de armas, no planejamento das campanhas, tanto no que se refere à logística como à estratégia, e isto pareceu requerer uma preparação especializada que se transmitia nas escolas controladas pelo governo, juntamente com uma doutrina que motivava a sociedade a ser parte da maquinaria bélica como a opção mais atrativa.

Apesar dos resultados destrutivos que a guerra causou no México pré-hispânico, não podemos negar que foi um formidável ativador da economia, dá integração de regiões produtivas diferenciadas, de mercados, da urbanização, da expansão e câmbio cultural. Neste último devemos mencionar não só a propagação de práticas, usos e costumes civis, como a adoção de padrões militares para defender-se dos grupos hostis.

Observa-se que os efeitos de uma atividade militar normalizada na Mesoamérica, ao menos desde o século X; a sucessão de guerras e campanhas militares combinadas ou alternadas com os trabalhos na produção, o intercâmbio, a administração governamental e a reprodução social, imprimiram às sociedades indígenas um profundo caráter bélico. As múltiplas instâncias do cotidiano, a distribuição das ações diárias entre os indivíduos e grupos, reservaram um momento especial necessário para o empreendimento guerreiro: desde elaborar armas e vigiar, até recordar os parentes mortos em combate e orar aos deuses para pedir proteção e êxito, na contenda.

Em relação à **Crónica Mexicana** de Hernando Alvarado Tezozomoc e a **Historia de Tlaxcala** de Diego Muñoz Camargo, entendemos como obras mediadoras de relações pautadas na construção de uma memória pré-hispânica. A construção plasmada nas obras teria servido para dar sentido e abrir um caminho de intermediação para a elite mexica e tlaxcalteca, que tinham sofrido uma rápida desestruturação com o surgimento das novas organizações sócio-políticas da segunda metade do século XVI. Assim, essas obras representam “*el vivo testimonio de un espacio de la ruptura, del desgarramiento cultural, de la escisión que provoca el estar nepantla dos mundos*” (VELAZCO, 2003, p. 268).

Portanto, os dois escritores do México colonial representam a produção de uma “etnicidad” emergente na situação colonial. São exemplos de sujeitos coloniais que nos convida a desconstruir o mito de uma identidade fixa e imóvel (VELAZCO, 2003, p. 269). Os motivos ou razões dessas “*visiones de Anahuác*” e a construção de uma “*etnicidad*” heterogênea tem relação com a estratégia de reposicionamento na nova ordem colonial. Estes autores constroem um *locus* de enunciação para as elites indígenas das respectivas regiões (Tlaxcala e México-Tenochtitlan), através do qual se tem a intenção de recobrar os privilégios perdidos desse grupo. Estamos na presença de uma historiografia produzida para afirmar ou conservar uma posição política, social e cultural, no contexto colonial.

Sobre a análise das relações entre a Tríplice Aliança (especialmente os mexicas) e os tlaxcaltecas, constatamos que, originalmente, desde sua fundação, Tlaxcala gozava de uma amizade tradicional com Texcoco, como também em relação à Tenochtitlan.

A crescente influência mexicana na Tríplice Aliança coincidiu com aumento da hostilidade sobre Tlaxcala. E o fator decisivo foi a expansão mexicana para a costa do Golfo, iniciado no governo de Moctezuma I, muito mais motivada pelos objetivos econômicos do que militares. A grande quantidade de tributos que se obtinha dessas regiões nos dá a comprovação de sua importância econômica para os mexicas.

Ao expandir para este território, os mexicas cortaram o contato comercial de Tlaxcala com aquela região causando sérios problemas para os tlaxcaltecas. Quando Cortés chegou, os tlaxcaltecas já não vestiam roupa de algodão, além de lhes faltar sal, produto muito importante na economia pré-hispânica. A falta desse produto constituiu em um grande problema para os tlaxcaltecas. Miguel Mendizabal (1928) comenta a política tirânica dos mexicas sobre os senhorios independentes, dentre eles Tlaxcala, em relação ao comércio de sal. Explica este autor que os tlaxcaltecas “*tenían aflorcencias salinas en forma de ‘tequesquite’ (sesquicarbonato de sosa), de los que podían extraer una sal impura pero es seguro que carecían de sal beneficiada, o sal de mesa*”.

Em linhas gerais, podemos dividir em três fases o processo de expansão dos mexicas para a costa do Golfo e, conseqüentemente, o aumento das hostilidades destes sobre a província de Tlaxcala:

- 1) A conquista da região de Tepeyácac ao sudeste de Tlaxcala. Neste momento, os tlaxcaltecas não interferiram no conflito, mantendo suas relações amistosas com a Tríplice Aliança.

- 2) Na segunda fase, os mexicas chegaram à costa do Golfo com as campanhas de Moctezuma I contra Cuetlaxtlan, Ahuilizapan e Cempoallan. Nesta fase os tlaxcaltecas prestaram

ajuda aos inimigos dos mexicas, porém segundo Alvarado Tezozomoc (1975), foi esporádica e ineficaz. Desse modo, a ajuda que prestaram os tlaxcaltecas aos povos do Golfo foi limitada e não lhes salvou do domínio mexica.

c) Na terceira fase, a costa do Golfo converteu-se em uma zona de domínio mexica. Neste momento, os tlaxcaltecas, nas palavras de Claude Nigel Davies (1968), adotaram uma estratégia defensiva, até o ponto de rechaçar mais tarde o pedido de ajuda dos tlaxcaltecas contra Tenochtitlan, o que poderia ter sido uma magnífica oportunidade para enfraquecer os tenochcas.

Neste período, segundo a versão tenochca (Alvarado Tezozomoc e Diego Durán), correspondem a iniciação, ainda durante o governo de Moctezuma I, das chamadas “guerras floridas”, não somente contra Tlaxcala, mas também com Huexotzinco, Cholollan, Atlixco e Tliluhquitepec.

No governo de Axayácatl, segundo Alvarado Tezozomoc (1975), houve uma campanha mexica contra Tliluhquitepec; e segundo Torquemada (1969) também houve uma campanha contra Atlixco e Huexotzinco. Nenhuma fonte menciona guerras contra Tlaxcala.

No governo de Tízoc, Torquemada (1969) comenta sobre uma campanha mexica contra Huexotzinco e no governo de Ahuítzotl sobre uma campanha contra Atlixco e outra com Huexotzinco. Alvarado Tezozomoc (1975) e Diego Durán (1967) não mencionam as campanhas, porém comentam sobre sacrifícios estipulados por Ahuítzotl de prisioneiros de Huexotzinco, Atlixco, Tliluhquitepec e Cholollan.

Constatamos que nestes dois governos (governo de Axayácatl e Tízoc) as ofensivas contra Huexotzinco, Atlixco, Tliluhquitepec e Cholollan parecem ter sido mais constantes do que contra Tlaxcala. Tendo em vista a falta aparente de guerras entre os mexicas e os tlaxcaltecas, Claude Nigel Davies (1968) levanta a hipótese de poder ter havido uma espécie de “guerra fria”, sem combatentes, um estado de coisas em que ambos combatentes sabiam que perderiam mais do que ganhariam. Afirma que, para os tlaxcaltecas, havia o perigo de perder por completo sua liberdade e para os mexicas existia a perspectiva de largas e custosas campanhas contra um inimigo muito valente, porém sem esperança de ganâncias correspondentes, tendo em vista suas deficiências econômicas.

Com Moctezuma II a situação mudou, radicalmente. Os conflitos entre os mexicas e os tlaxcaltecas atingiram uma proporção nunca vista até então. Diego Muñoz Camargo (1984) atribui essa mudança a pretensão do *tlatoani* mexica de subjugar o território tlaxcalteca. Todavia, se levarmos em consideração a narrativa de Hernando Alvarado Tezozomoc podemos constatar que o significativo aumento dos conflitos entre os mexicas e os tlaxcaltecas foi devido à ambição dos primeiros em adquirir vítimas para os sacrifícios em nome de seus deuses, especialmente

Huitzilopochtli. Segundo esse cronista, não houve uma profunda penetração dos mexicas em território tlaxcalteca, já que seu objetivo não era a conquista total daquele território.

Em relação à manutenção da autonomia da província de Tlaxcala frente aos mexicas, constatamos que Diego Muñoz Camargo tem uma opinião contrária a de Hernando Alvarado Tezozomoc:

a) Diego Muñoz Camargo – hipótese da resistência:

Segundo Muñoz Camargo, os mexicas não conseguiram conquistar a província de Tlaxcala por causa da poderosa resistência dos tlaxcaltecas. Afirmou que, apesar das investidas dos mexicas, especialmente no governo de Moctezuma II, os tlaxcaltecas conseguiram manter sua autonomia política até a chegada de Cortés da América. Claude Nigel Davies (1968) suscita alguns dados que conformam com a hipótese desenvolvida por Diego Muñoz Camargo. Vejamos:

1) Afirma que, como consequência do longo período em que estava cercado pelos mexicas, a força militar dos tlaxcaltecas pode haver aumentado substancialmente, sendo Tlaxcala obrigada a converter em uma espécie de grande acampamento militar capaz de resistir às investidas de Tenochtitlan. Comenta ainda que os tlaxcaltecas, não só tinham fortificações, mas também contavam com um exército de fiéis mercenários compostos pelos otomíes e outros refugiados, unidos por uma grande inimizade em relação aos mexicas.

2) Também afirma que, apesar de os tlaxcaltecas estarem cercados, não estavam, provavelmente, como se pôde supor. Militarmente, realmente estavam rodeados, porém, o bloqueio não foi eficaz. As campanhas dos mexicas contra Tlaxcala estavam concentradas em algumas regiões, contudo, a leste e a noroeste não se tem relatos de conflitos. Comenta que, provavelmente, os mexicas não podiam contar, suficientemente, com a lealdade dos habitantes para montar uma campanha contra Tlaxcala a partir daquela direção.

Ainda que aceitamos a perfeição do bloqueio mexica sobre Tlaxcala, podemos considerar que os problemas econômicos que os tlaxcaltecas sofriam, tão seriamente por causa desse cerco, não afetaram muito sua capacidade militar, pois os exércitos daquela época dependiam pouco de artigos ou matérias-primas importadas para poder guerrear. Porém, duvidamos da perfeição do bloqueio mexica, quando se pensa que ainda hoje, os estados modernos, com todos seus meios eficazes de vigilância, têm problemas em muitas partes do mundo para controlar o contrabando de mercadorias.

b) Hernando Alvarado Tezozomoc – hipótese da não conquista:

Segundo Alvarado Tezozomoc, os mexicas não tinham a intenção de conquistar a província de Tlaxcala, visto que eles consideravam os tlaxcaltecas como uma reserva de vítimas

para os sacrifícios, em homenagem aos seus deuses. Por isso foram condizentes com a autonomia tlaxcalteca até a chegada de Hernán Cortés.

Corroborando Alvarado Tezozomoc, Elena Olvera Limán (1991) afirma que os mexicas estavam guerreando com os tlaxcaltecas sem a intenção de conquistá-los. Suscitou esta hipótese ao observar que no governo de Moctezuma II, a força militar dos mexicas contra os tlaxcaltecas estava diminuindo em comparação ao governo anterior. Comenta que, o “império” mexica já estava demasiadamente grande e as constantes revoltas eram difíceis de controlar, sendo que, nas campanhas contra Tlaxcala, Moctezuma II não enviava seu exército principal como era feito nos governos anteriores.

Além disso, expressa que Tlaxcala não constituía nenhum grande prêmio do ponto de vista econômico (devemos recordar que o objetivo principal das conquistas mexicas era a obtenção de tributos) e que uma vez conquistados, poderia ser muito difícil de controlá-los, não somente eles, mas também os otomíes e os outros refugiados “irreconciliáveis”, aqueles que, provavelmente, os mexicas tinham pouca vontade de tê-los outra vez dentro de suas fronteiras. Nas palavras de Elena Olvera Limán:

Fue quizá, algo como la situación que prevaleció entre los rusos y los finlandeses después de la segunda guerra mundial: los ruso habrían podido incorporar a los finlandeses dentro de su esfera de influencia, pero prefirieron dejarlos fuera, sabiendo que a la larga no podían dominarlos, por estar tan arraigado su espíritu de independencia (1991, p. 95)

Nesse sentido, Claude Nigel Davies (1968) menciona que, a possibilidade dos mexicas não terem o objetivo de conquistar Tlaxcala, poderia estar relacionada com a grande necessidade que tinham de obter vítimas para os sacrifícios em nome dos seus deuses. Porém ao final de sua análise aproxima-se da tese defendida por Diego Muñoz Camargo ao afirmar que apesar dos elementos rituais nas guerras entre os mexicas e os tlaxcaltecas as perdas eram demasiadamente grandes, e as batalhas excessivamente disputadas, para que existisse a possibilidade de que fossem puras guerras rituais. Afirma que, os conflitos entre os mexicas e os tlaxcaltecas duraram até a Conquista e o que encontraram os espanhóis em Tlaxcala foram verdadeiros inimigos dos mexicas, privados, economicamente, pela guerra e não simples adversários em uma espécie de torneio ritual (1968, p.147). Nas palavras de Claude Nigel Davies:

La guerra total, que empieza con la movilización de toda la población y que termina con la victoria o la derrota total, es más bien un concepto moderno. Basándose en este concepto de guerra total, los aztecas habrían podido conquistar a Tlaxcala y a sus vecinos y que si no la conquistaron, fue porque no quisieron, así la guerra entre ellos no fue una verdadera guerra [...] Aún hoy en día tenemos el ejemplo de la potencia más grande del mundo, que de hecho

hasta da fecha, no ha sido capaz de suprimir un levantamiento contra el gobierno de un pequeño país que depende de ella. Se supone, que los futuros historiadores no van a describir la guerra de Vietnam como una Guerra Florida, simplemente porque una gran preponderancia de fuerza no llevó fácilmente a una victoria completa (1968, p. 150).

REFERÊNCIAS

Fontes

ACOSTA, Joseph de. **Historia natural y moral de las Indias**. Ed. Edmundo O'Gorman. México: Fondo de Cultura Económica, 1962.

CERVANTES DE SALAZAR, Francisco. **Crónica de la Nueva España**. Madrid: The Hispanic Society of America, 1914.

CORTÉS, Hernán. **Cartas y relaciones**. Bueno Aires: Emecé, 1946.

_____. **Cartas y documentos**. México, DF: Porrúa, 1963.

DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia verdadera de la conquista de la Nueva España**. México, DF: Porrúa, 1960. v. 1-2.

DURÁN, Fray Diego. **Historia de las indias de Nueva España**. México, DF: Ed. Nacional, 1967. v. 1-2.

FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. **Historia general y natural de las Indias**. Editor Juan Pérez de Tudela Bueso. Madrid: Atlas, 1959. v. 1.

IXTLILXOCHITL, Fernando de Alva. **Historia de la Nación Chichimeca**. Madrid: Historia 16, 1985.

_____. **Obras históricas**. México, DF: Ed. UNAM : Instituto de Investigaciones Históricas, 1975.

MOTOLINÍA, Benavente Toribio de. **Historia de los indios de la Nueva España**. Madrid: Herederos de Juan Gili, 1914.

MUÑOZ CAMARGO, Diego. **Historia de Tlaxcala**. Madrid: Dastin, 1984.

_____. **Descripción de la ciudad y provincia de Tlaxcala de las Indias y del Mar Océano para El buen gobierno y ennoblecimiento della**, ed. Facsimilar del manuscrito de Glasgow, UNAM, México, 1981.

SAHAGÚN, Fray Bernardino de. **História general de las cosas de Nueva España**. México, DF: Porrúa, 1956.

TEZOSOMOC, Alvarado Fernando. **Crónica Mexicana. y Códice Ramirez**. 2. ed. México, DF: Porrúa, 1975.

TORQUEMADA, Juan de. **Monarquía Indiana**. México, DF: Porrúa, 1969. v. 1-2.

Teses e Dissertações

ARCURI, Márcia. **Os sacerdotes e o culto oficial na organização do Estado mexica**. 2003. 264 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

BOEHM SCHOENDUBE, Brigitte. **La formación del Estado en el México prehispánico**. Tese (doutorado em Antropologia) - C.I.E.S.A.S, México, DF, 1981.

CONTRERAS MARTINEZ, José Eduardo. **La guerra en Mesoamérica: los mexicas un caso reconstructivo**. 1986. Tese (Licenciatura em Arqueologia) - Escola Nacional de Antropologia e Historia, México, DF, 1986.

FUKUNAGA, João Luiz. **Crônica Mexicana de Hernando Alvarado Tezozómoc e as redes de inteligibilidade da memória (1538-1598)**. 2008. 169 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

NAVARRETE LIÑARES, Federico. **Mito, historia y legitimidad política: las migraciones de los pueblos del Valle de Mexico**. 2000. Tese (Doctor en Estudios Mesoamericanos) - Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México, México, DF, 2000.

Livros e Periódicos

ACUÑA, René. Estúdio preliminar. In: MUÑOZ CAMARGO, Diego. **Descripción de la ciudad y provincia de Tlaxcala de las Indias y del Mar Océano para el buen gobierno y ennoblecimiento dellas [1580-1585]**. México, DF: Ed. UNAM, 1981.

ANALES ANTIGUOS DE MÉXICO Y SUS CONTORNOS. México (Ciudad), v. 4, 1948.

ANGULO, Andrés. Geografía arqueológica de Tlaxcala. In: CONGRESO MEXICANO DE HISTORIA, 9., Tlaxcala, 1949. Manuscrito del Museo Nacional de Antropología e Historia. 1949.

ARMILLAS, Pedro. Fortalezas mexicanas. **Cuadernos Americanos**, México, DF, n. 41, p. 143-163, 1948.

BANDELIER, Adolphe F. On the art of war and mode of warfare of the ancient mexicans. **Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology: 10th Annual Report**, Cambridge, 1877 (tradução em espanhol).

_____. On the social organization and mode of government of the ancient mexicans. **Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology: 12th Annual Report**, Cambridge, 1880 (tradução em espanhol).

BALIBAR, Etienne. Is there a 'Neo-Racism'? In: BALIBAR, Etienne; WALLERSTEIN, Immanuel. **Race, nationm, class: ambiguo identities**. London-New York: Verso, 1991. p.17-27.

BALLESTEROS GAIBROIS, Manuel. Introducción. In: FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. **Sumario de la natural historia de las Indias**. Madrid: Historia 16, 1986. p.7-44.

BARLOW, Robert H. **Los mexicas y la triple Alianza**. México, DF: INAH, Puebla: UDLA, 1990. v. 3.

_____. **La extensión del imperio Culhua-tenochca**. México, DF: INAH, Puebla: UDLA, 1992. v. 2.

_____. La Fundación de la Triple Alianza (1527-1433). **Anales del Instituto Nacional de Antropología e Historia**, México, DF, v. 3, p. 147-155, 1949.

_____. La crónica X: versiones coloniales de la historia de los mexicas tenochca. **Revista Mexicana de Estudios Antropológicos**, México, DF, v. 7, p. 65-87, 1945.

BERDAN, Francês F. **The Aztecs of Central México: an imperial society**. New York : Holt, Rinehart & Winston, 1982.

BERDAN, Frances F.; ANAWATL, Patricia Rieff. **The essential Codex Mendoza**. Berkley: University of California, 1997.

BELTRÁN, Ulises. **Tarascan state and society in prehispanic times: an ethnohistorical inquiry**. Chicago, Ill.: Ed. University of Chicago, 1982.

BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. **História do novo mundo: da descoberta à conquista uma experiência européia (1492-1550)**. São Paulo: Edusp, 1997.

BETHELL, Leslie (Org.). **Histórica da América Latina: América Latina colonial**. São Paulo: Edusp, 1988. v. 1.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRODA, Johanna. La expansión imperial mexicana y los sacrificios del templo mayor. In: MONJARÁS-RUIZ, Jesús; BRAMBILA, Rosa; PÉREZ-ROCHA, Emma. (Recomp.). **Mesoamérica y el centro de México**. México, DF: INAH, 1985. p. 433-475.

BUENO, Isabel. La guerra mesoamericana en época mexicana. **Estudios de Cultura Náhuatl**, México, DF, v. 35. p.253-274, 2006.

_____. La guerra naval en el Valle de México. **Estudios de Cultura Náhuatl**, México, DF, v. 36, p. 199-224, 2002.

CASO, Alfonso. **El Teocalli de la guerra sagrada**. México, DF: Talleres Gráficos de la Nación, 1927.

CANSECO VINCOURT, Jorge. **La guerra sagrada**. México, DF: INAH, 1966.

CARRASCO PIZANA, Pedro. Estructura político-territorial del Imperio Tenochca: la Triple Alianza de Tenochtitlan, Tetzco y Tlacopan. **Ethnohistory**, Durhan, v. 45, n. 4, p. 809-811, 1998.

_____. La sociedad mexicana antes de la conquista. In: GARCÍA MARTÍNEZ, Bernardo **Historia General de México**. México, DF: El Colegio de México, 1976.

_____. **Los Otomies**: cultura e historia prehispánica de los pueblos mesoamericanos de habla otomiana. México, DF: Ed. UNAM : Instituto de História, 1950.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHAMORRO, Germán Vázquez. Nota Introdução. In: MUÑOZ CAMARGO, Diego. **Historia de Tlaxcala**. Madrid: Dastin, 2003.

CHAVERO, Alfredo. **El lienzo de Tlaxcala**: explicación de las láminas. México: Cosmos, 1979.

CLAVIJERO, Francisco Javier. **Historia antigua de México**, México, DF: Porrúa, 1987.

COLSTON, Stephen A. The historia mexicana and Durán's historia. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, n. 62, p. 35-42, 1973.

CORONA, Eduardo. El carácter militarista de la formación tlaxcalteca. In: SIMPOSIOS INTERNACIONALES DE INVESTIGACIONES SOCIO-HISTÓRICAS SOBRE TLAXCALA: Historia y Sociedad en Tlaxcala, 4./5., 1988, Tlaxcala. **Memorias ...** Tlaxcala: Gobierno del Estado de Tlaxcala, Instituto Tlaxcalteca de Cultura : Universidad Autónoma de Tlaxcala, 1991. p. 127-131.

CONTRERAS MARTINEZ, José Eduardo. En torno al concepto de la guerra florida entre tlaxcaltecas y mexicas. **Dimensión Antropológica**, Tlalpan, año 2, v. 3, ene./abr., 1995.

COOK, Sheburne F. Human Sacrifice and warfare as factors in the demography of precolonial México. **Human Biology**, Baltimore, v. 18, p. 81-102, 1946 (tradução em espanhol).

DAVIES, Nigel. **Los mexicas**: los primeros pasos hacia el império. México, DF: Ed. UNAM, Instituto de Investigaciones Históricas, 1973.

_____. **Los señoríos independientes del Império Azteca**. México: INAH, 1968.

DE ROJAS, José Luis. El Xoconochco: ¿una provincia aislada del imperio? **Revista Española de Antropología Americana**, Madrid, n. 19, p. 91-107, 1989.

ERDHEIM, Mario, Transformaciones de la ideología mexicana en realidad social. In: CARRASCO, Pedro; BRODA, Johanna. (Ed.). **Economía, política e ideología**. México: Nueva Imagen, 1978.

FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe. 'Aztec' auguries and memories of the conquest of Mexico. **Renaissance Studies** 6. 3-4: p. 288-305, 1992.

FLORENTINE Codex: a general history of the things of New Spain. Traducido y anotado por J. O. Anderson y Charles E. Dibble. Santa Fé, New México: The University of UTAH, 1950.

FRANÇA, Susani Silveira Lemos. **Os reinos dos cronistas medievais: século XV**. São Paulo: Annablume; Brasília, DF: CAPES, 2006.

GALVÁN, José Rubén Romero. **Los privilegios perdidos: Hernando Alvarado Tezozómoc, su tiempo, su nobleza, y su crónica mexicana**. México, DF: Ed. UNAM : Instituto de Investigaciones Históricas, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

GARIBAY KINTANA, Angel Maria. **Historia de la literatura Náhuatl**. México, DF: Porrúa, 1971. v. 2.

GARCÍA, Gregório. **Origen de los indios de el nuevo mundo e indias occidentales**. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

GENETTE, Gérard. **Narrative discourse: an essay in method**. Translated by Jane E. Lewin, Foreword by Jonathan Culler. Ithaca: Cornell University, 1980.

GIBSON, Charles. **Los aztecas bajo el dominio español: 1519 – 1810**. 9. ed. México, DF: Siglo XXI, 1986.

_____. **Tlaxcala in the sixteenth century**. México, DF: Fondo de Cultura Económica. Stanford: Stanford University Press, 1967.

_____. The identity of Diego Muñoz Camargo. **The Hispanic American Historical Review**, Washington, v. 30, p. 195-208, 1950.

GONZÁLEZ MUÑOZ, María del Carmen.. **Geografía y descripción universal de las Indias de Juan López de Velasco**. Biblioteca de Autores Españoles (248). Madrid: Atlas, 1971. v. 5-43.

GORENSTEIN, Shirley. The differential development of New World empires. **Revista Mexicana de Estudios Antropológicos**, México, DF, v. 20, p.41-67, 1966.

GRUZINSKI, Serge. **La colonización de lo imaginario: sociedades indígenas y occidentalización en el México español, siglos XVI – XVIII.** Tradução de Jorge Ferreiro. 2. ed. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1995.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço.** São Paulo: Cia das Letras, 1999.

GRAULICH, Michel, El sacrificio humano em Mesoamérica. **Revista Arqueologia Mexicana**, México, DF, v. 11, n. 63, p.18-23, 2003.

HASSIG, Ross. **War and society in ancient Mesoamérica.** Berkeley: University of California, 1992.

_____. **Aztec warfare: imperial expansion and political control.** Norman: University of Oklahoma, 1988.

HERREJON, Carlos. La pugna entre Mexicas e Tarascos. **Cuadernos de Historia**, Toluca, v. 1, p. 11-47, 1978.

HERRERA, Antonio de. **Historia general de los hechos de los castellanos en las islas, y tierra-firme de el mar oceano.** Asunción: Guaranía, 1944.

IRABIRU, José. **Hecho de los Apostolos en la America.** 3. ed. Pamplona: Fundación Gratis Date, 2003. Tradução Permanência. Disponível em:
<<http://www.gratisdate.org/nuevas/hechos/default.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2007.

JÁKFALVI-LEIVA, Susana. De la voz a la escritura: la Relación de Titu Cusi (1570). **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, Lima, año 19, n. 37, p. 259-277, 1993.

KATZ, Friederich. **Situación social económica de los aztecas durante los siglos XV y XVI.** México, DF: Instituto de Investigaciones Históricas, 1966.

KIRCHHOFF, Paul. Mesoamérica: sus limites geográfico, composición étnica y caracteres culturales. **Acta Anthropologica**, México, DF, n. 1, p. 92-107, 1943.

KLOR DE ALVA, Jorge. Spiritual conflict and Accommodation in New Spain: toward a typology of Aztec Responses to Christianity. **The Inca and Aztec states, 1400-1800: anthropology and history**, 1982. p. 345-366.

KRICKEBERG, Walter. **Mitos y leyendas de los aztecas, incas, mayas y muiscas.** México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1971.

LAMEIRAS, Brigitte Boehm de. **Estratégia geopolítica de las formaciones estatales del México prehispánico.** Madrid, Simposio sobre Mesoamérica y Peru, 1978.

LAMEIRAS, José. **Los déspotas armados.** México, DF: Colégio Michoacán, 1985.

_____. La guerra en el México antiguo. **Arqueología Mexicana**, México, DF, v. 1, n. 4, 1993.

_____. El militarismo en Mesoamérica en el siglo XVI. In: LOMBARDO, Sonia; NALDA, Enrique (Coord.). **Temas Mesoamericanos**.. México, DF: INAH, 1996. (Obra Diversa)

LEÓN PORTILLA, Miguel. Izcóatl, creador de una cosmovisión guerrera. **Revista de la Universidad de México**, México, DF, v. 11, p. 4-14, 1956.

_____. **Visión de los vencidos: crónicas indígenas**. Madrid: Historia 16, 1985.

_____. **Los antiguos mexicanos a través de sus crónicas y cantares**. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1968.

_____. **Literaturas indígenas de México**. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1992. Madrid: MAPFRE, 1992.

_____. **Toltecyótl, aspectos da cultura Náhuatl**. Mexico, DF: Fondo de Cultura Económica, 1980.

LIENHARD, Martín. La crónica mestiza en México y el Perú hasta 1620: Apuntes para su estudio histórico-literario. **Revista Crítica Literaria Latinoamericana**, Lima, año 9, n. 17, p.105-115, 1983.

_____. Mesoamérica: la llamada crónica indígena. **Literatura Mexicana**, México, DF, v. 1, p. 9-21, 1990.

_____. **La voz y su huella: escritura y conflicto étnico-social en América Latina, 1492-1988**. Hanover: Ediciones del Norte, 1991.

LIMÓN OLVERA, Elena, Tlaxcala frente a la triple alianza. In: SIMPOSIOS INTERNACIONALES DE INVESTIGACIONES SOCIO-HISTÓRICAS SOBRE TLAXCALA: Historia y Sociedad en Tlaxcala, 4./5., 1988, Tlaxcala. **Memorias ...** Tlaxcala: Gobierno del Estado de Tlaxcala, Instituto Tlaxcalteca de Cultura : Universidad Autónoma de Tlaxcala, 1991. p. 83-88.

LITVAK, K. Jaime. **Cihuatlán y Tepecoacuilco, provincias tributarias de México en el siglo XVI**. México, D.F: Ed. UNAM : Instituto de Investigaciones Históricas, 1971. (Antropológica, 12).

_____. Las relaciones entre México y Tlatelolco antes de la conquista de Axayácatl: problemática de la expansión mexicana. **Estudios de Cultura Náhuatl**, México, DF, v. 9, p. 17-20, 1971.

LOCKHART, James. **Los Nahuas después de la conquista:** historia social y cultural de indios del México Central del siglo XVI al XVIII. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1999.

LÓPEZ AUSTIN, Alfredo; LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. **El pasado indígena.** México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1996.

_____. Organización política em el altiplano Central de México durante el Postclásico. **Historia Mexicana**, México, DF, v. 23, n. 4, 1985.

_____. **La educación de los antiguos Nahuas.** México, DF: Consejo Nacional de Fomento Educativo: Ediciones El Caballito, 1985. v. 1-2. Mexico: Secretaría de Educación Pública, 1985.

MENDIZABAL, Miguel. **Influencia de la sal en la distribución de los grupos indígenas de México.** México, DF: Imprenta del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografía, 1928.

MIGNOLO, Walter. Cartas, crônicas y relaciones del descubrimiento y la conquista. In: MADRIGAL, Luis Íñigo (Coord.). **Historia de la literatura hispanoamericana, época colonial.** Madrid: Cátedra, 1987. t. 1. p.57-116.

_____. El mandato y la ofrenda: La descripción de la ciudad y provincia de Tlaxcala, de Diego Muñoz Camargo, y las Relaciones de Indias. **Nueva Revista de Filología Hispánica**, [México, DF], año 35, n. 2, p. 453-484, 1987.

MONJÁRAS, Ruiz, Jesús. Panorama general de la guerra entre los Aztecas. **Estudios de Cultura Náhuatl**, México, DF, 1976.

MONTERO, Paula (Org.). **Deus na aldeia:** missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Globo, 2006.

MONZÓN ESTRADA, Arturo. **El Calpulli en la organización social de los Tenochca.** México, DF: Ed. UNAM : Instituto de Investigaciones Históricas, 1949.

MORENO, Manuel M. **La organización política y social de los Aztecas.** México, DF: Ed. UNAM, 1931.

MORGAN, Lewis H. **Ancient society.** New York, 1877.

NAVARRETE LIÑARES, Federico. De la dicotomía entre história e mito. **Estudios de Cultura Náhuatl**, México, DF, v. 30, n. 30, p. 231-256, ene. 1999. Disponível em: <<http://www.ejournal.unam.mx/ecn/ecnahuatl30/ECN03011.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2008.

NOGUERA, Eduardo. Las guerras floridas. In: **El México Prehispánico**, México, 1946.

NUTALL, Zelia. The Aztecs and their predecesors in the valley of Mexico. **American Philosophical Society**, Philadelphia, v. 65, n. 4, p. 245-255, apr. 1926.

OCHOA, Lorenzo (Coord.). **Gran historia de México ilustrada: el mundo prehispánico**. México, DF: Planeta DeAgostini, 2002. t. 1.

OROZCO Y BERRA, Manuel. Oleada sobre Cronología Mexicana. In: ALVARADO TEZOZÓMOC, Hernando. **Cronica mexicana y código Ramirez**. 4. ed. México, DF: Porrúa, 1975.

_____. **Historia antigua y de la conquista de México**. México, DF: Porrúa, 1960. t. 1.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar: advertencia de sus contrastes agrarios, económicos, históricos y sociales, su etnografía y su transculturación**. Habana: Dirección de Publicaciones de la Universidad Central de las Villas, 1963.

PALERM, Vich Ángel. Notas sobre las construcciones militares y la guerra en Mesoamérica. **Anales INAH**, México, DF, v. 8, n. 37, p. 123-124, 1956.

POMPA, Cristina. **Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil Colonial**. Bauru: Edusc, 2002.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: Edusc, 1999.

PRESCOTT, William H. **The conquest of México**. New York: E. P. Dutton, 1962. (Everyman's library).

REIS, Anderson Robert dos; FERNANDES, Luis Estevam Oliveira. A crônica colonial como gênero de documento histórico. **Idéias**, Campinas, ano 13, n. 2, p. 25-42, 2006.

ROJAS, José Luis de. **Los aztecas: entre el dios de la lluvia y de la guerra**. Madrid: Biblioteca Americana Anaya, 1988.

_____. La organizacion del imperio mexicana. **Revista Española de Antropología Americana**, Madrid, n. 21, p.145-169, 1991.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. Usos historiográficos dos Códices Mixteco-Nahuas. **Revista de História**, São Paulo, n. 153, p. 69-115, dez. 2005.

SERAFIN, Silvana. La crónica mexicana come coscienza storica di un popolo. In: **Studi di letteratura ibero-americana**, Maria teresa Cattaneo, Carlos Romero, Silvana Serafin, editores, Rome: Bulzoni, 1984. p.35-45.

SMITH, Michael E. **The strategic provinces**. In: Berdan, blanton, Boone, Hodge, Smith, y 1996. p.137-150.

SOUSTELLE, Jacques. A vida quotidiana dos Astecas. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962.

SPEIR, Hans. Social order and the risks of war: papers in political sociology. Cambridge, Mass., MIT, 1969 (tradução em espanhol).

SULLIVAN, Thelma D. Introducción. In: DOCUMENTOS tlaxcaltecas del siglo XVI. México: Ed UNAM, p. 15-48, 1987.

TAPIA, Andrés de. Relación de algunas cosas de las que acaecieron al muy ilustre señor Don Hernando Cortés, Marqués del valle, en la Nueva España. In: Los cronistas: conquista y colonia, Presentación y selección de Carlos Martínez Marín, México: Promexa, p.437-470, 1985.

VELAZCO, Salvador. Visiones de Anáhuac Visiones de Anáhuac: reconstrucciones historiográficas y etnicidades emergentes en el México colonial: Fernando de Alva Ixtlixóchitl, Diego Muñoz Camargo y Hernando Alvarado Tezozómoc. México: Ed. Universidad de Guadalajara, 2003.

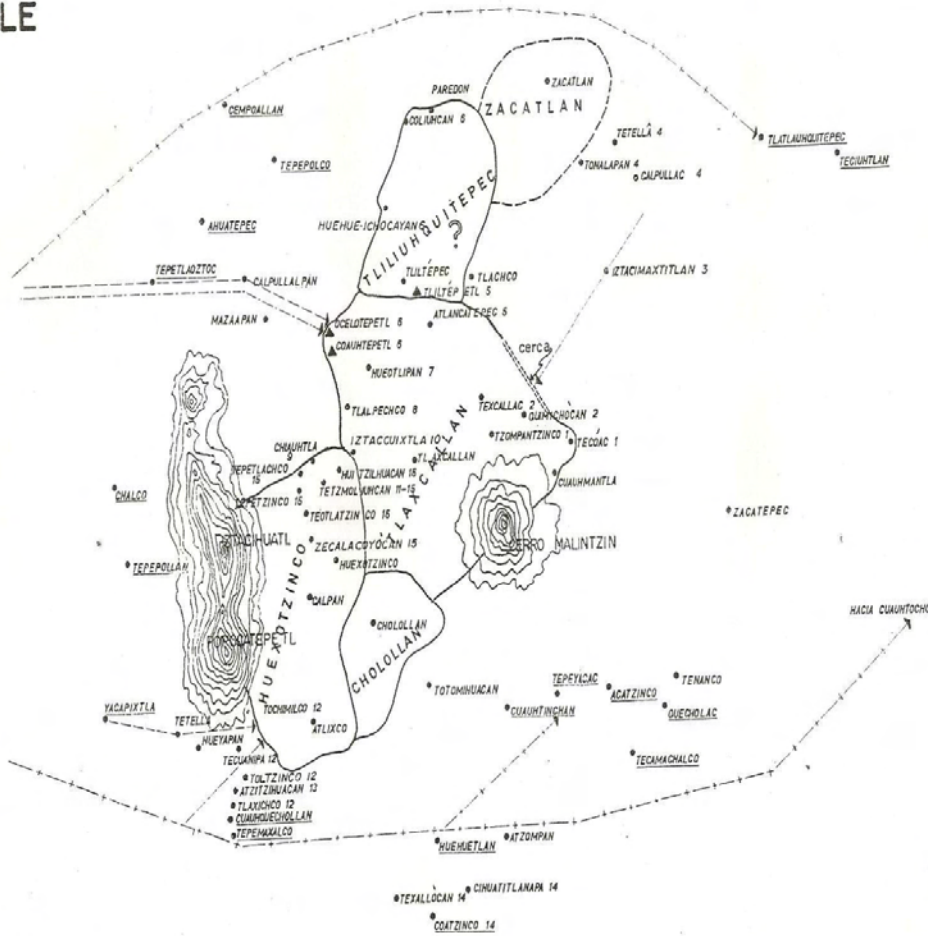
ANEXOS

ANEXO A - Mapa do Vale Puebla-Tlaxcala (mapa1)

LOS SEÑORIOS DEL VALLE PUEBLA - TLAXCALA



NOTA:
 LUGARES SUBRAYADOS ESTAN INCLUIDOS EN EL CODICE MENDOZINO COMO
 TRIBUTARIOS AZTECAS.
 AVENECAS AZTECAS BAJO MOCTEZUMA PARA CERCAR EL VALLE DE
 PUEBLA-TLAXCALA.
 RUTAS QUE USABAN LOS AZTECAS PARA ATACAR A TLAXCALLAN Y
 HUEYOTZINCO.
 RUTAS USADAS POR CORTES PARA ENTORNAR A TLAXCALAN.
 LOS NUMEROS QUE SIGUEN A LOS LUGARES SE REFIEREN A LAS
 ANOTACIONES AL MAPA 3, pp.g.....



Anotações do mapa 1 – Claude Nigel Byam Davies

1. Tecóac, Tzompantzinco

Tecóac: Cortés, all llegar a los límites de Tlaxcallan, “fue recibido con esperanza de guerra [...] por los indios otomíes de Texohuatzinco, que guardaban aquella frontera” (Muñoz Camargo: 198).

“A este tomaron por guía de su camino para venir a México, en llegando a la provincia de Tecocac que es tierra de Tlaxcallan allí estaban poblados los otomíes y gente de guerra que guardaba la frontera o términos de los tlaxcaltecas” (Sahagún; IV:36)

Tzompantzinco: Cortés marchó a Tzopantzinco, después de la batalla en Tehuatzinco (Tecoac) (Bernal Díaz: 109). Por eso, queda por seguro dentro del territorio de Tlaxcallan, Según Andrés de Tapía, Cortés llegó a Tzompantzinco, antes de proceder a Tlaxcallan (Tapía: 592). Según López de Gómara, Cortés vio Tlaxcallan desde Tzompantzinco (López de Gómara: 168). Tzompantzinco se encuentra en el mapa 1:100,000, pero no en el mapa 1:500,000.

2. Quimichòcan, Texcallac

Estos nombres, nos indican aproximadamente donde estaba el muro, que vieron los españoles. Lorenzana dice que el cerro Quimichòcan, (que se encuentra en el mapa 1:100,000), estaba a media legua más allá del muro (mirando desde Iztac-Imaxtitlan), y a poco más de una legua adelante había una fuente llamada “Texcalaque, antes Texcalatl” (Lorenzana VII). Texcallac está también en el mapa 1:000,000 de la Comisión Geográfica de Guerra y Fomento. En el mapa 1:100,000, hecho en 1950 por el Departamento Cartográfico Militar, hay un Cerro Quimicho en el mismo lugar que corresponde a Quimichòcan en el otro mapa.

3. Iztac-Imaxtitlan

Según Lorenzana, Cortés se adelantó 5 o 6 leguas desde Iztac-Imaxtitlan hasta la cerca. Cuando vino Cortés, Iztac-Imaxtitlan estaba en lo alto del cerro, y lo bajaron de este sitio en el año 1601 (Loranzana 1770:V)

4. Tetella (de Ocampo), Tonalapan, Calpullac

Según la Relación de Tetela de Ocampo, estos tres pueblos pagaban un tributo limitado a Moteczuma (Relación de Tetela: 147)

5. Tliltepetl, Atlancatepec

Langantepeque (Atlancatepec), está mencionado como venta comarcana de Tlaxcallan (ENE 3:235).

El Códice Telleriano-Remensis menciona una gran batalla entre México y Tlaxcallan en los términos de Tetzco y Tlaxcallan (en un cerro aquellos llaman Tiluquetepel que quiere decir el cerro negro” (Códice Telleriano-Remensis: 35). Esto parece ser el Tlilquetepetl, que se ha identificado en el mapa 1:100,000 del Departamento Cartográfico Militar da también un pueblo Tliltepec al noroeste del cerro Tliltepetl.

6. Cuauhtépetl, Ocelotépetl, Huehue-Icaocayan, Coliuhcan

Hay un cerro al noroeste del pueblo de España, que los habitantes todavía llaman Cuauhtépetl. En el mapa 1:500,000 hay un pueblo llamado Quauhtepetl, que probablemente queda cerca del cerro de este nombre.

Un cerro todavía llamado Ocelotépetl queda muy cerca del pueblo actual de Sanctorum, según los habitantes de este pueblo.

La mención por Ixtlilxóchitl de “Huehue y Chocayan” sin duda se refiere al pueblo actual Huehuechoca –y siguiendo – mas al norte, Coliuhcan mencionado por Ixtlilxóchitl claramente es el Coliuco actual.

7. Hueyòtlipan

Quedaba dentro de la provincia de Tlaxcallan (Cartas de Cortés: 101). Según Muñoz Camargo, era sujeto a Tlaxcallan (Muñoz Camargo: 124). También Ixtlilxóchitl implica que estaba dentro de la frontera de Tlaxcallan (Ixtlilxóchitl, II:401).

8. Tlapechco

Ixtlilxóchitl menciona Tlapepexic, cerca del cerro Cuauhtépetl, donde los tlaxcaltecas acostumbraban pasar la noche, cuando esperaban el ejército de Nezahualpilli (Ixtlilxóchitl, II: 323). La identificación de Tlapepexic con Tlapechco (Tlalpexco en el mapa 1:100,000) desde luego es algo incierta, pero posible.

9. Chiauhitla

Chiauhitla se encuentra en el mapa 1:100,000. En el mapa 1:500,000 se llama Chautla. “Desde aquí (Chalco), Nezahualcoyotl se volvió hacia Chiauhitla para verse con los generales de Tlaxcala, Huexotzinco, y otras partes ...”

10. Iztaccuixtla

“Fueron siete principales ... a ver los caminos, sendos y términos de Huexotzinco con Tlaxcala. Llegaron hasta Iztaccuixtlan, que ahora llaman Quiahuiztlan...” (Tezozomoc: 478). Pero ahora se encuentra en el mapa 1:500,000 como Ixylacuixtla.

11. Tetzmolihcan (hoy Texmelucan)

Los españoles, después de salir de Cholollan, durmieron en Tetzmolihcan “que es de la provincia de Huexotzinco” (Carta de Cortés: 1963:120)

12. Tochimilco, Tecuanipan, Tolltzinco, Tlaxichco

Claramente hay que identificar Tochimilco con Ocopetlayòcan. La Relación de Tetala del Volcán se refiere a “Ocopetlayuca, que por otro nombre se llama Suchimilco”. En la siguiente página se habla de Tuchimilco (Relación de Tetela del Volcán: 284).

Ocopetlayòcan o Tochimilco y sus nueve pueblos sujetos “tenían por señor a quien obedecían a Moteczuma... los tenían en esta tierra como frontera de los que eran sujetos” (Relación de Ocopetlayuca: 256).

De los nueve pueblos sujetos, la mayoría no son identificables; según Vetancurt, S. Lucas Tolanango tomó el nombre de Toltzinco, que se encuentra en el mapa 1:500,000, y S Miguel Texaxaguaco se cambió en Tequanipa, también identificable en el mapa 1:500,000. En el mapa 1:100,00 hay un cerro Tlaxichco que se supone queda cerca de donde estaba S. Juan Tlaxichco, otro de los nueve pueblos sujetos.

13. Atzitzihuacan

Tezozomoc implica que quedaba dentro del territorio azteca (Tezozomoc: 462)

14. Texallòcan, Cihuatitlanapa, Coatzinco

Según su Relación, eran sujetos de Moteczuma, Texallòcan (hoy Texaluca) no da ningún tributo “más de tan solamente salir de este pueblo para el de Totomiguacan, Cholula, Huexotzinco, y la provincia de Coyxco” (Relación de Ahuatlan: 86).

15. Huitzilhuacan, Tepetlachco, Tetzmoiuhcan, Teotlatzinco, Tepetzinco, Zecalacoyòcan

Huitzilhuacan: Según García Cubas, es una hacienda en el Municipio de Iztaccuixtla, 4 Km. Al suroeste de Iztaccuixtla.

Tepetlachco: En el mapa 1:100,000 hay un pueblo San Cristóbal Tepetlaxco a 5 Km. Ao noroeste de Tetzmolihucan.

Teotlatzinco: En el mapa 1:500,000 Teotlatzinco está a 5 km. al suroeste de de Tetzmolihucan.

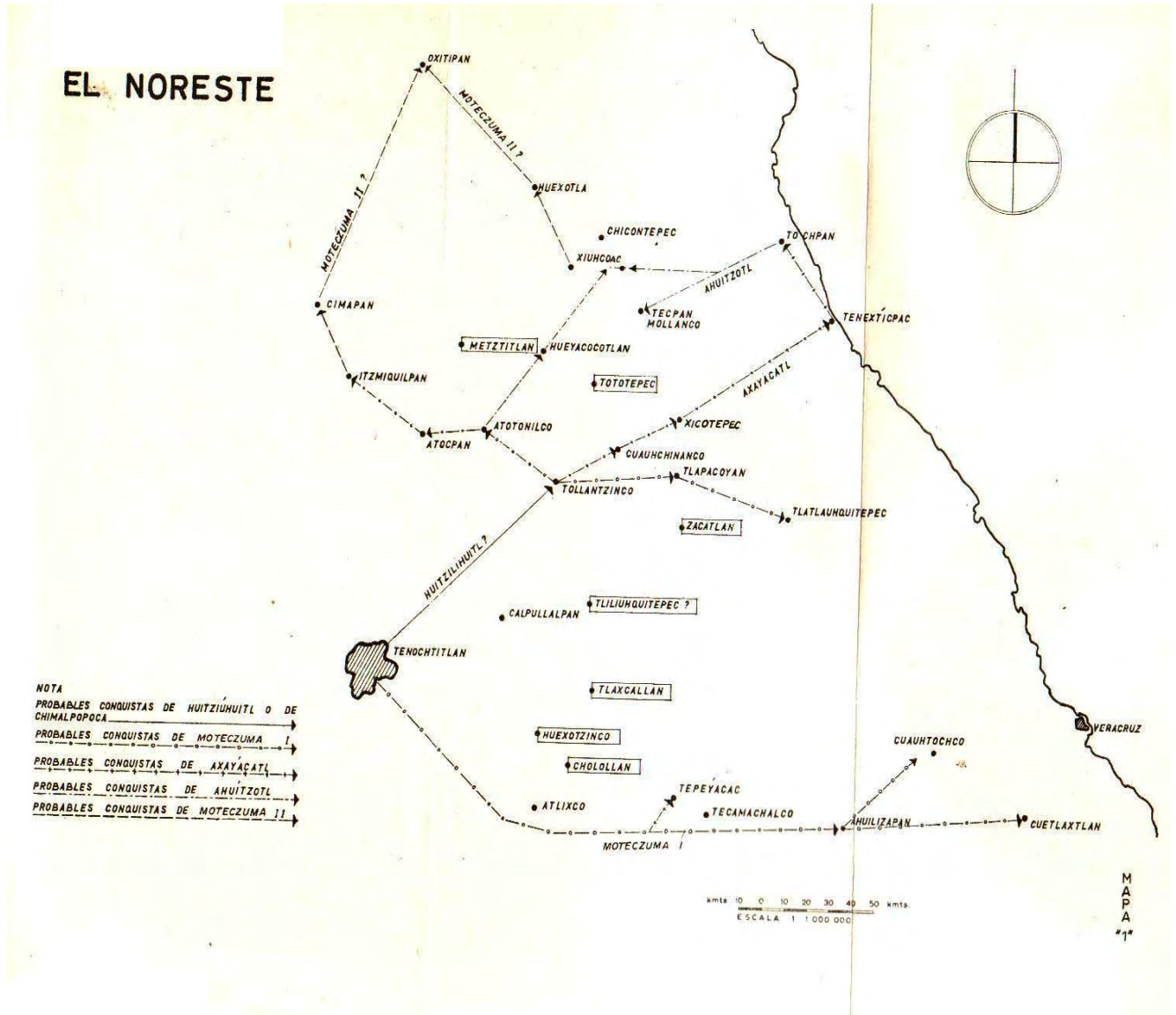
Tepetzinco: En el mapa 1:100,000 hay un Teponantzinco a 4 km. al oeste de Tetzmolihucan, que podría ser Tepetzinco.

Zecalacoyòcan: Según García Cubas, hay un pueblo Zecalacoyan a 7 Km. al noroeste de Huexotzinco.

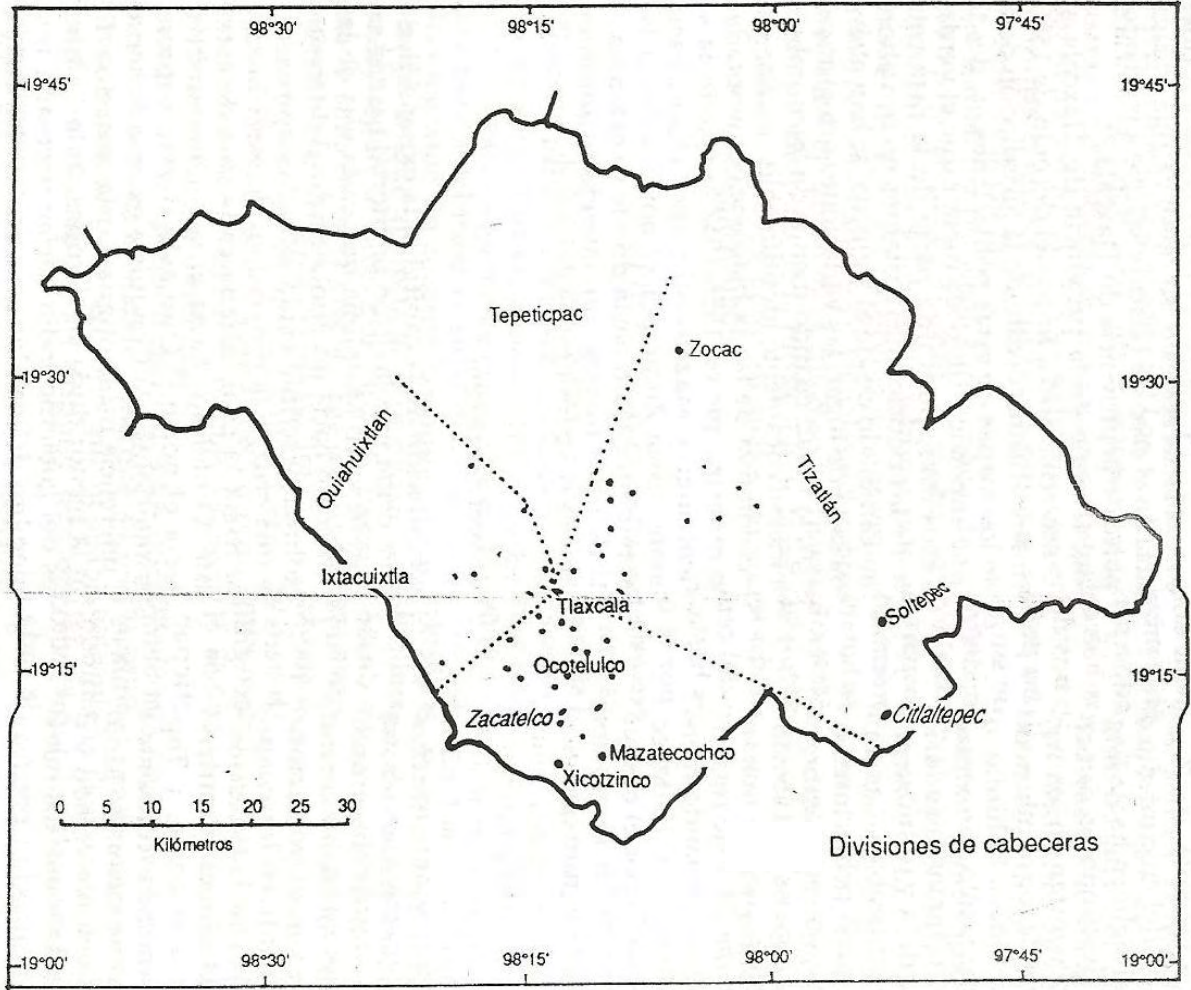
ANEXO B - Tabela 1

ESQUEMA DE LOS DATOS CRONOLÓGICOS SOBRE LAS GUERRAS DE MOTECZUMA II CONTRA LOS SEÑORIOS DEL VALLE DE PUEBLA - TLAXCALA							
AÑO	SEGUN TORQUEMADA	SEGUN CHIMALPAHIN	SEGUN IXTLILXOCHITL	SEGUN ANALES de CUAUHTITLAN	SEGUN VARIAS	OTRAS FUENTES	AÑO
9 CALLI 1501			MOTECZUMA II Sucede al trono.				9 CALLI 1501
10 TOCHTLI 1502		MOTECZUMA II Sucede al trono.					10 TOCHTLI 1502
11 ACATL 1503	MOTECZUMA II Sucede al trono.	Campaña Azteca contra Atlixco.		MOTECZUMA II Sucede al trono.	CRONICA X		11 ACATL 1503
12 TECPATL 1504	Comienzo de la Guerra entre Tlaxcallan y Huexotzincó aliado con los Aztecas.		Campaña Azteca controg Atlixco.		A) Campaña Azteca contra Huexotzincó, Atlixco y Chollolan. B) Campaña Azteca contra Huexotzincó y Atlixco. C) Campaña Azteca contra		12 TECPATL 1504
13 CALLI 1505			(Año incierto pero antes de 1508)		Chalololan, Huexotzincó y Atlixco. (Años inciertos pero antes de 1507)		13 CALLI 1505
1 TOCHTLI 1506		Campaña de Amaquemecan-Chalco contra Huexotzincó.					1 TOCHTLI 1506
2 ACATL 1507	Campaña Azteca contra Atlixco.			Guerra de Cuauhtitlan contra Huexotzincó y Atlixco.			2 ACATL 1507
3 TECPATL 1508			Campaña Azteca contra Atlixco.	Guerra de Cuauhtitlan contra Huexotzincó.			3 TECPATL 1508
4 CALLI 1509	Campaña Azteca contra Huexotzincó.						4 CALLI 1509
5 TOCHTLI 1510							5 TOCHTLI 1510
6 ACATL 1511		Campaña de Amaquemecan-Chalco contra Huexotzincó.	Campaña Azteca				6 ACATL 1511
7 TECPATL 1512		Los Huexotzincos entran a Tenochtitlan.	contra Tlaxcalli				7 TECPATL 1512
8 CALLI 1513			(Año incierto pero entre 1510 y 1515)	Guerra de Cuauhuc contra Huexotzincó.			8 CALLI 1513
9 TOCHTLI 1514					CODICE TELLERIANO-REMENSIS Los Aztecas sujetan la Provincia de Huexotzincó		9 TOCHTLI 1514
10 ACATL 1515	Huexotzincó pide ayuda a los Aztecas. Los Huexotzincos se refugian en Tenochtitlan.	Los Huexotzincos se refugian a Tenochtitlan (por segunda vez?) Guerra de Aztecas-Huexotzincos contra Tlaxcallan.		Los Huexotzincos se refugian a Tenochtitlan.	HISTORIA DE MEXICO POR SUS PINTURAS Los Huexotzincos se refugian a Tenochtitlan CODICE DE AUBIN Los Huexotzincos se refugian a Tenochtitlan ANALES DE TLATELOLCO Los Huexotzincos se someten		10 ACATL 1515
11 TECPATL 1516	Victoria de Huexotzincó contra Tlaxcallan.				HISTORIA TOLTECA-CHICHIMECA Victoria de Tlaxcallan sobre Huexotzincó.		11 TECPATL 1516
12 CALLI 1517	Campaña Azteca contra Tlaxcallan. ¿Victoria Tlaxcalteca?	Los Huexotzincos vuelven a su casa.			ANALES DE TLATELOLCO Los Tlaxcaltecos derrotan a los Aztecas. Sublevación de los Huexotzincos.		12 CALLI 1517
13 TOCHTLI 1518	Los Huexotzincos vuelven a su casa.	Guerra entre Aztecas y Huexotzincos		Los Huexotzincos vuelven a su casa.			13 TOCHTLI 1518
1 ACATL 1519	CONQUISTA	CONQUISTA	CONQUISTA	CONQUISTA	CONQUISTA		1 ACATL 1519

ANEXO C - Mapa 2 – O Noroeste



ANEXO D - Mapa 3 – As quatro cabecas (povoados) de Tlaxcala



ANEXO E - Mapa 4 – Tlaxcala

